



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Júlio Altieri Monteiro

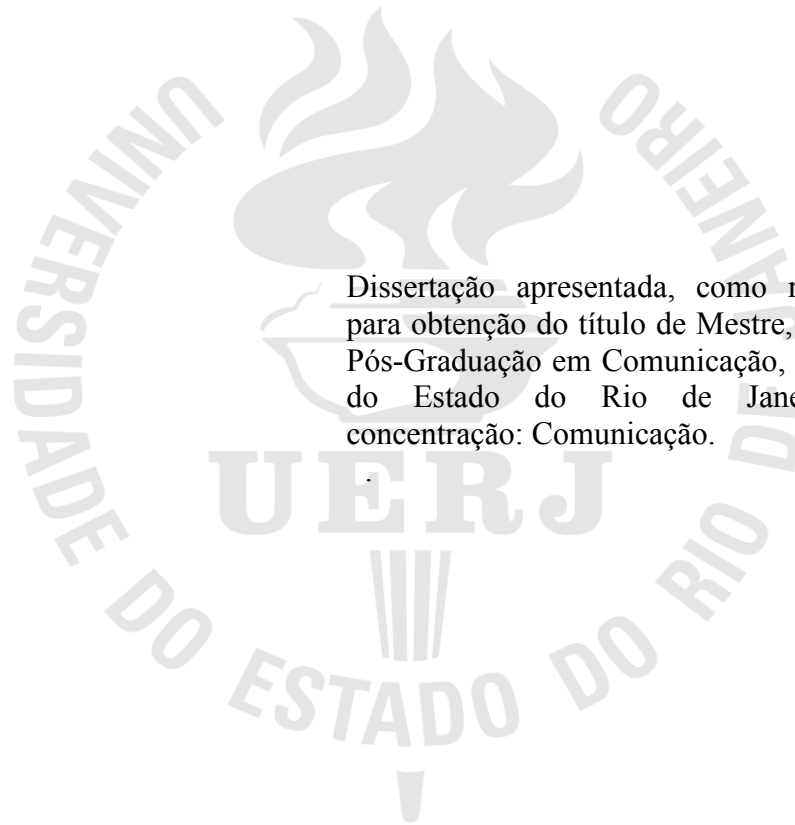
**Ler no tempo: práticas de leitura em impressos e em *e-readers***

Rio de Janeiro

2014

Júlio Altieri Monteiro

**Ler no tempo: práticas de leitura em impressos e em *e-readers***



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

M775	Monteiro, Júlio Altieri. Ler no tempo : práticas de leitura em impressos e em <i>e-readers</i> / Júlio Altieri Monteiro. – 2014. 127 f.
	Orientador: Márcio Souza Gonçalves. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.
	1. Comunicação – Teses. 2. Livros e leituras – Teses. I. Gonçalves, Márcio Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade do Comunicação Social. III. Título.
al	CDU 028.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Júlio Altieri Monteiro

**Ler no tempo: práticas de leitura em impressos e em *e-readers***

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Aprovada em 24 de abril de 2014.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves (Orientador)  
Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Cristina Régis Martins de Oliveira  
Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marialva Carlos Barbosa  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2014

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação aos meus pais, Ivan e Eleonora, pelo carinho e dedicação contínuos.  
Dedico também a Karina Scriviner e todos que me apoiaram.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Márcio Gonçalves, pela dedicação e confiança em meu trabalho.

Às professoras Fátima Régis e Marialva Barbosa, pela atenção e disposição do seu tempo nesta banca.

A todos os leitores que se dispuseram nos contar sobre suas vidas durante as longas entrevistas.

Aos meus colegas e amigos de estudo e trabalho pelas preciosas ajudas na estruturação deste projeto e no percurso de todo o mestrado. Dedico um agradecimento especial a Rafael Barbosa, quem tantas vezes aconselhou-me e contribuiu com esta dissertação. Além de ser um excelente navegador na estrada, exceto em Niterói.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo auxílio fundamental durante esses dois anos.

À Karina Scriviner e família, pelo carinho e acolhida especiais.

Finalmente, aos meus pais e a minha irmã Clarissa, que sempre estiveram ao meu lado, depositando confiança nos caminhos que segui.

Por tudo, muito obrigado.



*New Things (2011), Alex Noriega.cional*

## RESUMO

ALTIERI, Júlio. *Ler no tempo* : práticas de leitura em impressos e em *e-readers*. 2014. 127f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Tratando do tema dos meios de comunicação e de seus usos, esta dissertação discute as possíveis transformações nas práticas de leitura diante do surgimento dos novos suportes textuais baseados na tecnologia digital. O estudo mantém seu escopo de análise nas práticas de leitura por lazer estabelecidas em livros impressos e em livros eletrônicos (*e-books*) que são consumidos em *e-readers*. Entre outros, discutem-se a questão da linearidade ou fragmentação da leitura, os hábitos de marcações e anotações, locais de leitura e posturas, preferências de suportes. Os dados analisados foram obtidos através de entrevistas com 16 leitores divididos em dois grupos, um de leitores de *e-readers* e outro de leitores do impresso. Os resultados foram estudados comparativamente e mostram semelhanças e diferenças nas práticas de leituras dos dois grupos, que podem ser associadas à nova tecnologia e ao leitor eletrônico, tanto quanto às intenções e motivos de leitura, ao formato do texto e às particularidades do leitor.

Palavras-chave: Práticas de leitura. Digital. Suportes textuais. *E-reader*. Impresso.



## ABSTRACT

ALTIERI, Júlio. *Reading through time* : reading practices of printed books and e-readers. 2014. 127f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Addressing the subject of media and its uses, this work discusses the possible changes in reading practices on the emergence of new textual media based on digital technology . The study maintains its scope of analysis in the practice of reading for pleasure established in printed books and electronic books (e-books) that are consumed on e-readers. Among others, we discuss the question of linearity or fragmentation of the reading habits, of markings and annotations, local reading and attitudes, media preferences. The data analyzed here was obtained through interviews with 16 readers divided into two groups, one composed of e - reader readers and the other of printed books readers. The results were studied comparatively and show similarities and differences between these two groups of readers, which may be associated with the new technology and the e-readers as much as to the intentions and motives of reading, the text format and the particularities of the reader .

Keywords: Reading practices. Digital. Textual media. E-reader. Print.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Caracteres alfabéticos em notação ASCII .....	52
Gráfico 1 -	Percentual de domicílios com computador por classes - Brasil (2008-2012) .....	54
Figura 1 -	Hipertexto com destaque aos elementos de conexão aparentes, as âncoras	64
Figura 2 -	Esquema representando a navegação por um conjunto de hipertextos .....	75

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1	<b>A LEITURA: HISTORICIDADE, APROPRIAÇÃO E OS EFEITOS DOS SUPORTES TEXTUAIS</b> .....	16
1.1	<b>A leitura: historicidade, apropriação e práticas</b> .....	16
1.1.1	<u>A historicidade da leitura</u> .....	20
1.1.2	<u>A apropriação: entre coerções e liberdades</u> .....	21
1.2	<b>A conformação material do livro e seus efeitos socioculturais e de sentido</b> .....	25
1.3	<b>Em suma</b> .....	31
2	<b>PRÁTICAS DE LEITURA: NO MANUSCRITO E NO IMPRESSO</b> .....	32
2.1	<b>"Rastreamento" as práticas de leitura</b> .....	32
2.2	<b>Práticas de leitura no manuscrito e no impresso</b> .....	39
2.2.1	<u>A leitura na Grécia e em Roma e sua passagem para a Idade Média : leitura em voz alta e leitura silenciosa</u> .....	39
2.2.2	<u>Leituras no rolo e no códice: transição</u> .....	43
2.2.3	<u>A invenção da prensa tipográfica</u> .....	46
3	<b>O DIGITAL: SEUS TEXTOS E SUAS PRÁTICAS DE LEITURA</b> .....	50
3.1	<b>As novas tecnologias de comunicação: um breve relato do desenvolvimento dos computadores e da internet</b> .....	50
3.1.1	<u>Os computadores</u> .....	51
3.1.2	<u>A Internet</u> .....	55
3.2	<b>A tecnologia do texto digital: os hipertextos e os livros em <i>e-readers</i></b> .....	59
3.3	<b>As Práticas de leitura em ambientes digitais</b> .....	69
4	<b>PRÁTICAS DE LEITURAS DE LIVROS POR LAZER, NO IMPRESSO E EM E-READERS: UMA ANÁLISE</b> .....	86
4.1	<b>Metodologia</b> .....	86

4.1.1	<u>Levantamento bibliográfico</u> .....	86
4.1.2	<u>Técnica de coleta de dados</u> .....	86
4.2	<b>Resultados</b> .....	89
4.2.1	<u>Leitores de livros em e-readers</u> .....	89
4.2.2	<u>Leitores de livros impressos</u> .....	101
4.2.2.1	Os leitores de livros impressos e suas leituras no digital .....	108
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	111
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	119
	<b>APÊNDICE A – Tópicos Guia</b> .....	124

## INTRODUÇÃO

Mudanças nos suportes de leitura podem provocar mudanças nas práticas de leitura (CHARTIER, 1999). Baseada neste princípio, esta pesquisa pretende estudar comparativamente as práticas de leitura por lazer de livros eletrônicos em *e-readers* e as de livros impressos.

Notícias relativamente recentes apontam para o crescente predomínio das publicações eletrônicas dentre as vendas de livros. Uma das maiores varejistas do mundo, a Amazon.com<sup>1</sup>, afirmou, no ano de 2011, que já vendia<sup>2</sup> mais livros digitais do que versões impressas. Essas e outras notícias chamam atenção para a temática proposta e enfatizam sua importância. Algumas que indicam o contínuo aumento do consumo de textos digitais de todas as naturezas: *e-books*, notícias, artigos acadêmicos, mensagens pessoais (*timelines* de bate-papo em redes sociais), estes que “rivalizam” com os textos impressos pela atenção e o tempo das pessoas.

O entendimento da relação entre leitores e suportes de leitura, expresso na noção das práticas de leitura dentro da obra do historiador francês Roger Chartier, provém um proveitoso caminho para a compreensão do processo de produção e transmissão da informação escrita e seus efeitos na cultura, questões tão relevantes para os estudos da comunicação. Desta maneira, o presente projeto volta-se para a exploração e exame da leitura de textos no meio digital inspirada pela perspectiva de Chartier.

Ao longo dos seus milênios de existência, a comunicação escrita passou por um sem número de transformações. Os livros, por exemplo, já foram elaborados manualmente, feitos de papiro ou pergaminho, em formato de rolo e, depois, códice. No século XIV, a invenção de Gutenberg trouxe um novo modelo de produção para os textos no geral, a impressão. O Renascimento marcou uma nova era de padrões estéticos e estruturais. As inovações tecnológicas seguintes, marcadas principalmente pelas mudanças das matrizes energéticas, através das revoluções industriais, tiveram grande peso na maneira como se produz textos,

---

<sup>1</sup> A Amazon.com figura como a 23ª maior varejista do mundo, segundo a pesquisa Global Powers of Retailing, de 2013, realizada pela Deloitte e a STORES Media. Informações obtidas em: < <http://info.abril.com.br/noticias/mercado/amazon-vende-mais-e-book-que-livro-de-papel-19052011-26.shl> > Acesso em 26 de jul. 2013.

<sup>2</sup> Fonte: Revista Época. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI234832-15224,00-AMAZON+VENDE+MAIS+LIVROS+DIGITAIS+QUE+LIVROS+DE+PAPEL.html> >. Acesso em: 26 jul. 2013. Fonte: Revista Info. Disponível em: < <http://info.abril.com.br/noticias/mercado/amazon-vende-mais-e-book-que-livro-de-papel-19052011-26.shl> >. Acesso em: 26 de jul. 2013.

acelerando a reprodução. Cada uma dessas fases pela qual passaram os textos mereceu atenção dos pesquisadores do campo de estudos da história do livro. Hoje, os suportes textuais digitais, nascidos da revolução digital, vêm crescendo em quantidade e uso, por isso mostram-se merecedores deste tipo de cuidado, para que sejam compreendidos seus impactos na vida das pessoas.

O ponto principal do trabalho se estabelece aqui através da chamada *tripla revolução do digital*, a qual, segundo Chartier (1998), afetaria a produção dos textos, seus formatos e as práticas de leitura. Mas nosso principal interesse são as práticas de leitura, isto é, as formas diversas como nos apropriamos daquilo que lemos. A busca central que se estabelece nessas páginas é a discussão da possibilidade de mudanças na maneira como lemos em comparação com as leituras que vinham sendo observadas no impresso através da história.

Para realizar esta empreitada optou-se pelo caminho prático, que agrega ao arcabouço teórico fornecido pelo estudo da bibliografia sobre as práticas de leitura, um conjunto de entrevistas, as quais objetivaram coletar informações a respeito das leituras de alguns indivíduos.

Em vista de não trabalhar com um escopo de leituras fora do alcance e do tempo disposto para a realização de uma dissertação, optou-se, primeiro, por focar o estudo nas leituras de lazer. Segundo, restringimos os formatos para os livros eletrônicos – *e-books* – e livros impressos, pois deveriam ter um nível de correspondência, mesmo que discutível<sup>3</sup>. Terceiro, quanto ao *hardware* de leitura, o suporte físico dos *e-books*, foram escolhidos os *e-readers*, principalmente porque este é um dispositivo expressivo entre os leitores e também dedicado à atividade da leitura, portanto, assim como os *e-books*, aproxima-se da estrutura física dos títulos impressos.

Para organizar esta discussão, estruturou-se em quatro capítulos este texto, que serão apresentados de forma sucinta nesta Introdução.

Ao primeiro capítulo cabe, a apresentação do conceito de leitura adotado (CHARTIER, 1998; 1996), juntamente com seus elementos chave, a *historicidade* e a *apropriação*, que nos falam sobre a mutabilidade do "ler" ao longo do tempo e entre diferentes indivíduos. Com isto, compreende-se a leitura é diferente em cada época e entre cada pessoa. Em seguida, falaremos do trabalho de Donald Francis McKenzie (2002; 2004) e sua noção de que a conformação material dos textos tem efeitos socioculturais e de sentido.

---

<sup>3</sup> Atualmente há uma série de discussões que tenta definir o que são os livros eletrônicos, como caracterizá-los, e se realmente deveríamos chamá-los assim, já que se tratam de algo bastante distinto do objeto em papel que lhe "empresta" a denominação. Tal discussão será trabalhada com mais profundidade no terceiro capítulo.

Conseqüentemente, ratifica-se o entendimento de que mudanças radicais na forma física dos livros, como esta que promove a tecnologia digital, podem ter conseqüências que vão além daquelas mais aparentes. Por meio dessas articulações, busca-se explicar a relação desses conceitos com as *práticas de leitura*, as quais seriam reflexo de uma complexa "articulação" entre esses elementos temporais, pessoais e tecnológicos, não a determinação de um único fator.

No segundo capítulo, iremos estudar a história das práticas de leitura. Sem fazer uma grande retomada de como se lia em cada período histórico, almejamos apenas, em primeiro lugar, uma breve visão de certas maneiras pelas quais se estudaram as práticas de leitura para a construção de sua história.

Ainda no segundo capítulo, perpassamos por períodos históricos que abrigam episódios importantes de revoluções e transformações menores na leitura. Estes episódios são: a passagem da antiguidade greco-romana até a Idade Média, ressaltando a transição da noção de leitura ligada à oralização para aquela do ato silencioso; o surgimento do códice, analisando comparativamente as condições de leitura neste recém inventado suporte com aquelas do já milenar rolo; por último, a invenção da presa tipográfica, pondo em debate o seu status de revolução da leitura. A exploração destes episódios, primeiramente, provém situações equivalentes ao que ocorre hoje com o digital, pelas quais podemos nos orientar. Depois, reforçam o conceito exposto no capítulo anterior, de uma leitura mutável.

No terceiro capítulo, finalmente adentramos a temática principal para falarmos das novas tecnologias de comunicação, iniciando por um breve relato do desenvolvimento dos computadores e da internet, tentando agregar informações – incluindo estatísticas – que apresentem de que forma tais recursos estão presentes na sociedade contemporânea, além de explicar, de maneira básica, o funcionamento desses que são a "base" para os livros eletrônicos.

Os *e-books* são o foco de todo o segundo item, onde mantemos a linha temática da tecnologia para nos aprofundarmos no funcionamento de um *hipertexto* – "estrutura" da maioria dos textos eletrônicos – e dos *e-readers*, discutindo ainda origens, definições, classificações, aprimoramentos e impactos.

Com o caminho aberto por essa revisão da base tecnológica que cerca esta dissertação, em um terceiro estágio, dedicamo-nos às pesquisas nacionais e internacionais já realizadas sobre as práticas de leitura no digital, quando veremos as caracterizações que as descrevem como não lineares, superficiais, fragmentadas, rápidas, com baixa concentração, absorção de informações e atenção sustentada, dentre outras coisas.

O quarto e último capítulo é voltado à apresentação do levantamento bibliográfico, da técnica de coleta de dados e dos resultados das entrevistas. É contemplada toda a metodologia utilizada na etapa empírica do trabalho, que envolveu entrevistas com dezesseis indivíduos, uma metade composta por leitores de livros impressos e a outra de leitores de livros eletrônicos em *e-readers*.

A segunda etapa do quarto capítulo, foi dedicada a elaboração de "quadros" que agregam informações sobre os leitores e suas leituras em cada um dos dois grupos de entrevistados. Estes quadros por si só já agregam resultados brutos que são posteriormente trabalhados por comparação no quinto e último capítulo, no qual, por meio de uma série de considerações, busca-se responder à questão central deste trabalho: "as práticas de leitura por lazer de livros no impresso diferem daquelas dos livros eletrônicos?".



# 1 A LEITURA: HISTORICIDADE, APROPRIAÇÃO E OS EFEITOS DOS SUPORTES TEXTUAIS

## 1.1 A leitura: historicidade, apropriação e práticas

Nesta parte inicial deste estudo vamos tratar da visão de leitura adotada, de como ela se constrói por meio dos conceitos de *historicidade* e *apropriação* e qual a relação desses com as *práticas de leitura*, que compreendem tanto os hábitos como as formas de ler.

A concepção de leitura adotada vem do historiador cultural francês Roger Chartier, autor de diversos trabalhos sobre a história dos livros e da leitura com foco especial entre os séculos XVI - XVIII. Empregou-se o conceito de leitura de Chartier neste trabalho, primeiramente, para manter a coesão e a coerência com outros fundamentos teóricos que também tiveram como fonte a obra do historiador francês – as *práticas de leitura*, a *Tripla Revolução do Digital*. Em segundo lugar, porque Chartier nos oferece uma ampla bibliografia – que produz individualmente e em conjunto com outros nomes dos estudos da leitura, como o historiador italiano Guglielmo Cavallo, o norte-americano Robert Darnton e mais grandes nomes – a qual se revela como uma ampla fonte de sobre as práticas de leitura do passado, suas grandes transformações e a relação dessas com os suportes textuais de cada época.

Nesta pesquisa, entendemos a leitura como "[...] é sempre uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos" (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs.), 1998, p. 6) É uma ação humana, ou seja, não fixa, cheia de práticas e porquês, que se definem em conformidade com aspectos mais diminutos do cotidiano. É, igualmente, histórica e se dá por meio da apropriação.

Dentro do contexto da descrição feita no parágrafo anterior, torna-se proveitoso notar que a leitura nem sempre foi enxergada assim, principalmente, devido à maneira como alguns de seus pesquisadores a estudavam. O estudo da sua história<sup>4</sup> "[...] foi durante muito tempo

---

<sup>4</sup> O estudo da história da leitura frequentemente esteve ligado aqueles dos suportes textuais, como a história do livro. Segundo Frédéric Barbier (2008), a história dos livros na França pode ser dividida em quatro períodos. O primeiro, entre os séculos XVII e XVIII, onde é realizada por colecionadores e bibliófilos, que conduzidos por mudanças no mercado passam a produzirem catálogos e estudos monográficos. A segunda etapa ocorre no século XVIII e corresponde a um momento de erudição, onde normalmente livreiros irão preocupar-se em observar também peças de arquivos para "[...] reconstituir a carreira dos grandes tipógrafos do passado [...]" (2008, p. 20). A terceira etapa é um momento onde o livro "traz unidade", manuais propõem uma descrição precisa das condições de fabricação, da forma material do livro, de sua difusão e conservação. Ainda não estão presentes questões sobre o campo literário, incluindo o tema do autor, do texto e do leitor. A quarta etapa é

partilhado por dois tipos de abordagens: as que desejavam deslocar ou ultrapassar a história literária tradicional e as que se baseavam numa história social dos usos do escrito" (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p.36). Movimentos surgiram para mexer nesse quadro. Um destes, representado, por exemplo, pela *reader-response theory*<sup>5</sup> à moda americana, criou tentativas de "[...] 'excluir' a leitura da obra, para compreendê-la como uma interpretação do texto não inteiramente comandada pelas disposições lingüísticas (sic) e discursivas" (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 36). Outra vertente, apareceu quando a história da leitura "[...] encontrou um poderoso auxílio na história da alfabetização e da escolarização, a das normas e das competências culturais e a da difusão e dos usos do impresso" (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p.36). Como nos dizem Chartier e Cavallo, o resultado desses movimentos foi a articulação entre as diferentes partes, que resultou em uma atenção dedicada às formas dos livros, às disposições das páginas e à maneira a qual isto afeta a produção dos sentidos no texto. Além da observação dos traços de circulação de um livro (marcas de posse, venda, empréstimo, doação, etc.) e dos traços de leitura (destaques, anotações, rabiscos, riscos, etc.). A proposta que Chartier, Guglielmo Cavallo e outros autores constroem em "A História da Leitura no Mundo Ocidental" agrega a essa abordagem o reconhecimento de uma leitura livre, mas acompanhada de coerções e traços particulares dos leitores que resultarão em suas *práticas de leitura*.

Conseqüentemente, dentro dessa perspectiva, a leitura que fizemos ontem e a que fazemos hoje, independente de ser um mesmo trecho, de um mesmo livro, de uma mesma edição não é a mesma em si, apesar de ser uma ação singular reconhecível. O essencial é que estudemos a leitura de forma minuciosa, decifrando até os pequenos gestos, por isso, tudo aquilo que o ato de ler envolve é considerado *prática de leitura*.

Ainda quanto à leitura, Chartier nos elucida:

A leitura é sempre apropriação, invenção produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias.

---

inaugurada por Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, a história do livro passa a se articular "[...] com uma história social, ela mesma ampliada a todos os aspectos da vida em sociedade. A história do livro se faz, então, a princípio, história econômica (as condições da produção, a produção mesma dos livros e sua difusão), mas também história das culturas e das práticas culturais (construção, recepção, circulação e apropriação dos textos), portanto, também história das categorias sociais, políticas, até simbólicas das diferentes épocas" (2008, p. 21).

<sup>5</sup> A *reader-response theory* é uma teoria literária surgida no fim dos anos 1960 que foca na reação do leitor ou da audiência a um texto em particular. (Fonte: Poetry Foundation. Disponível em: <<http://public.wsu.edu/~delahoyd/reader.crit.html>>. Acesso em: 2 dez. de 2013.)

Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 1998, p. 7, grifo nosso).

Neste contexto, saber se um livro poderia ser manejado com uma só mão, porque sua forma em códice permitia isto, deixando a outra mão livre para anotações, é tão relevante quanto qualquer outro dado duro, estatístico sobre o índice de alfabetização, etc. (CHARTIER, 2004, p. 13). As mínimas modificações na forma de ler possibilitavam uma experiência de leitura diferente e, por sua vez, uma apropriação diferente do que foi lido e manuseado.

O estudo atual das práticas de leitura pode ser visto, em parte, como um reflexo deste olhar mais humano para o fenômeno da interação entre meios de comunicação e homens, reflexo da atenção ao que poderíamos chamar de paradigma dos *usos e apropriações* (GONÇALVES, 2011, p. 2), que começava a apontar para as atuações dos agentes humanos nas transformações históricas da comunicação. Esta posição teórica já estava presente no historiador francês Michel de Certeau (GONÇALVES, 2011, p.2-3), no bibliógrafo neozelandês Donald Francis McKenzie, assim como em Roger Chartier e o historiador norte-americano Adrian Johns (GONÇALVES, 2011).

Em vista de melhor elucidar essa tomada de rumos, recorreremos a Jean-François Gilmont em sua explicação para o despertar de interesse entre os estudiosos sobre a ação da imprensa na difusão da Reforma:

Enquanto o papel da imprensa na implantação da Reforma é afirmado desde o século XV, o modo dessa ação só passou a ser estudado recentemente. A história do livro vê com efeito [sic] seu centro de interesse deslocar-se do texto para o leitor. Não basta mais reconstituir o *corpus* das publicações de uma época dada, nem identificar a rede de impressores e de vendedores que as difundiu; é preciso ainda determinar o tipo de leitura que delas se fez. De que maneira esses textos agiram sobre seu tempo? (GILMONT in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1999, p. 59).

Temos, então, o acréscimo da observação até de diminutos aspectos da leitura e da vida dos leitores – encarados como importantes práticas sociais, as quais auxiliariam a "explicar" uma época. No entanto, apesar dessa mudança na forma de pesquisa, não é deixada

de lado a fundamentação por dados estatísticos, frequente nos estudos tradicionais da leitura, com isto, tem-se a soma de "ferramentas" de pesquisa. Porcentagens, números e datas estão massivamente presentes, junto de um acompanhamento forte das transformações destes índices ao longo dos anos e séculos em regiões específicas. Como exemplo, temos a cidade de Troyes, na França, alvo de delicada análise no livro “Leituras e leitores na França do Antigo Regime” (CHARTIER, 2004), na busca de compreender a *Biblioteca Azul*, uma estratégia editorial peculiar adotada pela família Oudot.

É levada em conta, nestes trabalhos de catalogação de dados, uma ampla gama de informações sobre um texto impresso: sua data de impressão, anos e vezes em que chegou a ser reimpresso, as cidades e editores que o imprimiram, diferenças e distorções entre as edições, o uso comum do texto, o tipo de público que costumava usá-lo, a qualidade do material empregado no suporte, a estratégia editorial adotada pelos impressores para lançá-lo, entre tantos outros. Essa tomada sobre o universo dos textos advém da ideia de que “a leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é uso do corpo, inscrição de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros” (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 8).

Contudo, o que permite um projeto de

[...] história da ou das leituras, que não caísse numa espécie de coleção indefinida de singularidades irreduzíveis, é a existência de técnicas ou de modelos de leitura que organizam as práticas de certas comunidades: a dos místicos, a dos mestres da escolástica da Idade Média, a de determinada classe social do século XIX etc (CHARTIER, 1999, p. 92).

Tal compreensão do mundo da leitura remete novamente às ideias de Michel de Certeau (apud CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 5) que, entende os textos e a escrita da seguinte forma: “[...] a escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um espaço e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução” O que, para Chartier, “estabelece uma distinção fundamental entre o traço escrito, seja ele qual for, fixado, durável, conservador, e suas leituras, sempre na ordem do efêmero, da pluralidade, da invenção” (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p.5). Essa visão da leitura e de como funciona sua natureza, efêmera, plural e inventiva, tem suas raízes em uma das principais teses de Chartier, a de que a leitura é histórica. A historicidade da leitura mostra-se para nós como o segundo pilar da base teórica presente nesta dissertação.

### 1.1.1 A historicidade da leitura

Em uma das primeiras páginas da introdução do livro "História da Leitura no Mundo Ocidental 1" (1998), organizado por Chartier e Cavallo, nos deparamos com a preocupação dos pesquisadores em deixar clara a importância de se caracterizar as diversas formas de leitura nas sociedades ocidentais desde a Antiguidade (1998, p.6).

Esse cuidado tomado pelos autores evidencia um aspecto de seu pensamento, que é a historicidade da leitura. A ideia compreende que o ato de ler não é fixo no tempo e espaço, ele se multiplica em suas práticas, portanto em suas formas e hábitos, isto é, como se lê, onde, quando, quem, o quê, por que, para que, etc (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, passim).

Debruçando-se sobre a investigação das práticas de leitura presentes no campo antes e depois da Revolução Francesa, pode-se entender melhor tal variabilidade histórica. Um estudo da época sobre os hábitos de leitura, dirigido por um abade chamado Grégoire, foi uma das fontes de informação para os historiadores que se ativeram ao período (CHARTIER, 2004, cap. 6). Em seus questionários o abade recebeu respostas que indicavam o aumento nas leituras do campo e mudanças nas preferências de leitura dentro desse espaço rural. A população passou a buscar muitos textos relacionados à Revolução, informando-se até sobre a constituição. Chartier acrescenta que, a Revolução alterou “[...] os hábitos culturais mais arraigados. O evento desencadeou um desejo de leitura, de informação pelo impresso, que torna obsoleta a antiga biblioteca rural” (CHARTIER, 2004, p. 258).

As revoluções são eventos da história considerados muito importantes, devido ao seu caráter de rompimento brusco de tradições, entre outras estruturas sociais. Na história da leitura sua atuação não é exceção. Não sem controvérsias, estas fortes viradas de rumos aparecem sob a perspectiva aplicada por Chartier, portanto, caracterizam a variabilidade histórica do hábito de ler, assinalando os momentos de mudanças radicais.

É importante notar, contudo, que a posição de Chartier, juntamente com Cavallo, é de "cautela" ao usar o termo “revoluções” para a leitura (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 26-32). Eles veem um uso exagerado do conceito de revoluções pelos historiadores tradicionais da cultura escrita e, passa, então, a afirmar que é preciso discutir se todos os diagnósticos de revolução conferidos são realmente adequados. Talvez algumas revoluções sejam mais mutações ou transformações, do que necessariamente uma revolução.

Ainda assim, o historiador lionês enxerga algumas revoluções no passar dos séculos de leitura, desde o surgimento da escrita alfabética, na Grécia do século VIII A.C., até nossos dias (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, passim). Em sua perspectiva, destaca-se uma revolução, consequência da passagem dos livros de rolo para os de códice. Esta mudança acarretou incontáveis alterações em todo o universo da leitura, a forma de manuseio do livro é só uma das mais impactantes.

Mas os efeitos do correr da história da leitura não são só perceptíveis nas mudanças, sejam revoluções ou não. Enxergam-se transformações mínimas que, devem ser da mesma forma catalogadas e estudadas. Mas, sejam grandes ou pequenas mudanças, o que realmente nos interessa é o resultado disso, as possíveis alterações nas práticas de leitura.

E é a mais recente dessas fortes mudanças que conduz este trabalho. Segundo Chartier (1998, 1999), pela primeira vez na história do livro e da leitura toma forma uma revolução em três níveis: o da técnica, o da forma do suporte e o das práticas de leitura.

[...] a textualidade eletrônica é, evidentemente, uma revolução tecnológica, que transforma totalmente a forma de inscrição da cultura escrita, substituindo pela tela do computador todos os objetos e a cultura impressa: o livro, o jornal, a revista, etc. E isso implica, ou permite, uma transformação da relação com o texto escrito pelo leitor (CHARTIER, 2004, p. 2).

Acarretada pela tecnologia digital, essa revolução molda o contexto das práticas de leitura, as possibilidades e condições desse hábito.

Concluimos, assim, um dos fundamentos dessa pesquisa, a possibilidade da variação histórica das formas de leitura no ambiente digital, que surge com a passagem dos textos para esta nova plataforma tecnológica.

### 1.1.2 A apropriação: entre coerções e liberdades

Todos aqueles que podem ler os textos não os leem da mesma forma [...]

*Guglielmo Cavallo e Roger Chartier*

Outro ponto de referência teórico com que Chartier lida para caracterizar a leitura é o entendimento de que ler é um ato de apropriação. Neste item, nos aprofundaremos nesse assunto.

Pode-se dizer que a apropriação está ligada à forma como compreendemos, no sentido amplo do termo, os textos que lemos, desde os usos – que não somente ler<sup>6</sup> – aos quais lhes dedicamos até a absorção das informações neles contidas. A apropriação está também relacionada às diversas práticas e interpretações, tanto do conteúdo escrito como do conteúdo visual (capa, cores, tipo de papel, suporte e etc.), que podemos dar aos textos, assim como conferimos sentidos e significações às coisas do nosso dia-a-dia. Conforme essa visão, poderíamos dizer que o texto é um elemento maleável dentro dos ambientes e contextos que circula, pois é afetado por estes em nível forma e função (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p.5-7).

É importante destacar que, não necessariamente um texto será lido, se pertence a uma pessoa. O livro pode ser possuído não como um objeto de leitura, Chartier compreende usos para o livro muito além de suas funções imediatas, que são o armazenamento de informações e a leitura destas. É essa a ideia da apropriação, mostrar a variabilidade de usos do livro.

Chartier, assim declara:

Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja ele qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são, elas próprias, múltiplas, diferentes e segundo as épocas, os lugares, os ambientes (CHARTIER, 2004, p. 173).

É então, aqui que se destaca novamente a aplicação da abordagem metodológica escolhida por Chartier, pois esta pôde observar a apropriação, para além da desigual distribuição do livro, a qual mascarou a pluralidade de usos e também levou ao esquecimento o fato de os textos serem sempre tomados dentro de uma rede de práticas culturais e sociais, que lhe dão sentido.

A abordagem estatística que, no passado, pareceu dominar a história cultural francesa e que visava, antes de tudo, medir a desigual divisão social de objetos, de discursos, de atos colocados em séries não poderia, portanto, ser suficiente. Supondo correspondências demasiado simples entre níveis sociais e horizontes culturais, apreendendo os pensamentos e as condutas em suas expressões mais repetitivas e mais redutoras, semelhante abordagem perde o essencial, que é a maneira contrastada como os grupos e os indivíduos fazem uso dos motivos ou das formas que compartilham com outros (CHARTIER, 2004, p. 13).

---

<sup>6</sup> Em um trecho trazido no artigo "Um Breve Olhar Sobre a Ruptura Eletrônica do Livro", de Alexandre Fabiarz e Vera Lúcia Nojima, temos o relato pessoal da professora da USP Mary Julia Martins Dietzsch, que nos mostra como os livros podem ser apropriados para além da leitura. Dietzsch relata que, em certo dia, ao deslocar-se para sua residência de ônibus, o mesmo foi parado por policiais que passaram a revistar os passageiros. Um desses não foi revistado e curiosamente carregava um grosso livro em seu colo. Quando a revista policial teve fim, a professora questionou o rapaz sobre o livro que tinha consigo. O mesmo a disse que este não o lia, mas utilizava-o para sua segurança dentro da cidade de São Paulo (FARBIARZ e NOJIMA, 2003, p. 14).

Ao estudarmos as bibliotecas privadas e suas funções e espaços dentro da vida das pessoas, entre os séculos XV e XVIII, na França, podemos observar melhor o hábito de ler como apropriação (CHARTIER, 2004, p. 196). As bibliotecas eram antes de tudo espaços para conservar os livros e textos, aliando a isso certa ostentação social. Ter muitos livros na sua casa poderia indicar sua condição financeira ou mesmo intelectual e, assim cobrir-se de status, mesmo que no fim o proprietário não fosse ler muitos daqueles livros. Os indivíduos usavam o livro desviando de suas funções mais "previsíveis", como armazenamento e transmissão de informação.

Entretanto, a presença dos livros e textos não se limitava à biblioteca (CHARTIER, 2004, p. 191). Nas casas podiam-se encontrar livros em diversos lugares, como nos cômodos dedicados à reza, em que era comum a presença de bíblias em estantes ao lado de imagens de santos e terços, às vezes nem lidas, somente ostentadas como símbolos de sacralidade. Havia ainda situações em que a localização dos textos indicava um uso específico e, portanto uma forma de leitura específica. Exemplo disso são os livros de marcenaria ou qualquer outro que ensinasse técnicas profissionais (CHARTIER, 2004, Cap. 5). Estes podiam ser encontrados nas oficinas, indicando uma leitura em pé, ligeira e não muito linear. Usados mais como fonte de consulta para retirar dúvidas ou lembrar padrões do trabalho, tinham assim um caráter de manual. Veem-se, então, os muitos usos dos textos e, portanto, seu papel nos hábitos de leitura.

Esse caso torna-se mais claro se comparado com o tipo de leitura que se via nas bibliotecas privadas. Seus móveis e títulos, a decoração e a finalidade do cômodo, somados ao espírito de tranquilidade que subentende essa área da casa, indicam uma leitura calma, relaxada, entrecortada por sonecas e, se não for uma leitura solitária, cercada por debates sobre os temas das obras lidas (CHARTIER, 2004, cap. 5).

Outro exemplo temos na França, durante o processo de difusão do impresso, fenômeno gradativo que teve um boom entre os anos de 1660 e 1780, levando a uma significativa diferenciação das leituras e, portanto, uma multiplicação dos sentidos e usos atribuídos a elas (CHARTIER, 2004, p. 232). Sem dúvida esse movimento ganhou força com fortes práticas até então despercebidas. Dentre essas entendemos o surgimento das bibliotecas públicas, dos gabinetes de leituras, das locadoras de livros, do hábito dos empréstimos entre conhecidos, além também das práticas de leitura em público, geralmente de cartazes, folhetins e pasquins (CHARTIER, 2004, p. 112-116).



Mas o novo nível de circulação de textos chega a efeitos possivelmente contraditórios, como declara Chartier:

Sua circulação numa nova escala tem efeitos possivelmente contraditórios: por um lado, ela permite inculcar as novas disciplinas, sejam elas da fé, da civilidade, ou das técnicas; por outro lado, ela permite uma libertação dos espíritos que, pela informação apreendida ou pela ficção investida, podem escapar das repetições obrigatórias de um cotidiano estreito (CHARTIER, 2004, p. 233).

Poderíamos dizer que a aparente contradição citada acima ocorre, pois a apropriação dos textos desenvolve-se por dois caminhos ou "vetores", que impactam na leitura de maneiras específicas ligadas a fatores sociais e individuais aos quais um dado texto é exposto. Estes "vetores" são as coerções e as liberdades. As coerções incluem as leis, o direito, as regras escritas ou não da sociedade, dentre outras restrições de vários níveis e origens. São todo um conjunto de imposições sociais que limitam a liberdade de ação, de invenção e de apropriação na leitura. Elas podem vir inclusive do próprio leitor, por meio das autocensuras, conscientes ou automáticas, resultados de uma educação "formalizante". Dentre os elementos de coerção temos as estratégias editoriais, as censuras de estado ou instituições, direitos autorais, a própria estrutura textual, as expectativas do leitor para com o texto, as opiniões alheias sobre esse, as condições físicas de leitura – o formato material, as condições físicas do leitor, o espaço de leitura, etc. – e muitos outros fatores. (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO ;e CHARTIER (orgs), 1998, p. 37).

O segundo vetor seriam as liberdades, que vêm da capacidade dos leitores de se apoderarem dos textos, criando-lhes um novo sentido a partir de suas expectativas de leitura. É o espaço livre entre as coerções, em que o leitor interpreta o conteúdo e os usos dos textos e age por conta própria. Mas também nada determina que o leitor não possa transpor as coerções e agir além delas.

No interior dos territórios assim propostos aos seus percursos, os leitores se apoderam dos livros (ou dos outros objetos impressos), dão-lhes um sentido, envolvem-nos com suas expectativas. Essa apropriação não se faz sem regras nem sem limites. Algumas provêm das estratégias usadas pelo próprio texto, que deseja produzir efeitos, ditar uma postura, obrigar o leitor. As armadilhas que lhe são preparadas e nas quais ele deve cair, sem nem mesmo dar-se conta, estão na proporção da inventividade rebelde que sempre se supõe existir sobre ele (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 38).

A ideia resume-se assim pelas palavras de Chartier:

Essa dialética da coerção e da invenção implica o cruzamento entre uma história das convenções que normatizam a hierarquia dos gêneros, que definem as modalidades e os registros do discurso, e uma outra história, a dos esquemas de percepção e de julgamento próprios a cada comunidade de leitores (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 38).

As comunidades de leitores, das quais nos fala Chartier, fecham sua concepção de apropriação. Estas comunidades são grupos de pessoas com técnicas, gestos e maneiras em comum na leitura. Indivíduos que podem partilhar de uma mesma profissão e morarem em uma mesma localidade, tendo objetivos e perspectivas de vida próximos, porém, ainda assim diferem, porque cada um, por mais próximo que seja, mantém sua particularidade. Desta forma, podemos entender que o membro de uma comunidade talvez venha a pertencer simultaneamente a outras também.

Entrelaçado a todo o pensamento sobre a apropriação, encontra-se o conceito de cultura<sup>7</sup> que, para Chartier não é apenas um domínio particular de produções e de práticas, supostamente distinto de outros níveis, como o econômico e o social. A cultura, então, faz parte desses também, pois esta

[...] não está acima ou ao lado das relações econômicas e sociais, e não existe prática que não se articule sobre as representações pelas quais os indivíduos constroem o sentido de sua existência – um sentido inscrito nas palavras, nos gestos, nos ritos. É por essa razão que os mecanismos que regulam o funcionamento social, as estruturas que determinam as relações entre os indivíduos devem ser compreendidos como o resultado, sempre instável, sempre conflituoso, das relações instauradas entre as percepções opostas do mundo social” (CHARTIER, 2004, p. 18).

Em nosso caso, essa prática cultural é a leitura, que por ser plural, tanto em decorrência da sua variabilidade no tempo, como pela sua natureza “apropriativa”, multiplica-se em muitas práticas de leitura.

## 1.2 A conformação material do livro e seus efeitos socioculturais e de sentido

O último fundamento ao qual daremos destaque fala da materialidade dos suportes textuais. Apesar de já ter sido visto indiretamente acima, agora, vamos nos aprofundar e entender sua relação com a concepção adotada do ato de ler e com a questão das formas de

---

<sup>7</sup> Esclarecemos que não é objetivo deste trabalho propor ou discutir um conceito para cultura. Ao adentrarmos o tema objetivamos apenas explorar melhor a visão de leitura que nos é fornecida por Roger Chartier.

leitura, principalmente aquelas que surgem nos ambientes digitais. Para isso, apresentaremos um estudioso importantíssimo para o desenvolvimento desta ideia na área da história da leitura e do livro. Depois, será discutido o porquê de podermos aplicar este princípio aos textos digitais, as consequências desta relação com a forma material para a compreensão da prática da leitura e alguns exemplos inspirados em estudos de outros pesquisadores dessa área.

A conformação material do livro e seus efeitos socioculturais e de sentido foram defendidos firmemente pelo bibliógrafo neozelandês Donald Francis McKenzie, que entendia tal fator como primordial para sua nova compreensão do papel da área dos estudos bibliográficos, ou como ele preferia chamar, da sociologia dos textos (2004). Para ele, essa função da conformação material transcende, inclusive, os livros e se aplicava a qualquer tipo de “texto”.

O que a palavra ‘textos’ também permite, no entanto, é a extensão da presente prática de incluir todas as formas de textos, não meramente livros ou os sinais em pedaços de pergaminho ou papel da definição de Greg. Isso também aceita francamente que bibliógrafos deveriam estar preocupados em mostrar que formas afetam os sentidos. Além disso, nos permite descrever não somente o processo de transmissão técnico dos sentidos, mas também o social. Nesses bem específicos modos, isso se aplica a textos, em seu sentido amplo, nas suas dimensões de forma física, versões textuais, transmissão técnica, controle institucional, seus sentidos percebidos e efeitos sociais (MCKENZIE, 2004, p. 12, tradução nossa, grifo nosso).<sup>8</sup>

Em seguida, McKenzie nos explica o que entende por texto:

Eu defino ‘textos’ incluindo informações verbais, visuais, e numéricas, na forma de mapas, pinturas e música, de arquivos de som, de filmes vídeos e, qualquer informação armazenada em computador, tudo, de fato, desde a epigrafia até as últimas formas de discografia. Não há escapatória do desafio que as novas formas criaram (MCKENZIE, 2004, p. 13, tradução nossa).<sup>9</sup>

Na leitura desse breve trecho, McKenzie nos faz entender que a atuação da conformação material não se limita só aos livros no seu formato tradicional, ou melhor, como

---

<sup>8</sup> O texto em língua estrangeira é: “What the word ‘texts’ also allows, how-ever, is the extension of present practice to include all forms of texts, not merely books or Greg’s signs on pieces of parchment or paper. It also frankly accepts that bibliographers should be concerned to show that forms effect meaning. Beyond that, it allows us to describe not only the technical but the social processes of their transmission. In those quite specific ways, it accounts for non-book texts, their physical forms, textual versions, technical transmission, institutional control, their perceived meanings, and social effects.”

<sup>9</sup> O texto em língua estrangeira é: “I define ‘texts’ to include verbal, visual, oral, and numeric data, in the form of maps, prints, and music, of archives of recorded sound, of films, videos, and any computer-stored information, everything in fact from epigraphy to the latest forms of discography. There is no evading the challenge which those new forms have created.”

os conhecíamos antes do digital. Assim, quando falamos de efeitos socioculturais e de construção dos sentidos, podemos abranger os meios de comunicação de maneira geral, o que nos permite trazer essa noção para nosso objeto de pesquisa, as formas de leitura em ambientes digitais. O autor, inclusive, deixa bem claro que leva em consideração informações textuais armazenadas em computador, especificamente o caso desta pesquisa.

Para prosseguirmos, no entanto, devemos deixar claro o que entendemos por formato material:

[...] Se tomarmos a expressão formato material em um sentido amplo, podem ser destacados: os formatos de escrita, a oposição rolo/códice, os materiais utilizados como matéria prima (papiro, pele, papel, tecido, etc.), todos os aspectos ligados à composição do texto (tais como tipos utilizados, diagramação, existência de sistemas de orientação como títulos, separação de parágrafos, separação entre palavras, numeração de página, sistemas de referências com os índices e sumários), existência de dados relativos à obra (tais como autor, impressor, editor, ano de impressão), tamanho e forma de manuseio e transporte do objeto, etc. (GONÇALVES in COUTINHO E GONÇALVES, 2009, p. 89).

Assim, quando se fala da capacidade da forma material influenciar questões socioculturais e de sentido, estamos nos referindo a, por exemplo, o fato de o tipo de letra – com ou sem serifa – usado em uma dada obra ser uma característica relevante para a forma como um indivíduo vai apropriar-se dela. No caso de uma diagramação que deixe espaços nas margens, um leitor poderá usá-los para preencher com anotações e, talvez, quem sabe, “debater” com o autor o texto, construindo e fixando por meio da escrita os sentidos e seu entendimento do que lê. Por esse viés, podemos afirmar que se tem a *apropriação* de certo texto em que o leitor pôde, no *espaço material livre* fornecido a ele (*liberdades e coerções*), desenvolver uma *prática de leitura*, uma leitura com anotações.

Um conceito que nos ajuda a captar melhor a atuação das conformações materiais e sua relação com a apropriação e as formas de leitura encontra-se no livro “*Práticas da leitura*” (1996), onde Chartier fala sobre os *protocolos de leitura*, os quais “[...] inscrevem no texto a imagem de um ‘leitor ideal’, cuja competência adequada decodificaria o sentido preciso com que o autor pretendeu escrevê-lo” (PÉCORA in CHARTIER, 1996, p. 10). E há mais outro tipo de protocolo de leitura de que podemos falar, aquele “que se produz na matéria tipográfica, em geral de responsabilidade do editor, de modo a favorecer certa extensão da leitura e a caracterizar o seu ‘leitor ideal’, que não precisa assemelhar-se àquele suposto pelo autor” (PÉCORA in CHARTIER, 1996, p. 11). Tais protocolos podem ser

estabelecidos no meio material, e muitos o são. É o caso dos que encontramos na linha editorial adotada pela família Oudot, a Biblioteca Azul, a qual

[...] reunia textos bem diferentes entre si, não exclusivamente populares, mas todos uniformizados em edições que pretendiam baratear ao máximo seu custo e alcançar o maior número possível de leitores. Os procedimentos que demarcavam esse objetivo, vale dizer, que pretendiam facilitar o acesso de um leitor que se pretendia comum, operavam o texto de maneira a aumentar o número de capítulos, diminuir o tamanho dos parágrafos, abreviar ou cortar certas passagens e no caso de textos mais antigos, modernizar a ortografia. O curioso é que, muitas vezes, isto se fazia às custas do comprometimento do próprio sentido básico do texto [...] (PÉCORA in CHARTIER, 1996, p. 11).

Mas não cabem às características materiais sozinhas ou, somente às vontades do autor e do editor a maneira como um leitor irá se apropriar do texto. No outro extremo desse processo encontramos o que o estudioso Jean-Marie Goulemot chama de “*fora-do-texto*”, que é o “[...] leitor e a situação de leitura [...] (GOULEMOT in CHARTIER, 1996, p. 110), mas também é a história coletiva e pessoal que o envolve. Isso resulta no fato de “que cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 1996, p. 20).

Dessa maneira, entendemos que o sentido na leitura não é algo único, um dado pronto, pois

Ler é um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação dos sentidos produzidos pelas seqüências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma *polissemia* do texto literário (GOULEMOT in CHARTIER, 1996, p. 108).

Mais do que essa sucinta explicação, é preciso que vejamos alguns outros exemplos retirados da história da leitura e que fundamentam essa posição teórica sobre os efeitos socioculturais e de sentido das formas materiais. O primeiro deles envolve a conhecida *Enciclopédia*, de Diderot e D'Alembert e, talvez, aplique-se a grande maioria das enciclopédias como formato editorial,

[...] cuja natureza enunciativa pede, com certeza, uma posição de leitura. O descontínuo, o sistema de notas, impede uma maneira de ler que é a do texto narrativo. Mas aqui, o processo da leitura se complica pela própria duração da

publicação. Por sua natureza, o texto enciclopédico pede uma leitura a contrapelo, direi, que toma o texto ao contrário e torna impossível uma leitura seqüencial [sic] tradicional, uma vez que o sentido se constitui a partir do fim e não do movimento de seu próprio desenvolvimento (GOULEMOT in CHARTIER, 1996, p. 116).

Nota-se novamente a ligação que estabelecem a forma material e as formas de leitura, sem ser uma determinação, mas sim como uma influência, que convive com mais fatores, como o “*fora-do-texto*”.

O segundo exemplo que listamos aqui é o das escritas pré-alfabéticas que, por

[...] requererem uma enorme dedicação de aprendizagem, o que tem por efeito concreto limitar seu escopo a uma classe restrita de pessoas que podem dedicar-se exclusivamente às letras (escribas). Com essas escritas não pode ocorrer, portanto, um processo amplo de letramento da população. Isso não significa que não existam efeitos culturais para as sociedades envolvidas, implica apenas que esses efeitos não operam via uma generalização da leitura e da escrita para o conjunto ou maior parte da população (GONÇALVES in COUTINHO e GONÇALVES, 2009, p.89).

Por outro lado, o alfabeto grego apresenta-se como uma invenção que facilita popularização da comunicação escrita, com consequências socioculturais em um nível completamente diferente, pois sendo muito mais fácil de aprender e usar, com menos símbolos, o letramento não passa a ser algo exclusivo de uma classe dedicada a funções que envolvessem a escrita e a leitura.

Citar o alfabeto grego nos leva a uma observação que vai muito mais fundo na questão das conformações materiais. De fato, alguns pesquisadores como Eric Havelock (1982, Cap. 11) defendem a ideia de que a escrita, ao transportar a comunicação oral para uma “condição” material mais fixa do que o som, permitiu ao homem uma mudança tremenda na capacidade de aprofundar seu pensamento, a partir do momento em que ele podia refletir sobre os diversos e sutis sentidos e todos os desdobramentos de seus pensamentos. O que vemos depois são as narrativas poéticas, que antes dominavam a cultura grega, passarem a dividir espaço com a filosofia.

[...] o alfabeto grego, por contraste, é apresentado aqui ao irromper no cenário da Grécia como uma peça de tecnologia explosiva, revolucionária por seus efeitos na cultura humana, de uma maneira que nada tem de exatamente comum com qualquer outra invenção. Funda-se a alegação dessa singularidade no fato de que, tendo emergido de um processo de experimentação, o qual se desdobrou, quiçá, pelos três precedentes milênios, ele, todavia, representou o termo desse processo. Uma vez inventado, o alfabeto forneceu a resposta integral a um problema, e nunca mais houve a necessidade de reinventá-lo. [...] O dispositivo grego, por causa de seu sucesso na resolução do último estágio do problema, trouxe à existência o que chamamos de “literatura” no sentido moderno, isto é, pós-alfabético. Pode-se afirmar [...] que o esquema forneceu a base conceitual para a construção das ciências e filosofias modernas (HAVELOCK apud GONÇALVES in COUTINHO e GONÇALVES, 2009, p. 90).

O terceiro e último exemplo que vamos trazer fecha esta parte. Sua escolha veio porque, não só acrescenta mais uma situação em que a conformação material do texto implicou nos efeitos socioculturais e na construção dos sentidos, mas faz isso no contexto da *tripla revolução do livro e da leitura*, ou seja, em meio às viradas que provocou o digital no mundo textual ao trazê-lo para esta nova plataforma, situação na qual a presente pesquisa se baseia para estudar as formas de leitura.

Sem nos prolongarmos mais, falemos logo sobre nosso último exemplo, a ordem dos discursos, que “[...] conduz-nos a refletir acerca do desafio mais fundamental lançado pela textualidade digital ao livro, tal como ele aparece com o *códex* e tal como ela perdura até hoje” (CHARTIER in COUTINHO e GONÇALVES, 2009, p. 40). Para Chartier, a ordem dos discursos não separa o texto do livro, mas faz isso entre os textos “não-digitais” e os digitais, pois estes últimos apresentam uma materialidade completamente diferente. Isso acontece porque, essa ordem estabelecida “a partir da relação entre os objetos (a letra, o livro, o cartaz, o formulário, etc.), categorias dos textos e do uso da escrita” (CHARTIER in COUTINHO e GONÇALVES, 2009, p. 40), é posta em questão pela textualidade eletrônica. Este fato significa que, a ordem a qual unia tipos de objetos, classes de textos e formas de leitura, produto de uma longa elaboração histórica que compreende principalmente inovações como a passagem do *volumen* para o *códex*, a aparição do *libro unitario*<sup>10</sup> e a invenção da prensa de tipos móveis, é da mesma forma abalada.

O que acontece é o surgimento de uma “nova materialidade” para os textos, a textualidade eletrônica, a qual transforma as condições materiais que haviam sido estabelecidas por centenas de anos de práticas de leituras e, portanto, as formas em que a leitura se manifestava ou, poderia se manifestar. Ao leitor é oferecida uma nova condição, tanto no que se refere às formas práticas de interação com o texto – anotações, destacamento e marcação de trechos, adaptações etc. –, soma-se a isso as questões de sentido, melhor esclarecidas no seguinte trecho:

De fato, é o mesmo suporte, no caso a tela do computador, que faz aparecer diante do leitor os diferentes tipos de textos que, no mundo da cultura manuscrita e *a fortiori* da cultura impressa, estavam distribuídos entre objetos distintos. Todos os textos, quaisquer que sejam, são produtos recebidos pelo mesmo suporte e em formas muito semelhantes, geralmente decididas pelo próprio leitor. Cria-se assim uma continuidade textual que não diferencia mais os gêneros a partir de sua inscrição material. Com isso, é a própria percepção das obras como obras que se torna mais difícil. A leitura diante da tela do computador é geralmente uma leitura

---

<sup>10</sup> Expressão de Armando Petrucci (1995), a qual faz referência à aparição de um novo conceito de livro, “aquele que reúne em uma mesma encadernação as obras de um único autor ou, ainda, uma única obra” (CHARTIER in COUTINHO e GONÇALVES, 2009, p. 41).

descontínua, que procura a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas o fragmento do qual se quer se servir: um artigo num periódico eletrônico, uma passagem de um livro, uma informação em um *site* e, sem que necessariamente se deva ser conhecida em sua identidade e sua coerência próprias, a totalidade textual da qual esse fragmento é extraído. Num certo sentido, pode-se dizer que, no mundo digital, todas as entidades textuais são como bancos de dados que oferecem unidades cuja leitura não supõe de modo algum a percepção global da obra ou do corpus de onde elas provêm (CHARTIER in COUTIHO e GONÇALVES, 2009, p. 42).

Dessa forma, pôde-se perceber como a conformação material dos livros e outros suportes textuais têm um papel preponderante em duas linhas de ação, na construção dos sentidos, seja através do desenho das letras e separação das palavras ou do layout das páginas, e depois, ao acarretarem efeitos socioculturais, como no caso do alfabeto grego que, com menor número de elementos gráficos representativos, permite a aprendizagem da língua escrita para uma massa muito maior do que as línguas "não-alfabéticas". Além disso, constatou-se que as formas materiais mantêm uma firme ligação com as formas de leitura e, devido à transformação sofrida por aquela com o digital, esta vive na possibilidade de ter se transformado também, hipótese que vamos investigar.

### 1.3 Em suma

Este capítulo inicial nos trouxe objetivamente duas discussões importantes para o desenvolvimento do texto. A primeira apresentou a noção de leitura adotada: histórica, que observa as transformações em um caminho mais sutil, onde esta concepção do ato de ler subentende uma prática de apropriação, única em cada indivíduo, em cada momento. Ainda assim, compreende a possibilidade de mudanças mais profundas e em um período historicamente mais curto (CHARTIER, 1998, p. 30).

A segunda argumenta sobre a capacidade da conformação material dos meios escritos em produzir efeitos socioculturais e de sentido, o que conduz a considerar as consequências disso para a leitura com a mudança de um formato material, no caso, do impresso para o digital.



## 2 PRÁTICAS DE LEITURA: NO MANUSCRITO E NO IMPRESSO

Neste capítulo, não será feita uma revisão exaustiva de como se lia em cada período histórico diferente. O intuito é, primeiramente, termos uma breve visão de certas maneiras pelas quais se rastrearam e estudaram as práticas de leitura. Em seguida, perpassarmos por períodos históricos marcantes para esta prática, que caracterizam e exemplificam mutações no "ler" e reforçam o conceito exposto no capítulo anterior.

### 2.1 "Rastreamento" as práticas de leitura

Neste trabalho falamos de leituras do presente, mas não deixa de ser proveitoso rever alguns dos caminhos trilhados para o estudo das leituras do passado, ainda mais, em situações onde não se podia contar com as pessoas para entrevistá-las. Com isso, não só estudaremos um pouco mais o campo pelo qual nos aventuramos, mas poderemos observar suas fontes de informações, os fatores estudados e abordagens. Afinal, pensamos que, para começarmos a conhecer a história de algo, é importante saber primeiro como esta foi produzida.

Um primeiro grupo de fontes inclui documentos pessoais, cartas, recibos de transações comerciais, inventários de morte, relatos históricos, arquivos de bibliotecas públicas e privadas, de editoras, de grupos de leitura e empréstimo de livros, de locadoras de livros e outra infinidade de fontes primárias. Outro grupo de fontes são os objetos relacionados ao hábito, comércio, ensino ou divulgação da leitura: cômodos, móveis, utensílios e acessórios, como bibliotecas e salas de leitura, divãs, cadeiras especiais, marca-textos, escrivatinhas, luminárias, entre outros (CHARTIER, 1998, *passim*; 1999, *passim*; 2003, *passim*). Não se pode esquecer dos objetos de arte e decoração, caso dos vasos gregos, os mesmos que auxiliaram na pesquisa da leitura à época dos antigos (HAVELOCK, 1981; SVENBRO in CHARTIER, 1998, p. 50-54). Foram nestes objetos em que se identificou, por exemplo, a representação da leitura em fases diferentes, desde o seu ensino até sua prática lúdica, privada, pública ou, no exercício de alguma profissão (CHARTIER, 1998).

Esses objetos permitem que se reconstrua o contexto de leitura, suas condições e como ela era estabelecida pelo leitor, isto é, o já mencionado "*fora-do-texto*".

Reencontrar esse fora-do-texto não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras. Nas sociedades do Antigo Regime, elas podiam ser encontradas ao fim de uma existência, na narrativa autobiográfica que desafia a trajetória de uma vida, como a de Jemerey-Duval, pastor que se tornou erudito, ou então ao longo de uma correspondência que não separa comentários sobre os livros e as notícias do cotidiano familiar, como a de Jean Ranson, negociante de La Rochele, leitor fiel de Rousseau. Com estes testemunhos em primeira pessoa, pode-se ter uma medida da distância (ou da identidade) existente entre os leitores virtuais, inscritos em filigrana nas páginas do livro, e aqueles de carne e osso que o manuseiam, assim como podem ser diferenciadas, no concreto das práticas, as habilidades leitoras, os estilos de leitura e os usos do impresso (CHARTIER in CHARTIER, 1996, p.20).

E claro, devemos mencionar as marcas deixadas nesses suportes escritos: traçados destacando as palavras, dobras, deterioração material, comentários, correções e outras tantas mil interferências que os leitores podem fazer nos textos. Como já vimos, Chartier chega a dividi-las em dois grupos, os “[...] traços de circulação (marcas de posse, *ex-libris*, menções de compra, de doação, empréstimo, etc.)” (CHARTIER, e GUIGLIELMO, 1996, 21) e as marcas de leitura (trechos sublinhados, anotações, índices pessoais, textos manuscritos, etc.). Certas apropriações feitas pelos leitores vão muito além e, não se conformam em simplesmente ler e aceitar a história como lhes é apresentada pelo autor e editor. Muitas vezes, interferem no curso desta “reescrevendo” o final ou, retirando graficamente uma das características físicas de algum personagem, como nos mostram Roberta Manuela Barros de Andrade e Erotilde Honório Silva, no artigo "Quem Lê Tanto Romance? As Práticas de Leitura dos Livros do Coração".

Outro tipo de leitura destacado em nossa pesquisa e também não previsto na tipologia de Chartier (1988) é aquele que modifica visual e estruturalmente a obra, fazendo com que se “apague”, no texto, características de personagens que não agradem aos gostos das leitoras, como atesta Marta, agente administrativo: “Comecei a ler um livro que o personagem tinha bigode. Eu não gosto de homem com bigode, então comecei a riscar todas as partes do livro que tinha a palavra bigode. O livro ficou todo marcado de corretivo. Quando não gosto de uma característica, eu risco mesmo” (ANDRADE e SILVA, 2011, p.14).

Mas não basta apenas recorrer a elementos materiais. É necessário o entendimento da "cultura", do momento em que esse indivíduo viveu, a sociedade, as regras e costumes, afinal, a informação escrita sempre fez parte de uma estrutura sociocultural e política.

Por história cultural, entendo a história política e social, que, sem que sejamos seus autores, trabalha aquilo que nós lemos. Há alguns anos, uma determinada representação do *Tartufo* em Paris provocou apenas debates estáticos ou morais. Esse mesmo *Tartufo*, na Madri dos anos setenta, quando a Opus Dei estava no poder, desencadeou uma manifestação política e foi proibido. A história, aceitemos

ou não, orienta mais nossas leituras do que nossas opções políticas (GOULEMOT in CHARTIER, 1996, p. 110).

Tartufo é uma comédia de Molière e está dentre as mais famosas da língua francesa em todos os tempos. Ela ficou conhecida por retratar os devotos religiosos como hipócritas e dissimulados. Assim, ao ser exibida em uma Espanha “franquista” e católica, sob grande influência de uma das organizações dessa religião, a Opus Dei<sup>11</sup>, o retorno que obteve foi sua censura. Já na França de um período mais recente, em condições bem diferentes da exibição espanhola, a resposta da sociedade a mesma obra foi bastante distinta. Acontece que, o contexto sociocultural influencia na resposta de um público a certa obra e, portanto, a forma em que esta é lida.

Tartufo desvela o fato de que “a cultura institucional nos predispõe a uma recepção particular do texto” (GOULEMOT in CHARTIER, 1996, p. 113), o que conduz nossas atenções aos *horizontes de expectativa* de Hans Robert Jauss, os quais apontam para o fato de “[...] que cada época constitui seus modelos e seus códigos narrativos e que no interior de cada momento existem códigos diversos, segundo os grupos culturais” (GOULEMOT in CHARTIER, 1996, p.113).

Mas quando falamos de contexto cultural, não nos referimos somente a uma coletividade, falamos de fatores pessoais também, pois cada leitor tem seu toque, sua particularidade em como lê. E, segundo Jean-Marie Goulemot, compõe esse toque pessoal a “biblioteca” do leitor, qualquer texto que ele tenha lido antes. Esconde-se aqui a convicção de que

[...] qualquer leitura é uma leitura comparativa, contato do livro com outros livros. Assim como existe *dialoguismo e intertextualidade*, no sentido que Bakhtine dá ao termo, há *dialoguismo e intertextualidade* da prática da própria leitura. [...] Ler será, portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais (GOULEMOT in CHARTIER, 1996, p. 113).

Entender os processos de acesso ao universo escrito e à alfabetização é mais uma das preocupações daqueles desvendam as práticas de leitura, pois

[...] ler aprende-se. Daí uma outra série de interrogações visando descobrir formas e processos de acesso ao escrito. Daí também todo um conjunto de contrastes discernido tanto no material histórico quanto na observação contemporânea. O primeiro opõe as aprendizagens escolares ordenadas, institucionais, da leitura, àquelas aprendizagens selvagens do autodidatismo [...] Fora da escola e de suas

---

<sup>11</sup> O Opus Dei é uma instituição da Igreja Católica, fundada, em 1928, por Josemaria Escrivá, sacerdote católico espanhol.

pedagogias formalizadas, a conquista do saber ler supõe, ao mesmo tempo, a entrada em uma cultura já penetrada e trabalhada pelo escrito, mesmo se este for conhecido apenas pela mediação de uma palavra e pelo conhecimento memorizado dos textos, depois reconhecidos, recortados e decifrados no livro (CHARTIER in CHARTIER, 1996, p. 21).

A problemática surge, porque o processo de letramento não é único e pode tomar desvios difíceis de "rastrear". É possível que esse conhecimento e seus desdobramentos para a leitura tenham emergido com a ajuda de casos de leitores que, mais tarde, vieram a se tornar clássicos de estudo deste campo. Além desses, pode-se listar também pesquisas estatísticas, as quais, por exemplo, tentaram mensurar o nível de letramento em diferentes períodos históricos e lugares, como na Inglaterra do Antigo Regime ou no século XIX (CHARTIER in CHARTIER, 1996, p. 79).

As duas iniciativas, o estudo de casos específicos de leitores e as pesquisas estatísticas, ensinaram uma infinidade de lições sobre o papel da educação na conformação das leituras. Destacamos aqui três. Começamos pelas assinaturas nas atas de casamento, que foram usadas por historiadores do Antigo Regime como padrão para a elaboração de estatísticas que evidenciariam o quanto da população sabia ler naquele período. Ao se recolher os resultados, chegaram ao conhecimento de que uma técnica dessas de contagem poderia ser aplicável em algumas épocas – caso do séc. XIX –, mas falha em outros, como o Antigo Regime. Isso porque, descobriu-se que, nesse período, em certas regiões da Europa, o letramento dividia-se em duas etapas, primeiro ensinava-se a ler, depois a escrever – caso da Inglaterra durante o século XVII (CHARTIER in CHARTIER, 1996, p. 79-81). Mas no instante de transição para a escrita, que é também quando se aprende a assinar, muitas crianças pobres tinham de auxiliar a família no sustento e paravam os estudos. Sem contar o fato de que as mulheres nesse período não costumavam a aprender a escrita, mas eram ensinadas a ler. Temos que, boa parte da população leitora não poderia ser rastreada só pelas assinaturas, pois sabiam ler, mas não eram capazes de escrever. Um fato como este exhibe a complexidade da educação, de modo geral, e, da alfabetização, que pode trazer ao mundo indivíduos leitores, mas que não dominam o universo letrado nas suas duas vias (CHARTIER in CHARTIER, 1996, cap. 4), o que talvez limite, portanto, suas formas de leitura, já que, um leitor incapaz de escrever, dificilmente anotarà alguma coisa ao ler, dentre outras consequências.

Uma segunda lição vem por meio de um questionamento: “[...] que significa ler nas sociedades tradicionais?” (CHARTIER in CHARTIER, 1996, p. 82) Para Chartier, as diferenciações na leitura, que tentamos explorar pelo exemplo acima, ficaram escondidas,

durante muito tempo, atrás de uma noção de alfabetização “[...] que opõe, sem nuances, duas populações: a dos leitores alfabetizados e a dos analfabetos iletrados” (1996, p. 82) É necessário desconstruir isso. Para além dessa distinção dual, adicionemos outra, a oposição entre leitura oral e a leitura silenciosa. A leitura em voz alta, em certos períodos, podia ser indício de uma incapacidade de dividir corretamente as frases e as palavras e de reconhecer a pontuação sintática, seja pelo nível de alfabetização – ocorrência observada nos analfabetos funcionais – ou pela colocação das palavras todas juntas nas linhas, formato muito comum durante um bom tempo na história do livro. Essa oposição soma-se a outras, como: leitura intensiva x extensiva, com anotações x sem anotações, pública x privada, etc. Todas fundamentam a noção da complexidade do ato de ler.

Os casos dos leitores são muitos e deles seríamos capazes de tirar bem mais que uma lição. E até vamos, ao falarmos do leitor Mennochio mais à frente neste capítulo. Mas por enquanto, manteremos nosso foco no papel da educação para o estudo das formas de leitura. Em prol disso, falaremos do caso que nos traz Jean Hébrard, historiador da educação e professor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, em Paris. Hébrard estudou o caso de Valentin Jamerey-Duval, um pastor que se tornou erudito (in CHARTIER, 1996, cap. 2).

Duval fugiu de casa cedo, devido às agressões de seu padrasto e tomou um rumo errante na vida, instruiu-se em lugares diferentes e sobre assuntos distintos e, no fim, conseguiu aprender a ler. É o caso de um autodidata. Segundo Hébrard, o que este francês nascido no século XVII oferece aos pesquisadores é a oportunidade de estudar como uma educação autodidata e errante afetou as escolhas literárias e as formas de leitura desse homem. Cada uma aponta um traço no seu comportamento. Assim, por exemplo, como a errância e ausência de uma educação formal se ligam a ausência das letras latinas ou gregas nas suas leituras, devido ao desconhecimento destas línguas – lia as traduções –; a falta de gosto pelos textos científicos, mas contraditoriamente, o amor pela geografia e a história; e o amor pelos romances de aventura e de cavalaria da Biblioteca Azul. Ao mesmo tempo, as experiências de instrução, primeiro pelo pároco de Clémentine, onde se alfabetizou – cidade em que viveu – e, depois, em uma universidade mantida pela Sociedade de Jesus, local no qual aprendeu sobre o saber humanista tradicional, permitiram que “autenticasse” suas leituras com as noções da época e ganhasse poder de expressão, mas sem perder seu traço “selvagem” (HÉBRARD in CHARTIER, 1996, p. 71-72). Por fim, vislumbramos que suas leituras estavam envoltas pelos elementos nos diferentes momentos de sua vida.

Apesar de ser um desafio às pesquisas, essa diversidade no aprendizado contribui para a multiplicidade das formas de leitura. Sua ausência em um nível "tradicional", como foi o

caso de Jamerey-Duval ou, os desvios que se apresentaram no percurso até a formação – essa que, na verdade, só se finda com a morte –, como foi o caso das crianças do Antigo Regime deixavam a escola antes de aprenderem a escrever, têm consequências na dinâmica de leitura.

Mas atentar para essa multiplicidade da leitura não significa explorar casos específicos de maneira infundável.

[...] uma história das práticas de leitura não poderia resumir-se a uma coleção de casos. As análises particulares necessariamente teriam que avançar até o ponto de reconhecimento dos elementos estruturais dos textos capazes de funcionar seja como protocolos de autoria ou edição, seja como índice de apropriações mais ou menos criativas e desviadas em relação aos protocolos. Quer dizer, embora os estudos de leitura remetam inevitavelmente a circunstâncias e usos em que se inserem seja constitutiva do produto cultural e não elemento exterior que se ajunta superficialmente a ele em situações dadas. Outra vez: reconhecer os traços das práticas no cerne das próprias representações e seus suportes é a pedra de toque do tipo de investigação ambicionada por Chartier (PÉCORA in CHARTIER, 1996, p. 13 – 14).

Conforme nos indica Chartier (1996), outro fator que devemos atenção no estudo das práticas de leitura são os procedimentos de produção do suporte escrito. Estes vêm em duas instâncias, os procedimentos de produção de textos e, depois, os de produção de livros. Os primeiros são responsáveis pela elaboração das

[...] senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção. [...] Elas repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão sua sinalização, classificação e compreensão; empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo a boa leitura” (CHARTIER in CHARTIER, 1996, p. 95).

Estes são cruzados com o segundo grupo de procedimentos, trazidos

[...] pelas próprias formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto (CHARTIER in CHARTIER, 1996, p. 96).

Mas há de se ressaltar um fator diferencial nesse último grupo, eles são responsáveis pela adaptação das obras através do tempo e contextos culturais que cambiam incessantemente. Quando os autores terminam de escrever, fecham seu trabalho dentro de

padrões pensados em referência àquela época, então as suas senhas ficam ali “presas”. Os editores, por isso, talvez tenham relevância nesse sentido.

Os dispositivos tipográficos têm [...] tanta importância ou até mais, do que os “sinais” textuais, pois são eles que dão suportes móveis às possíveis atualizações do texto. Permitem um comércio perpétuo entre textos imóveis e leitores que mudam, traduzindo no impresso as mutações de horizonte de expectativa do público e propondo novas significações além daquelas que o autor pretendia impor a seus primeiros leitores (CHARTIER in CHARTIER, 1996, p. 98).

O corpo, por fim, mas não menos importante, também participa da formação do ato da leitura e, por isso, merece atenção.

Com efeito, existe na leitura de divertimento (e em toda a leitura) uma posição (atitude) do corpo: sentado, deitado, alongado, em público, solitário, em pé... Além das atitudes próprias às gerações ou aos dados técnicos (a vela, o abajur, por exemplo) ou climáticos, uma disposição pessoal de cada um para a leitura. Diria um rito. Somos um corpo leitor que cansa e fica sonolento, que boceja, experimenta dores, formigamentos, sofre de câimbras. Há mesmo uma instituição do corpo que lê (GOULEMOT in CHARTIER, 1996, p. 108 – 109).

E em seguida vemos a educação interpelar essa questão.

Quando era criança, as senhoritas da escola privada onde fui educado nos falavam de uma atitude digna, respeitosa para ler, levemente apoiado sobre a mesa, as costas retas, sendo o relaxo denunciado como uma forma de desprezo pela cultura. É suficiente olhar uma fotografia de escrivão tirada no fim do século passado para compreender (e ver) o que se entende fisicamente (e, portanto, ideologicamente) por ler. Com relação a isso, seria conveniente estabelecer uma história de representações (poses) com valor de modelos do ato de ler. Há uma dialética inscrita na história do corpo e do livro. Impõe-se-nos (quem nos impõe?) atitudes de leitor: leituras sonhadoras (Baudelaire, Hugo), leituras profundas (a cabeça entre as mãos), leituras ausentes (Jean Lorrain, a face carregada, displicentemente alongado sobre seu sofá)... Sujeitamo-nos a modelos, a uma tipologia dos atos de leitura, quaisquer que eles sejam, veiculados por todas as formas da iconografia pública e da instituição escolar. As relações com o livro, isto é, a possibilidade de constituir sentido, dá-se por meio dessas atitudes de leitor. Inversamente, o livro tomado como gênero, dá a posição de sua leitura. Sem dizer, como Rousseau, que existem livros que lemos de um único modo, é verdade que o livro indica com frequência [sic] (ou incita a escolher) o lugar de sua leitura (GOULEMOT in CHARTIER, 1996, p. 109).

Fechamos assim, um pouco mais nosso entendimento das práticas de leitura, esses gestos mínimos e diversos, consequência de uma leitura, por definição, mutável de acordo com o tempo, o lugar, a pessoa, o contexto sociocultural, a educação que recebeu, o suporte, o texto e outros.

## 2.2 Práticas de leitura no manuscrito e no impresso

Neste item trataremos alguns exemplos de práticas de leitura no manuscrito e no impresso em três etapas não exatamente consecutivas dentro da ordem dos acontecimentos históricos: da Grécia à Idade Média; o surgimento do códice; a invenção da prensa e a crescente industrialização. O objetivo é aprofundarmos um pouco mais a compreensão sobre o objeto de estudo e a relação entre modificações na produção dos suportes escritos e/ou nos seus formatos materiais e as mudanças nas formas de leitura. Um segundo objetivo é abrir caminho para o que vai ser debatido no capítulo seguinte, sobre as possíveis implicações de uma *tripla revolução da leitura* (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 30; CHARTIER, 1999, passim). Pretendemos mostrar situações semelhantes que ocorreram no passado, em proporções e contextos diferentes e, conseqüentemente, situar o momento atual em um conjunto de transformações que já ocorreram.

Deve-se ressaltar que estes três aspectos, que serão discutidos sucintamente, afinal, fazem referência a períodos riquíssimos da história do livro e da leitura e, por isso, cada um oferece uma infinidade de questões importantes a serem tratadas, as quais, se vistas à parte dão livros inteiros.

### 2.2.1 A leitura na Grécia e em Roma e sua passagem para a Idade Média : leitura em voz alta e leitura silenciosa

Aqui trataremos sinteticamente das transformações na noção predominante de leitura desenvolvida na Grécia, muito ligada à oralidade e à prática de ler em voz alta, para aquela da Idade Média, no período monástico, quando a noção de leitura ganha ares diferentes, mais associados à reflexão individual e silenciosa.

A Grécia vinha de uma tradição cultural oral muito forte – teatro, discursos públicos, política, poemas, cantos, etc. – quando surgiu o alfabeto, no século VIII a.C., a palavra falada continha um grande valor existencial seguido no dia a dia. Segundo Marco Antonio Simões, o próprio alfabeto criado pelos gregos "[...] evidencia a preocupação com a oralidade. Diferente do alfabeto semita, os gregos redefiniam alguns dos sinais para registrar as vogais, garantindo assim que a escrita tivesse maior capacidade sonora, uma vez que essa era sua finalidade principal" (2008, p.44).



Frequentemente, o próprio entendimento e interpretação do conteúdo escrito dependia da sua *leitura em voz alta*. A preponderância da oralidade afetava a escrita, que era contínua e em letras maiúsculas. A essa forma de escrever deu-se o nome de *scriptio continua*, na qual o texto apresentava as palavras sem separação. Isto resultava em uma enorme dificuldade de se ler silenciosamente, distinguindo os termos e os sentidos.

Cavallo nos traz mais detalhes:

[...] contínua como era, impedia que um olhar não suficientemente exercitado caracterizasse de imediato os limites de cada palavra e escolhesse seu sentido. Portanto, para a compreensão deste último a articulação oral de texto escrito era um auxílio seguro, visto que o ouvido, melhor do que a vista, podia colher – após ter decifrado sua estrutura gráfica – a sucessão das palavras, o significado de cada frase, o momento de interromper a leitura com uma pausa. Os sinais críticos ou de pontuação eram funcionais não tanto para o andamento lógico, mas antes para a estruturação “retórica” do escrito, com a finalidade de assinalar pausas de respiração e de ritmo para a leitura em voz alta; contudo, eles não eram usados sistematicamente e não possuíam regras estabelecidas (CAVALLO in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 81-82).

Isso não significa que a leitura silenciosa não existisse, mas, nesse período, ainda não tinha grande relevância. Os gregos tomavam o escrito como uma espécie de lembrete, um auxílio à verbalização (SIMÕES, 2008, p. 45). O texto deveria estar memorizado no corpo e na mente daquele que seria seu "veículo". O indivíduo que lia em voz alta estava emprestando-se para a realização de uma "encenação" guiada por um texto, pois o sentido era construído para além das palavras sozinhas, somavam-se nesta equação os gestos e as fisionomias (SVENBRO in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 48-50). Nessa linha, o leitor eram os ouvintes e o texto um acontecimento temporal, assim como uma música representada em uma partitura, lê-la é escutá-la na performance de um músico.

Durante seu processo de expansão Roma acabou por assimilar uma enorme herança das culturas de territórios anexados ao Império. A Grécia não foi exceção, assim houve o contato inicial da escrita alfabética grega e toda uma gama de textos helênicos que marcaram profundamente os romanos, sua escrita, seus textos e suas leituras (SIMÕES, 2008, p. 51-53). "A influência grega era tal que um romano não era considerado culto a menos que tivesse estudado e aprendido a literatura grega" (SIMÕES, 2008, p. 54).

Assim como na Grécia, em Roma, as leituras em voz alta não eram únicas. Houve, na verdade, uma expansão e diversificação<sup>12</sup> das maneiras de ler e dos leitores, voltadas para o

<sup>12</sup> Duas razões para isso foi o aumento das livrarias e bibliotecas – públicas e privadas – e da alfabetização, que alcançava várias classes sociais, não se restringindo somente aos mais ricos, os quais frequentemente recorriam a escravos – membros do estrato social inferior – para que lhes lessem algo, leitura *ancilar*.

prazer (*voluptas*) ou para a informação (*utilitas*); formais, praticadas por um professor ou um orador; informais, feitas por um jovem em momento de descanso, etc. (CAVALLO, 1998, p. 74-75). Contudo, muitas atividades sociais ligadas à leitura estavam envolvidas pela oralidade. A leitura pública tinha papel central no cotidiano, inclusive o lançamento de uma obra – *recitatio* – previa a reunião de convidados para os quais seria lido o título por seu autor. Não por acaso, logo após o século I d.C., os romanos deixaram de lado sua técnica de escrita, a *interpuncta*, e adotaram a técnica grega, a *scriptio continua* (1998, p. 82-83). A diferença principal entre as duas era que, a primeira separava as palavras por meio de pontos, de modo que já se podia distingui-las e o leitor não era levado à articulação oral da mesma forma.

Daqui podemos tirar uma conclusão preliminar. Tanto o modelo de *scriptio continua* ou *interpuncta* somado a outros fatores do design gráfico dos textos, tornavam a leitura uma operação lenta (SIMÕES, 2008, p. 56), além de fundamentalmente oral. Assim, quando pensamos na forma presente de separar as palavras, por espaços, com uma pontuação complexa e regulada por regras gramaticais, notamos como algumas simples, mas fundamentais formas de organização gráfica – níveis físico e visual – influíram nas leituras que delas se desdobravam: mais lentas ou mais rápidas; em voz alta, "ruminada", ou silenciosa; com os sentidos bem flexíveis e um texto mais neutro de pouco ou nenhuma pontuação ou, com os sentidos bem lapidados por regras gramaticais firmes.

No entanto, o que nos chama mais a atenção vem com a gradativa queda de Roma e a ascensão da Idade Média. Em um primeiro período, o monástico, a atividade intelectual tem como centro o mosteiro, onde se produz e reproduz a maior parte dos livros e se lê intensamente. Uma prática forte passa a ser a da "*ruminatio*", que ainda envolve a leitura em voz alta, sem a separação das palavras ou mesmo uma pontuação sistemática. A biblioteca monástica, porém, conta para uma transformação. Diferentemente daquelas de Roma, esta favoreceu a leitura silenciosa e individual (SIMÕES, 2008, p. 66-67).

Outra mudança diz respeito à nova atitude com relação ao ato de ler. Na Antiguidade, a ênfase recaía sobre a declamação do texto – uma leitura oral, preocupada em reproduzir o sentido e o ritmo da escrita – escolha que refletia os ideais de orador dominantes na cultura antiga. Para a arte oratória, a razão de ser da leitura silenciosa não passava de um estudo preliminar do texto, para bem entendê-lo. Na alta Idade Média, a antiga arte de leitura em voz alta sobreviveu apenas na liturgia (PARKES in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 104-105).

Na alta Idade Média, outras práticas surgiram e focavam no estudo gramatical, dissociando a leitura das noções antigas, essas eram: "[...] a *lectio*, reconhecimento do texto; a *ementatio*, correção do texto; o *judicium*, ou a avaliação das qualidades estéticas, morais ou filosóficas do texto" (SIMÕES, 2008, p. 68). Havia também as glosas, que enchiam de comentários, indicações e interpretações as margens das páginas. Aperfeiçoaram-se as regras gramaticais, a pontuação, as palavras passam a ser escritas separadas, são elaborados caracteres maiores e com diferenciação entre minúsculas e maiúsculas e as divisões "paragrafais" (PARKES in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 109-115). Muitas dessas contribuições devemos aos escribas anglo-saxões e irlandeses, estes últimos criaram publicações únicas, que reúnem algumas das inovações citadas e mais, é o caso do "*Book of Kells*" – este continha, por exemplo, uma tabela de conteúdos, que permitia a leitura comparada dos salmos do velho e novo testamento.

Todas essas modificações indicavam que os textos seriam lidos, mais comumente, em silêncio. Provavelmente já refletiam novas preocupações com o uso dos textos por parte daqueles que vinham produzindo-os. Ganhava espaço uma noção diferente do ler, como algo por si, portanto, independente da oralidade.

Essa concepção de leitura silenciosa, apesar de determinada por considerações de ordem prática, também deve ser associada a uma mudança muito profunda da atitude em relação à escrita. A percepção progressiva (da) escrita como uma manifestação diferente da linguagem, dotada de "substância" específica e com estatuto independente, mas equivalente a sua congênere oral levou algum tempo. [...] A escrita havia tido papel crucial na manutenção das tradições ortodoxas da Igreja, na transmissão de tal legado e na expansão desses elementos entre as novas gerações. Quanto mais a palavra escrita era percebida como o suporte de transmissão da autoridade do passado [...], menos ela era entendida como um simples arquivo da palavra falada (PARKES in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 106).

Esse processo tomou impulso no período escolástico, que fortaleceu a noção do texto escrito, principalmente dos livros, como ferramentas do trabalho intelectual. Aspecto este muito relacionado ao crescimento das universidades. "Os livros deixam de ter apenas uma finalidade sacra ou espiritual, como no período monástico, e passam a ter uma finalidade prática, pela qual precisa ser manuseável e acessível com frequência (sic)" (SIMÕES, 2008, p. 75). Isso acarreta preocupações de usabilidade, gerando formatos menores e de melhor manuseio que o *infolio – in-quarto, in-oitavo*, etc. Torna-se forte o uso de Florilégios, antologias e tabelas de concordância, que permitiam ao leitor localizar com mais velocidade

algum trecho específico em um texto grande sem ter de lê-lo por completo<sup>13</sup>. Havia também as coletâneas de resumos, os quais facilitavam o trabalho dos estudantes que, para estudar a obra de alguém, não precisavam ler os textos originais<sup>14</sup>.

Diante do que foi visto, trazemos três observações. Primeiro, ao estudar os períodos em questão, notam-se as diferentes noções de leitura e suas manifestações – em voz alta ou silenciosa, em grupo ou individual, como um recurso para a memorização ou uma fonte de estudo e "diálogo" – e como essas encontram-se ligadas a fatores materiais, mas também políticos, sociais e de heranças culturais. Segundo, a transformação, durante a Idade Média, da noção de leitura que predominou no período clássico não estava exclusivamente associada a uma invenção tecnológica ou qualquer outro fator, mas a um processo que durou séculos. E, terceiro, em nenhum dos momentos havia exatamente um quadro homogêneo de leituras, nem as mudanças que se instauraram resultaram em um.

### 2.2.2 Leituras no rolo e no códice: transição

O segundo caso trata de uma transformação no formato material de grande impacto na experiência da leitura, que foi a invenção do códice e sua gradativa infiltração na sociedade como suporte. Poderíamos ter falado dele no item anterior, mas seu impacto é tão debatido, que se resolveu reservar um espaço maior.

O códice ou códex surgiu nos primeiros anos da era cristã, no Império Romano e, teve o uso estimulado, em boa parte, porque os cristãos o adotaram.

[...] os cristãos, tanto no Oriente quanto no Ocidente, adotaram o códice. E de tal forma que os livros de seu credo são, desde o início, quase todos desse tipo. Mas não é preciso muito para deduzir que foram os cristãos que o inventaram: sob a forma primitiva de tabuinhas, cadernos e cadernetas, o códice já era, desde tempos antiqüíssimos, conhecido no mundo romano. Além disso, em suas origens, o cristianismo foi uma religião baseada na palavra, na pregação, na “viva voz” que, na tradição grego-romana, estava na base da retórica e do ensino escolar ou técnico, mesmo que o livro pudesse exercer uma função de guia complementar. Todavia, quando o cristianismo se confrontou com uma sociedade em que inúmeros

<sup>13</sup> No próximo capítulo, quando serão discutidas as práticas de leitura em ambientes digitais, veremos que a leitura digital é fortemente caracterizada como fragmentada, não linear. Esse tipo de informação do parágrafo referido permite que vislumbremos a possibilidade de a leitura fragmentada não ser um "atributo" da tecnologia digital, ou mesmo, de qualquer tecnologia, mas de condições específicas onde há muitas informações e textos disponíveis, geralmente com os quais se deve trabalhar.

<sup>14</sup> Os resumos e subterfúgios estudantis para tornarem o estudo mais rápido, geraram preocupações bem próximas aquelas vistas entre os educadores contemporâneos diante da internet – *Wikipedia* – e das apostilas didáticas. Em ambos os momentos observou-se temores de deformação do pensamento original do autor, queda na criatividade, fragmentação da informação e sua absorção superficial (SIMÕES, 2008, p. 76-78).

indivíduos tinham acesso à cultura escrita, e compreendeu que é preciso recorrer ao livro para a difusão de sua mensagem, escolheu decisivamente o códice (CAVALLO in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 91).

O formato firmou-se a partir do fim do terceiro século d.C. e sobrepôs-se ao *volumen* ou livro em rolo, que surgiu naquela região, principalmente, por meio das conquistas militares obtidas no mundo grego.

Os livros gregos importados irão assim funcionar como modelos para o nascente livro latino. [...] Tratava-se não somente de realizar uma transposição dos modelos gregos para outro contexto cultural, mas também de conquistar um método complexo de estruturação do livro que, inspirando-se naqueles modelos, organizasse o texto de modo cada vez mais adequado para a leitura (CAVALLO in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 72).

Com isso, antes do códice,

Até os séculos II-III d.C., “ler um livro” significava normalmente ler um rolo: pegava-se o rolo com a mão direita, desenrolando-o progressivamente com a esquerda, a qual segurava a parte já lida; acabada a leitura, o rolo permanecia enrolado na mão esquerda. Essas diversas fases, bem como certos gestos e atitudes complementares, são largamente demonstrados nas representações iconográficas, sobretudo nos monumentos funerários. Neles, encontramos o rolo que é seguro com a mão direita, enquanto a esquerda começa desenrolá-lo, fase inicial da leitura; o rolo na forma de dois cilindros mantidos com ambas as mãos e delimitando uma seção mais ou menos representativa do texto que está sendo lido; o rolo aberto no tipo chama da “leitura interrompida”, seguro com apenas uma mão; o rolo aberto em sua última faixa, inclinado para a direita, indicando a leitura que vai sendo concluída; o rolo, enfim, novamente enrolado, seguro pela mão esquerda (CAVALLO in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 78).

Já a mecânica do formato em códice permitia outras práticas, pois estabelecia a passagem das páginas sem o movimento de enrolar e desenrolar, assim seus leitores conseguiriam ler e reler um trecho com facilidade, consultar informações nas páginas já percorridas sem terem o trabalho de desenrolar páginas que não interessavam. Além de terem as mãos livres para anotações e qualquer outra ação, como destacar o texto. Essa estruturação física inspiraria mais atitudes leitoras, como a consulta curiosa de trechos adiante no livro, quando se quer conhecer a obra, ou mesmo, no caso de um manual e de uma enciclopédia, quando se pesquisa uma informação específica, sem querer ler todo o livro. Obtemos assim, uma transformação nos modos de ler causada por uma mudança no formato do suporte.

Mas tal navegabilidade do códice seria potencializada, então, por um conjunto de mudanças no design gráfico do livro e das suas unidades, as páginas. Estamos falando da introdução de letras capitulares, da numeração das páginas, da separação de palavras por

pontos (*interpuncta*) e, em seguida, por espaços, das divisões por capítulos e parágrafos, dentre muitas mais – das quais já falamos no item anterior. Tais modificações aconteceram em momentos separados e sem muita uniformidade, mas quando se somaram ao produto final, o livro como o conhecemos na contemporaneidade, haviam criado possibilidades de experiências de leitura completamente novas. Vamos comentar sobre algumas dessas alterações.

As páginas, antes, nem mesmo numeradas eram, pois então, a adição de um recurso de localização e estruturação do texto como esse representou um grande avanço no nível de orientação e busca dentro do livro. A escrita acadêmica, da qual nos utilizamos aqui, deve muito a isto com seu sistema de escritura baseado em referências de ano de publicação e número das páginas. Por exemplo, ao consumirem um texto com referências, pesquisadores podem estabelecer uma forma de leitura centrada em trechos de interesse, para conferir a procedência da informação que se lê. É bom esclarecermos que, não limitamos tal atitude somente a pesquisadores, mas sim a todos os leitores que captarem as referências, diretas – caso clássico das citações acadêmicas – ou indiretas. Mas essa “capacidade de referenciar” não é exclusiva de textos científicos, os literários e outros também constroem referências de diferentes obras em infinitos jeitos.

Mas, o livro é um objeto que se desgasta e, claro, manuseá-lo acelera isso bastante, entretanto, o desgaste poderia ser amplificado devido aos materiais que o constituíam. Durante muito tempo os livros e, textos em geral, foram fabricados em papiro, mas no século II a.C. foi inventada uma alternativa mais resistente, contudo, mais dispendiosa, o pergaminho. Para produzir 30 exemplares da Bíblia de Gutenberg em velino – da edição de 210 exemplares – em velino foram necessárias 5 mil ovelhas (MEGGS e PURVIS, 2009, p. 100-101). Ainda assim, essa matéria-prima, sem dúvida, fez sua marca. “A invenção do pergaminho, muito mais durável que o papiro, e o formato códice, que aceitava tinta mais espessa porque não precisava ser enrolado, abriam novas possibilidades para o design e a ilustração” (MEGGS e PURVIS, 2009, p. 65). Além disso, o papiro não poderia ser usado para fazer anotações nas leituras, mas o pergaminho sim, e o próximo material a ser visto, o papel, também, mas, com um custo bem menor. Não é de se estranhar porque esse, que foi inventado pelos chineses, no ano 105 da era cristã, e chegou à Europa por meio do comércio da rota da seda, acabou imperando sobre os materiais concorrentes.

Com este trecho não só reforçamos uma das ideias difundidas neste texto, de que as formas materiais influem nas leituras, mas que isso está intimamente ligado às matérias-primas disponíveis para a produção dos textos. Percebe-se, igualmente, o quão as práticas de

leitura mais comuns atualmente devem, em parte, sua existência ao livro em códice, as estruturas que se desenvolveram em conjunto com esse formato – margens, paginação, capítulos, parágrafos, etc. – e aos materiais que o compõem, principalmente o papel<sup>15</sup>, resistente, maleável, "barato" e de uso simples.

### 2.2.3 A invenção da prensa tipográfica

Para fecharmos o conjunto de transformações do universo da leitura abordados nesse capítulo, retornamos à discussão da transição do manuscrito para o impresso. Tocamos aqui no quesito de como o impresso alterou a fabricação dos livros e quais foram as implicações disso nas práticas de leitura.

Efetando mais um salto histórico, agora, para o século XV, adentramos um momento propício para o surgimento da prensa, quando fatores fortes impulsionavam a busca por uma invenção como essa. Dentre estes temos: o crescimento demográfico, que levou a Europa apresentar densidades demográficas de 60 hab/km<sup>2</sup> em certas regiões, como os Países Baixos (BARBIER, 2008, p. 110) e uma enorme demanda por livros, fortemente impulsionada pelas universidades, que cresciam. Uma tentativa de corresponder às demandas veio pela técnica da *pecia*. Conforme nos descreve Frédéric Barbier, arquivista-paleólogo e historiador francês,

Uma comissão universitária controla a qualidade do textos do manuscrito de referência (o *exemplar*), que é então enviado a um livreiro especializado (o *stationarius*). O exemplar é dividido em cadernos, que são por sua vez confiados, cada um a um estudante ou a um copista profissional, de modo que várias cópias podem, por rodízio, ser feitas por vários escribas ao mesmo tempo: o número de cópias é igual ao número de cadernos do *exemplar* e seu prazo de realização é o necessário até então para copiar um só exemplar (2008, p. 110).

Mas mesmo a *pecia* não foi o bastante para satisfazer as necessidades da época. Foi nesse momento que entrou na história Johannes Gutenberg. Vindo de uma família com tradição e experiência na lida com a metalurgia e de espírito empreendedor, Gutenberg agrega habilidades e conhecimentos necessários para produzir a máquina de fundir e a técnica

---

<sup>15</sup> "Inventado na China e difundido por intermédio do mundo árabe, o papel aparece nas atas da chancelaria normanda da Sicília no fim do século XI e nas minutas dos tabeliões de Genes no século XII. A matéria-prima, a celulose, é então obtida a partir de tecidos velhos [...].

O papel constitui um suporte mais barato (até dez vezes menos caro), pode ser reproduzido mais rapidamente e em uma quantidade muito maior que o pergaminho. Ele se mostrará mais adaptado que este último às aplicações da técnica tipográfica. Triunfa no ocidente em todos os trabalhos cotidianos de escrita e em uma parte das produções de livros manuscritos" (BARBIER, 2008, p. 110-111).

metalúrgica de multiplicação dos caracteres, essenciais para que a prensa tivesse o impacto que teve. "A inovação principal reside, portanto, na possibilidade de fabricar em série caracteres normalizados" (BARBIER, 2008, p. 123-124).

Em curto período de tempo a prensa tipográfica ganhou espaço entre as principais cidades europeias. Partindo de Mogúncia e Estrasburgo, em torno de 40 anos a nova tecnologia já havia alcançado cerca de 250 cidades na Europa (BARBIER, 2008, p.138). Para Barbier, os impactos da tipografia traduziram-se em transformações radicais nas condições de produção dos livros e sua forma material, além de mudanças nas condições de apropriação. Isso se traduziu, em primeiro lugar, na baixa do preço do livro e sua popularização.

Segundo, no plano das práticas de leitura, há o reforço de uma evolução antiga que corresponde à "[...] crescente complexidade da paginação, à separação das palavras, à pontuação [...]" (BARBIER, 2008, p. 156). Todos juntos contribuem para a reorganização do espaço gráfico do livro que datam principalmente dos séculos XI, XII e XIII. Como discutido no item anterior, a isso se segue um aumento da leitura silenciosa e individual e do número de leitores potenciais. Para Barbier, tal quadro significa que, a invenção de Gutenberg, apesar de trazer força a um movimento que já existia, não

[...] lança suas bases. Perturba ainda menos (ou menos ainda?) os hábitos e as práticas da leitura e do trabalho intelectual pelo fato de os primeiros livros impressos copiarem exatamente a sua forma material da forma dos manuscritos. As mudanças introduzidas são desde então mais sutis (2008, p. 157).

Cavallo e Chartier também manifestam-se sobre o assunto e afirmam que a primeira transformação a atingir a leitura durante a modernidade, a prensa tipográfica, *é técnica*, pois *revolucionaria* as maneiras pelas quais se *produziam e reproduziam* os livros. Seus motivos para crer nisso são: a abreviação do tempo de fabricação, ampliação da circulação dos textos, do número de exemplares e da acessibilidade, além da possibilidade de uma reprodução idêntica ou quase. No entanto, não pensam que esta tenha provocado uma revolução da *leitura* (1998, p. 26). E apresentam suas razões, primeiramente, "[...] em suas estruturas essenciais, o livro não é transformado pela nova técnica. Até o início do século XVI, pelo menos, o livro impresso ainda depende do manuscrito do qual imita a paginação, a escrita, as aparências" (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 26). Além dessa dependência, muito forte nos anos dos incunábulos, o livro que vem depois de Gutenberg é muito semelhante aquele que existia antes, pois ainda é constituído por folhas dobradas em



cadernos e protegidas por uma encadernação. Até mesmo os sistemas de referência inventados em grande número durante a época dos manuscritos mantiveram-se no impresso.

A próxima razão apresentada entrelaça os três períodos descritos nesses últimos itens: da transição da leitura baseada na oralidade para a sua existência *per se* – silenciosa, individual –; da invenção do códice; e da invenção da prensa como – não uma revolução – fortalecedor de um movimento de transformações das práticas de leitura que vem desde a Idade Média.

A invenção da imprensa não tem, de fato, uma importância decisiva no longo processo que faz com que leitores cada vez mais numerosos passem de uma leitura oralizada indispensável para a compreensão do sentido, a uma leitura possivelmente silenciosa e visual. Se desde a Antiguidade grega e romana coexistem as duas maneiras de ler, é durante uma longa Idade Média [...] que a possibilidade de ler em silêncio, em princípio reservada aos ambientes dos escribas monásticos, penetra os meios universitários antes de tornar-se, aos séculos XIV e XV, uma prática comum das aristocracias leigas e dos letrados. A trajetória continua, depois de Gutenberg, inculcando progressivamente nos mais populares dos leitores uma forma de ler que não pressupõe mais a oralização (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 26-27).

Portanto, para Cavallo e Chartier – em harmonia com o que foi exposto a respeito da mudança na noção de leitura durante a Idade Média –,

A primeira "revolução da leitura" da Idade Moderna é, pois, muito independente da revolução técnica, que modifica, no século XV, a produção do livro. Ela se enraíza, sem dúvida, mais profundamente na mutação que transforma, nos séculos XII e XIII, a própria função do escrito, quando, ao modelo monástico da escrita que confere ao escrito uma tarefa de conservação e de memória largamente dissociada de qualquer leitura, sucede o modelo escolástico da escrita que faz do livro ao mesmo tempo o objeto e o instrumento do trabalho intelectual (1998, p. 27).

Neste raciocínio é igualmente questionada a segunda revolução da leitura da Idade Moderna – localizada na última metade do século XVIII – na qual teria ocorrido a sucessão da leitura intensiva pela extensiva, ou seja, o consumo de muitos títulos diferentes, agora fartamente disponíveis, ganha espaço em detrimento do hábito de ler exhaustivamente umas poucas publicações, atitude frequentemente relacionada aos livros religiosos. Esta tese é questionada quando analisada juntamente com o conhecimento de que "[...] são de fato numerosos os leitores 'extensivos' ao tempo da leitura 'intensiva'" (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1998, p. 28). Os leitores humanistas, por exemplo, planejaram máquinas como a roda de leitura, a qual possibilitaria a leitura de vários livros ao mesmo tempo, além dos cadernos de lugares-comuns, que recebiam citações vindas de

inúmeros textos, articulando autores e obras diferentes. Ao mesmo tempo, o momento dado como posterior à transição para as leituras extensivas vê o fortalecimento da "[...] mais intensiva das leituras, aquela pela qual o romance se apodera de seu leitor, prende-o à sua letra e o governa como fazia antes o texto religioso. [...] O romance é constantemente relido, decorado, citado e recitado" (CAVALLO e CHARTIER in CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 29).

Seja o promotor de duas revoluções da leitura ou não, a invenção do impresso certamente marcou o universo dos textos e deixou um exemplo histórico pelo qual podemos nos guiar para questionar se esta nova mudança de base tecnológica – o texto eletrônico – na produção textual seria finalmente, ou novamente, uma revolução da leitura. Cavallo e Chartier pronunciam-se sobre essa questão de forma afirmativa, declarando que a invenção dos textos digitais é um evento histórico dentro da linha desses vistos acima, porém, mais amplo, contemplando inclusive as práticas de leitura, as quais abordaremos no capítulo a seguir para melhor entendermos finalmente tal evento.

### 3 O DIGITAL: SEUS TEXTOS E SUAS PRÁTICAS DE LEITURA

Sendo inegável que o livro, a leitura e as suas práticas ou os modos de apropriação dos textos, bem como a nossa relação com a escrita se encontram num momento de rápida transformação, impõe-se refletir sobre como se traduzem essas mudanças [...].

*José Antonio Furtado*

#### 3.1 As novas tecnologias de comunicação: um breve relato do desenvolvimento dos computadores e da internet

Manuel Castells, premiado sociólogo espanhol, estudioso das "redes de informação" e professor da Universidade Aberta da Catalunha, enxerga grandes modificações na sociedade contemporânea em razão das novas tecnologias, que teriam criado uma sociedade onde "a internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede" (2003, p. 7).

Castells mantém uma visão muito ampla das influências das novas tecnologias e aponta impactos na cultura – "a cultura da internet" –: nos negócios, com o comércio virtual, a velocidade das negociações financeiras, novas formas de trabalho; nas relações humanas, através das comunidades virtuais e mais; na política, por meio de alterações nas dinâmicas dos movimentos sociais, na participação do cidadão, na emergência da "*noopolitik*", além das questões de privacidade e liberdade; na criação e inserção dos conteúdos em hipermídia; na geografia e em vários outros aspectos. Por fim, Castells vê em todos estes impactos um paralelo com outro momento histórico de interesse para a temática desta dissertação, pois, segundo o sociólogo, "assim como a difusão da máquina impressora no Ocidente criou o que MacLuhan (sic) chamou de a 'Galáxia de Gutenberg', ingressamos agora num novo mundo de comunicação: a Galáxia da Internet" (2003, p. 8).

Outro estudioso que se manifesta sobre a temática das transformações geradas pelas novas tecnologias é Pierre Lévy, sociólogo e filósofo, quem afirma que

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição,

criação, aprendizagem, são capturados por uma informática cada vez mais avançada (1993, p. 4, grifo nosso).

Frédéric Barbier também apresenta uma análise dos movimentos de mudança com as novas tecnologias digitais e, as encaixa em uma última onda de inovações, num total de três que compõem uma linha do tempo, a qual vem do século XIX até a atualidade. Nesta terceira onda temos: "[...] a interconexão das máquinas e dos usuários (internet); a integração das técnicas e dos setores por meio da digitalização; e a generalização dos usos da informática em todos os domínios da vida em sociedade" (2008, p. 442, grifo nosso).

Por sua vez, o professor da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, José Antonio Furtado, também enxerga transformações nesta época. Dirigindo-se mais especificamente ao tema do livro e da leitura, declara:

[...] o desenvolvimento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e, em particular, a passagem para uma sociedade de informação, em que a Internet e a World Wide Web assumem particular importância, tem afetado significativamente o modo de pensar a natureza e funções do livro tal como tradicionalmente o temos conhecido e provocado transformações significativas no setor da edição (2006, p. 19).

Castells, Lévy, Barbier e Furtado, cada um em sua diferente amplitude de trabalho e enfoque, nos indicam uma perspectiva presente nos estudos das tecnologias das comunicações que converge para o entendimento da existência de modificações no presente causadas pelos computadores e a internet. Com isso, entendendo o espaço fundamental que estas tecnologias ocupam no cenário em que se situa nosso objeto, – *as práticas de leitura de livros de lazer impressos e em e-readers* – tentaremos trazer um breve relato do seu desenvolvimento. Ainda, para contextualizar a presença dessas tecnologias em nível nacional e internacional, serão apresentadas algumas estatísticas.

### 3.1.1 Os computadores

Como nos relata Marco Antonio Simões (2008, cap. 3), os computadores são um tipo de equipamento eletrônico que seguem um princípio de funcionamento básico: a alternância dos estados da corrente elétrica, com energia ou sem energia. Tais condições são convertidas e interpretadas por sistemas presentes nas máquinas como informações em uma sequência de zeros e uns, onde o "0" representa a ausência de energia e o "1" a presença. Cadeias

sequenciais de "0" e "1" em grupos de oito dígitos (byte) podem ser combinadas com mais e mais cadeias iguais ou diferentes e interpretadas por parâmetros e convenções internacionais de codificação computacional<sup>16</sup>, onde uma dada sequência de números equivale a um caractere. Isso permite que sejam representados quaisquer símbolos pré-estabelecidos, inclusive os caracteres dos textos eletrônicos – todo o alfabeto, acentos, numerais, pontuação, etc. (SIMÕES, 2008, p. 140-142).

Tabela 1- Caracteres alfabéticos em notação ASCII.

Binário (ASCII)	Letra maiúscula	Binário (ASCII)	Letra minúscula
0100 0001	A	0110 0001	a
0100 0010	B	0110 0010	b
0100 0011	C	0110 0011	c
0100 0100	D	0110 0100	d
0100 0101	E	0110 0101	e
0100 0110	F	0110 0110	f
0100 0111	G	0110 0111	g
0100 1000	H	0110 1000	h

Fonte: WIKIPEDIA

Foi destacada e destrinchada acima a explicação de parte da estrutura dos textos digitais por serem parte de nosso objeto. No entanto, é nesse mesmo processo de codificações e decodificações de sequências binárias que é implementado todo o tipo de informação nos ambientes digitais, permitindo, inclusive, que os textos agreguem outros conteúdos além de material escrito.

A aplicabilidade desse método simples não se limita a números e letras. Qualquer outro conteúdo, por mais complexo que possa parecer, como imagens, filmes, desenhos animados, sons, música, podem ser armazenados na forma binária em qualquer computador (SIMÕES, 2008, p. 142).

Mas, conforme nos esclarece Simões (2008, p. 143), um computador não é composto somente por códigos ou programas (*softwares*), pois o conteúdo veiculado é "submetido" também a uma interface física – o hardware. Portanto, essas máquinas são igualmente uma

<sup>16</sup> São adotados padrões internacionais para que haja compatibilidade entre as máquinas ao redor do mundo. O ASCII (American Standard Code for Information Interchange) é um desses padrões. Produzido em 1963 e publicado em 1967, o ASCII foi criado com base no alfabeto inglês, codificando 128 caracteres, incluindo os números de 0-9, o alfabeto minúsculo e o maiúsculo, a pontuação básica, alguns códigos de controle e o "espaço em branco" (SIMÕES, 2008, p. 141).

estrutura eletrônica constituída por placas de circuitos elétricos, os quais passaram por inúmeros processos de aperfeiçoamento, influenciando, ao longo do tempo, nas suas utilidades, aplicabilidades, preços, difusão. Isto possivelmente contribuiu para retirar a tecnologia digital de um espaço restrito, dentro do campo dos estudos estratégicos, científicos e militares, para colocá-la como ferramenta das práticas e usos mais rotineiros da vida humana, como a leitura.

No início da computação, as máquinas eram de proporções gigantescas, continham válvulas a vácuo e chegavam a ocupar andares e mais andares de prédios com sua estrutura. O consumo de energia era enorme e, por outro lado, sua eficiência não chegava nem perto das obtidas nas máquinas atuais. O primeiro computador de uso geral foi o ENIAC ou *Electronic Numeric Integrator and Calculator*, de 1946, usado para fazer cálculos (SIMÕES, 2008, p. 143). Nos anos seguintes surgiram novos modelos, mas ainda carregavam as mesmas características de seu antecessor, tornando inúmeras aplicações, dentre elas a doméstica, inviável.

Segundo Simões (2008, p. 144-145), as mudanças nesse quadro foram gradativas e vieram em quatro gerações até então. Os avanços responsáveis por isso foram a invenção dos transistores<sup>17</sup>, em substituição das válvulas, que permitiram a redução do tamanho das máquinas, maior velocidade de processamento, maior durabilidade e menor consumo de energia. Depois, em 1960, a utilização de circuitos integrados levou a uma maior redução das dimensões das máquinas, o que reduziu mais os custos e aumentou o processamento, esta foi a época dos "minicomputadores". Finalmente, a quarta geração surgiu, em 1971, por meio dos microprocessadores (BARBIER, 2008, p. 441). Criados pela empresa de informática Intel, esta peça alavancou o surgimento dos microcomputadores. "Essa criação permitiu que os computadores e a tecnologia digital passassem a fazer parte do dia a dia das pessoas, tornando-se inclusive um item doméstico" (SIMÕES, 2008, p. 145).

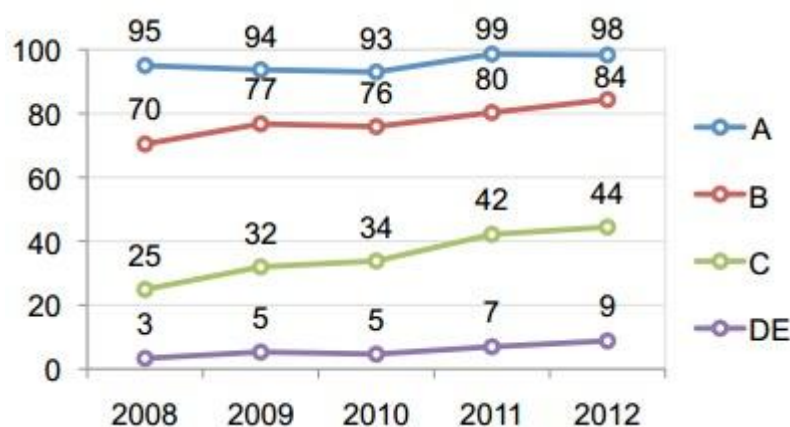
Atualmente, as estatísticas indicam o quão difundidas estão estas máquinas entre uma grande parcela da população, sendo utilizadas para várias atividades básicas desde o trabalho, até o lazer e o estudo. O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) realiza anualmente uma

---

<sup>17</sup> Transistores são partes fundamentais dos computadores, pois são os responsáveis pela alteração dos estados da energia de ligado (1) para desligado (0) e vice-versa. Funcionam como interruptores "automáticos" de alta-velocidade. Hoje, praticamente todas as partes de um computador possuem milhares de transistores alterando seus estados e produzindo comandos elétricos que são interpretados pelos softwares como códigos computacionais (SIMÕES, 2008, cap 3).

pesquisa sobre o "Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil"<sup>18</sup>. Este ano os resultados foram coletados entre 1º de setembro de 2012 e 13 de fevereiro de 2013 com 17.380 entrevistas. Os resultados mostram que, atualmente, 28,1 milhões de domicílios brasileiros possuem computadores, o que representa 46% da totalidade das residências nacionais. Nas regiões urbanas, os domicílios com computadores já são maioria, 51% do total. No entanto, nas regiões rurais, estas máquinas chegaram a somente 15% das moradias.

Gráfico 1- Percentual de domicílios com computador por classes - Brasil (2008-2012)<sup>19</sup>.



Fonte: CGI.br, TIC Domicílios 2012.

A pesquisa também aponta um indicador que permite observar a inserção em nível de diversificação dos tipos de computadores que os entrevistados possuem, dentre computadores de mesa – *desktop/pc* –, computadores portáteis – *notebooks/laptops* – e *tablets*. Do total de domicílios que possuem computadores, 70% têm máquinas de mesa, 50% têm os modelos portáteis e apenas 4% possuem *tablets*.

Parte da penetração das novas tecnologias também pode ser enxergada no uso de celulares, os quais, atualmente, trazem modelos que são verdadeiros computadores em suas aplicações e recursos, são os chamados *smartphones*. A pesquisa do CGI.br indica que, no Brasil, existem 139,8 milhões de pessoas que se utilizam da telefonia celular, isto representa 84% da população total. Mas, um dado que também chama a atenção é a diversificação dos usos desses aparelhos, que incluem: fazer e receber chamadas, com 99% do total dos usuários

<sup>18</sup> Segundo informa o relatório da CGI.br, a pesquisa TIC Domicílios tem por objetivo geral medir o acesso e os usos da população brasileira em relação às tecnologias de informação e comunicação com abrangência nacional, pesquisando sobre a população a partir de 10 anos através de entrevistas pessoais e domiciliares a partir de um questionário estruturado. (Fonte: CGI.br).

<sup>19</sup> Informações obtidas em : < <http://www.cgi.br/publicacoes/index.htm> >. Acesso em: 10 dez. 2013.

de celulares; envio de mensagens de textos (SMS, mensagens torpedo), com 64% do total; audição de músicas, com 47%; jogos eletrônicos, com 29%; uso da internet, com 24%<sup>20</sup>.

Como a própria pesquisa exposta acima nos mostra, hoje, estamos envolvidos por uma grande variedade de computadores – *smartphones*, *notebooks*, *tablets*, *desktops*, etc. – e de usos específicos aos quais são dedicados. Isso veio graças a evolução do hardware e sua integração com *softwares* cada vez mais avançados e capazes de responder a aplicações bem particulares e complexas, como comunicação em imagem e som entre dois indivíduos pela *web*. Simões nos fala sobre esse movimento:

Os programas de computadores continuam a crescer em complexidade, sendo capazes de realizar cada vez mais funções. Os ambientes gráficos e de multimídia, como nos jogos para computadores, tornam-se mais sofisticados e com níveis de definição inimagináveis. Para acompanhar essa demanda, a indústria de computadores avança em tecnologia, e busca formas de aumentar ainda mais a capacidade das máquinas (2008, p. 146).

O desenvolvimento e a diversificação chegou a tal ponto que, algumas das novas máquinas são projetadas especificamente como eletrônicos de usos bem focados, como para o controle de robôs aplicados na medicina e nas indústrias, para a integração com construções "inteligentes"<sup>21</sup>, para o acesso móvel à internet ou, então, para a leitura de livros e outros tipos de textos, caso dos *e-readers* – os suportes de leitura enquadrados na etapa prática da pesquisa –, que serão tratados mais a frente.

### 3.1.2 A Internet

A internet e os computadores estão entrelaçados fortemente e, mesmo antes de toda a difusão e diversificação nas aplicações dessas máquinas – quando ainda eram usadas dentro do escopo mais restrito do campo científico, estratégico e militar – a rede mundial de computadores já dava seus primeiros passos. Foi no final da década de 1950 que a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA), um braço do Departamento de Defesa dos EUA (DoD) pensou no desenvolvimento de um sistema de comunicação capaz de resistir a possíveis ataques nucleares, para tal, "[...] não deveria depender de um elemento central que o

---

<sup>20</sup> A pesquisa indica que este item tem apresentado crescimento. (Fonte: CGI.br).

<sup>21</sup> Fonte: Portal G1 de notícias. Disponível em: < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/01/google-compra-empresa-de-automacao-do-lar-por-us-32-bilhoes.html>>. Acesso em: 13 de fev. 2014.



tornasse vulnerável, e deveria ser capaz de se auto-reconfigurar, caso uma de suas partes fosse danificada" (SIMÕES, 2008, p. 147). Esta preocupação irá assentar uma característica básica da *web* e importante para sua popularização: a arquitetura aberta (SIMÕES, 2008, p. 156), a qual trará benefícios mas, ao mesmo tempo, inúmeras questões como, por exemplo, de privacidade e segurança.

Em 1969, o esforço governamental estimulado pela Guerra Fria deu origem a ARPANET, que interligava estabelecimentos militares e acadêmicos norte-americanos. Em 1983, a rede é finalmente dividida entre uma dedicada a fins militares, a MILNET, e deixou a ARPANET voltada para fins acadêmicos. Enquanto isso, outras redes foram surgindo, caso da CSNET e da BITNET, que também se integravam e formaram a ARPA-INTERNET, ou somente, Internet. O próximo passo veio com a obsolescência da sucessora da ARPANET<sup>22</sup>, a NSFNET, em 1995, além do gradativo afastamento do governo dos EUA e de uma forma de autoridade central, como a *National Science Foundation* (NSF)<sup>23</sup>, então responsável pela NSFNET (CASTELLS, 2003, p. 14-15).

Desde então, a internet passou a ser formada por computadores particulares e públicos – nas casas, nas empresas, nas instituições públicas, etc. – e os servidores privados que hospedam os sites e seus conteúdos. Sua gestão ficou a cargo de "[...] diversas instituições e mecanismos improvisados" (SIMÕES, 2008, p. 150). Mas ainda faltava algo para que a navegação na rede de computadores alçasse voo.

O crescimento e popularização da internet dependeu de certas tecnologias desenvolvidas a partir dela. É o caso dos serviços de troca de mensagens por e-mails, que surgiu em 1971 com Ray Tomlinson, quem projetou uma versão inicial do que viria a ser, mais tarde, este recurso que muitos usam hoje para comunicação pessoal, trabalho, etc. (SIMÕES, 2008, p. 152). Outra invenção fundamental, segundo Castells (2003), foi a *World Wide Web*, desenvolvida em 1990, por Tim Berners-Lee. A popular WWW, um sistema de compartilhamento de informação em forma de documentos hipermidiáticos, representou o esforço de décadas de vários projetistas, desenvolvedores e estudiosos, como Douglas Engelbart<sup>24</sup> e Bill Atkinson<sup>25</sup>, mas veio ao mundo pelas mãos de Berners-Lee.

---

<sup>22</sup> A ARPANET havia sido desativada em 20 de fevereiro de 1990. (SIMÕES, 2008, p. 150).

<sup>23</sup> Fundação estadunidense que criou, durante a década de 80, tanto a CSNET e a BITNET, redes com fins científicos conectadas à ARPANET. (SIMÕES, 2008, p. 150).

<sup>24</sup> Reconhecido como um dos inventores do *mouse* e projetista do *On-Line System*, um ambiente integrado para processamento de ideias. (CASTELLS, 2003, p. 17).

O próximo salto tecnológico foi o desenvolvimento de uma interface gráfica para permitir o uso dos recursos da rede com facilidade, sem ter de entender de processos de programação.

Ele (Berners-Lee) definiu e implementou o software que permitia obter e acrescentar informação de e para qualquer computador conectado através da Internet: HTTP, HTML e URI (mais tarde chamado URL). Em colaboração com Robert Cailliau, Berners-Lee construiu um programa navegador/editor em dezembro de 1990, e chamou esse sistema de hipertexto de world wide web, a rede mundial. O software do navegador da web foi lançado na Net pelo CERN em agosto de 1991. Muitos hackers do mundo inteiro passaram a tentar desenvolver seus próprios navegadores a partir do trabalho de Berners-Lee (CASTELLS, 2003, p. 18).

De todas as versões adaptadas do navegador criado pelo CERN, o *Mosaic*, feito por Marc Andreessen e Eric Bina, foi aquele com a interface de maior sucesso, esta incorporava "[...] uma avançada capacidade gráfica, tornando possível captar e distribuir imagens pela Internet, bem como várias técnicas de interface importadas do mundo da multimídia" (CASTELLS, 2003, p. 18). Isto contribuiu para o desenvolvimento dos textos digitais na *web* e para a formação dos hipertextos *online* que, agora, podiam ser explorados por "leigos" em linguagens de programas. Acessar, percorrer, e usufruir de um texto na *web* passou a ser um ato mais simples, ainda mais com associação de todas as características listadas acima com o recurso *point-and-click* (FURTADO, 2006, p. 38), que exigia apenas o uso do *mouse* para alcançar e selecionar os comandos e *links*.

O reflexo dessas inovações é notado nas estatísticas sobre a difusão da *web*. Internacionalmente, há um quadro de expansão acelerada e um significativo alcance da rede mundial de computadores. Segundo a *Internet World Statistics (IWS)*<sup>26</sup>, existem atualmente (2014) 2,405 bilhões de usuários do serviço no mundo, o que revela um crescimento de 566,4%, se comparado ao total de usuários no ano de 2000, que contabilizava 360,9 milhões. Neste mesmo período, a América Latina e o Caribe juntos cresceram 1310,8%, indo de 18 milhões de usuários para 254,9 milhões, isto é, 42,9% da população da região usa a *web*. Isto nos coloca em quarto lugar tanto em números de usuários, quanto em porcentagem da população conectada.

No Brasil, conforme mostram os dados da CGI.br, existem hoje 24,3 milhões de domicílios com acesso à internet, representando 40% do total dos lares brasileiros.

---

<sup>25</sup> Desenvolvedor de um sistema HyperCard de interconexão de informações e da interface gráfica do Mcintosh, computador pessoal da Apple. (CASTELLS, 2003, p. 18).

<sup>26</sup> Também conhecido como *Internet World Stats*, o IWS é um site que agrega informações sobre o uso da internet coletadas em 233 nações e regiões do mundo.

Novamente, os índices são mais elevados nas regiões urbanas com 44% dos domicílios com acesso, enquanto que as áreas rurais têm somente 10% de suas residências conectadas. Em indivíduos, isso representa acesso para 80,9 milhões de cidadãos, 49% do total da população. Desses, 69% acessa a internet todos os dias ou quase todos, com 23% pelo menos uma vez por semana.

O sudeste – região onde moram os entrevistados da parte prática deste trabalho – mantém o maior índice de domicílios com internet, são 48%. Ao mesmo tempo, o sul possui 47%, 39% no centro-oeste, 27% no nordeste e 21% no norte. Os tipos de conexão não mais se restringem ao discado (7%), tem-se banda larga fixa em 67% do total das residências com internet e 21% com conexão móvel.

Em âmbito nacional, os fatores para a falta de internet nos domicílios incluem o custo elevado (44%), ter acesso em outro lugar (25%), falta de disponibilidade na área (24%) e falta de interesse (16%). A análise separada por nível social e regiões apresenta as classes A e B respectivamente com 94% e 80% de seus membros com acesso. A diferença é grande entre as duas primeiras camadas e as classes C e DE, a primeira com 47% e, a segunda, com 14% dos seus membros conectados. O quadro de grandes diferenças também se repete nos dados sobre a presença de computadores em domicílios, 98% das residências de classe A e 84% das de classe B têm computadores, enquanto que 44% das de classe C e somente 9% das da DE possuem.

Dessa forma, além da profunda inserção das novas tecnologias de comunicação, os dados ainda indicam que regiões e classes economicamente melhores têm um acesso muito maior, o que pode levar a um aumento das diferenças sociais para além do nível da alfabetização, repetindo a lógica do universo letrado, como entende Barbier:

[...] não deixa de ser verdade que as duas últimas décadas do século XX viram o triunfo do modelo ocidental, organizados em torno do capitalismo, da inovação técnica e do crescimento econômico. Ora, os estados de desenvolvimento são profundamente diferentes em nível planetário. As diferenças já são imensas no plano da alfabetização, e elas aumentam mais ainda caso abordemos os grandes indicadores culturais (escolarização, pesquisa, produção impressa, etc.) e a passagem na civilização da informática – ainda mais porque as tecnologias e os grandes grupos que permitem controlar o setor são evidentemente (sic) de origem ocidental (BARBIER, 2008, p. 446).

Portanto, apesar do digital estar muito presente em certas partes da sociedade, em outras há uma notável defasagem. O que talvez inclua no campo dos impactos das novas tecnologias de comunicação possíveis transformações em formas de demandas sociais por inclusão aos

novos meios tanto no campo informal quanto no formal, através da educação – leitura, escrita, etc.

### 3.2 A tecnologia do texto digital: os hipertextos e os livros em *e-readers*

Aqui, serão observados os textos eletrônicos, estruturas muito estudadas nas pesquisas das práticas de leitura nas novas tecnologias de comunicação. Abordaremos com enfoque autores que nos falam dos hipertextos e, finalmente veremos seu papel na composição dos livros eletrônicos (*e-books*) lidos nos *e-readers*, debatendo suas definições e fundamentos tecnológicos.

Lenir de Jesus Barcelos Coelho, nos lembra que, o hipertexto não é algo tão recente quanto se pensa e tem suas origens envoltas em anseios de escritores, professores, estudiosos e profissionais da produção livreira no sentido de permitir uma maior velocidade de leitura e de recuperação da informação. Nesse mesmo sentido, Simões nota que, o filósofo do Renascimento Guarino de Verona (1370-1470), em uma recomendação ao seu aluno Leonello D'Este, apresenta "[...] o que muitos séculos depois seria definido comm um hipertexto" (2008, p. 98).

Seja o que for que estiver lendo tenha sempre à mão um caderno de anotações...no qual você possa escrever o que quiser e listar os tópicos que você juntou. Então, quando decidir reler as passagens que mais o impressionou, não terá de folhear um grande número de páginas. Isso porque o caderno de anotações estará próximo como um empregado diligente e atento para lhe dar aquilo de que vier a necessitar (DE VERONA apud GRAFTON in CAVALLO e CHARTIER (orgs), 1999, p. 24).

Por este mesmo raciocínio talvez seja possível tomar referências, citações, notas, índices remissivos, sumários, anotações livres nas margens das páginas de um livro referindo-se a conteúdos provenientes de um outro livro, e mais tantos elementos dos livros impressos ou manuscritos como estruturas hipertextuais. Exemplificando, Simões faz referência a uma versão da Bíblia feita pelo impressor e humanista Christophe Plantin, a Poliglota de Antuérpia (2008, p. 158), que continha nas páginas os trechos do texto em latim e seus correspondentes em idiomas diferentes, algumas poderiam haver traduções para o caldeu, hebreu e grego. Pierre Lévy aproxima-se desse raciocínio, já que enxerga conceitos fundamentais do hipertexto presentes na impressão, com um dicionário, uma enciclopédia, etc. (apud SIMÕES, 2008, p. 161).

Dentro desse contexto, Furtado declara que, para um grupo de estudiosos envolvidos com a investigação do desenvolvimento de sistemas hipertextuais em computadores "[...] os hipertextos são essencialmente sistemas de recuperação de informação usados para recolher, ordenar, agrupar, atualizar, pesquisar e recuperar informação de um modo mais fácil, rápido e eficiente" (2006, p. 68). Partindo desse ponto de vista, Furtado cita o filósofo italiano Luciano Floridi, quem nos conta sobre a "[...] *falácia eletrônica*, segundo a qual o hipertexto seria unicamente um conceito *computer-based*. Ora, na verdade, tal conceito é incorreto e deve-se à confusão entre o nível físico e o nível conceitual" (2006, p. 68). Floridi argumenta que um hipertexto é uma estrutura conceitual, pensado primeiramente em meio mecânico e, apesar de certas estruturas componentes, como os nós e *links*, serem implementados de forma eficiente em um ambiente digital, por exemplo, esta tecnologia não é conceitualmente relevante para o seu entendimento (FLORIDI apud FURTADO, 2006, p. 68-69).

Floridi ainda nos fala de duas outras falácias da origem dos hipertextos, a literária e a expressionista. A primeira assume que o hipertexto teve início como uma técnica narrativa e, portanto, é uma nova forma de estilo literário. A segunda vê como uma consequência de "pressões" da escrita. Sobre a primeira, Floridi afirma que

[...] o hipertexto tornou-se o formato standard para o software educativo interativo (sic), obras de referência, livros de texto e documentação técnica, ou para a própria Web, enquanto o hipertexto literário entendido como um novo estilo de narrativa 'aberta' permanece um fenómeno (sic) apenas marginal (FLORIDI apud FURTADO, 2010, p. 37).

Já quanto à falácia expressionista, o filósofo italiano argumenta que

[...] os hipertextos são desenhados para o leitor, principalmente para facilitar as tarefas de pesquisa e de recuperação de documentos relevantes, mas também para permitir um leque de padrões de leitura de alguma (normalmente limitada) extensão. O que também significa que os textos já não precisam de ser fisicamente preparados para uma leitura única a, mas que contêm vários níveis de leituras que dependem da acessibilidade conceptual dos seus conteúdos e diferentes tipos de prioridades de informação". Então talvez seja mais correcto (sic) encarar o hipertexto como um fenómeno (sic) "orientado" para a leitura do que "pressionado" pela escrita (FLORIDI apud FURTADO, 2010, p. 38).

Discutir a origem dos hipertextos nos conduz aos debates quanto a sua definição na contemporaneidade. Furtado explica que, desde o primeiro emprego desse conceito, no artigo de "*As We May Think*", publicado em 1945 por Vannevar Bush, político, inventor e engenheiro estadunidense do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), o mesmo sofreu

muitas mudanças, desenvolveu-se em possibilidades múltiplas e uma tentativa de definição global pode terminar em um produto extremamente genérico ou controverso (2006, p. 65-66). O que nos convida a evitar a adoção de uma noção definitiva e perpassarmos por algumas vozes de destaque sobre o tema, não necessariamente divergentes, mas que enriqueçam o panorama conceitual.

Considera-se que Bush, em seu célebre artigo citado acima, "anuncia" o conceito em sua forma moderna (SIMÕES, 2008, p. 159). Quando conclui que os métodos de transmissão e análise dos estudos científicos estavam ultrapassados, sugere uma forma de imitar o comportamento da mente para apreender e organizar informações por conexões de elementos. Eis que propõe o "*Memex*"<sup>27</sup>, visto como um "ancestral" do hipertexto, dos livros digitais (DARNTON, 2010, p. 87) e dos computadores pessoais, onde seria possível armazenar livros, registros e comunicações por recursos mecânicos e, ainda, realizar consultas com velocidade. Nos projetos de Bush até mesmo a forma de realização dessa invenção era prevista, com fitas magnéticas, alto-falantes, telas, etc. (FURTADO, 2008, p. 159-160). No entanto, nunca tornou-se realidade.

Apesar da ideia já estar pairando por entre vários campos há tempos, o conceito de hipertexto só veio a ser associado ao termo atual em 1960, com Theodor Holm Nelson (FURTADO, 2008, p. 161), criador do projeto Xanadu, o qual "[...] gira em torno da 'associação' de ideias baseando-se no modelo segundo o qual é suposto funcionar a nossa mente [...]" (FURTADO, 2006, p. 70-71). Então, nesse momento temos a tônica na associação e organização de conteúdos, os quais mimetizariam o funcionamento da mente.

Kathleen Gygi, no meio de uma enorme diversidade de conceituações, enxerga um grupo de concepções, as quais chamou de "largo espectro", que se concentra na noção do hipertexto como

[...] associação em detrimento da indexação; é um formato para a representação não sequencial de ideias; representa a abolição da abordagem tradicional, linear, da apresentação e processamento da informação; é dinâmico e não linear; e, no hipertexto, o conteúdo não está limitado nem por uma estrutura nem por uma organização (apud FURTADO, 2006, p. 66, grifo nosso).

---

<sup>27</sup> Esta era uma máquina que, em certa medida, remonta ao preenchimento de necessidades com as quais a Roda de Ramelli também se preocupava. Tal roda foi um mecanismo projetado por Agostinho Ramelli, engenheiro italiano a serviço do rei da França, que buscava facilitar a leitura e estudo de vários textos ao mesmo tempo de forma mais prática e rápida (SIMÕES, 2008, p. 98; p. 158), ao dispô-los em um estrutura parecida com um engenho d'água, onde as "pás" que moviam a água seriam postas como mesas para apoiar os livros. Para consultar um título diferente bastava girar a roda verticalmente.

Thierry Bardini, sociólogo francês, aprofunda-se sobre a importância atribuída à "associação" em oposição à "conexão". A primeira estaria muito ligada a conceituação de Theodor Holm Nelson e, a segunda, ao trabalho de Douglas Engelbart, quem privilegia "[...] à conexão intersubjetiva de palavras nos sistemas de linguagens naturais. Mas, segundo Bardini, o que [...] define hipertexto 'é a existência de *links* organizando a informação independentemente do processo pelo qual esses *links* forma criados'. Ou seja, 'a 'associação' é apenas um tipo de conexão e, na verdade, o menos desejável quando o objetivo é a comunicação'" (apud FURTADO, 2006, p. 71).

Por sua vez, David Jay Bolter, professor de Novas Mídias do Instituto de Tecnologia da Georgia, acrescenta um questionamento a um entendimento já antigo dentre as definições de hipertexto, o a qual propõe que o funcionamento da mente humana seria realmente mais bem "representado" pela hipertextualidade.

Quanto a questão da linearidade vs. hipertextualidade como modos de pensar e de aprender, sou agnóstico. Não sei como poderíamos decidir qual das duas maneiras de pensar é mais natural, se a associativa (hipertextual) ou, a linear. Ambos, hipertextos e textos lineares são formas altamente artificiais de escrita. Os dois devem ser ensinados. A ideia de que um hipertexto é natural pode ser refutada simplesmente navegando por uma amostra aleatória de sites na *web*. Nós vemos que as pessoas não acham fácil ou natural a criação de bons sites – tanto do tipo hierárquico, como do associativo<sup>28</sup> (BOLTER, 2001)<sup>29</sup>.

Enquanto isso, Floridi esforçou-se em encontrar uma definição mínima, que responda a tópicos fundamentais. Assim, define que um texto é um hipertexto somente se for constituído por:

1. Um conjunto discreto de unidades semânticas (nós) que, nos melhores casos, tem um baixo peso cognitivo, como parágrafos ou seções, mais do que páginas ou capítulos. Estas unidades [...] podem ser: a) documentos alfanuméricos (hipertexto puro); b) documentos multimídia (hipermídia); c) unidades funcionais (isto é, agentes, serviços, ou applets...), caso em que temos um hipertexto ou hipermídia multifuncional. 2. Um conjunto de associações – *links* ou *hyperlinks* incrustados em nós por intermédio de áreas formatadas especiais, conhecidas como âncoras [...] – conectando os nós. Estas são referências cruzadas ativas e estáveis que permitem ao leitor mover-se imediatamente para outras partes de um hipertexto. 3. Uma interface dinâmica e interativa. Isto possibilita ao leitor identificar [...] e operar com as

<sup>28</sup> O texto em língua estrangeira é: On the question of linearity vs. hypertextuality as modes of thinking and learning, I'm an agnostic. I don't know how we could decide whether associative (hypertextual) or linear thinking is more "natural" Both hypertexts and linear texts are highly artificial forms of writing. Both have to be learned. The idea that hypertext is natural can be refuted simply by browsing through a random sample of Web sites. We see that people do not find it easy or natural to create good sites — either of the hierarchical or associative kind.

<sup>29</sup> Fonte: Entrevista "Jay David Bolter: FutureText", por Roy Christopher. Disponível em: <<http://roychristopher.com/jay-david-bolter-futuretext>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

âncoras [...] com a finalidade de consultar um nó a partir de outro (FLORIDI apud FURTADO, 2006, p. 69-70).

Finalmente, Lévy traz uma definição mais enraizada na tecnologia.

Hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluido. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. a noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animações, sons etc.), o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto (LÉVY, 1999, p. 27).

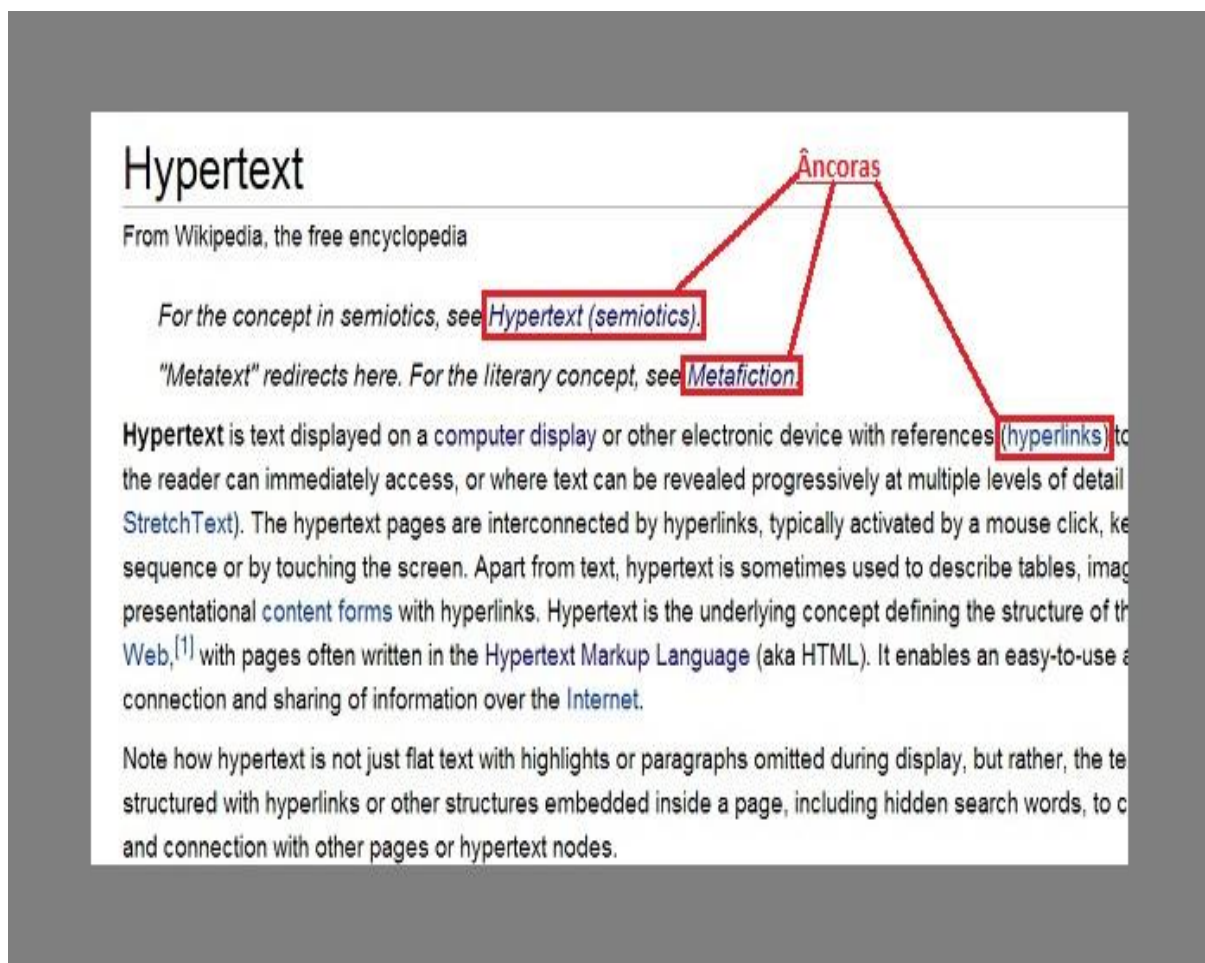
A tecnologia digital possibilitou a realização mais "plena" do hipertexto, tanto no nível de suas idealizações observadas nas origens históricas, como nos entendimentos dos seus inúmeros conceitos. E como nosso maior interesse repousa sobre os hipertextos digitais efetivamente, veremos, agora, algumas de suas características e formatos que podem tomar, caso dos livros digitais veiculados nos *e-readers*.

Primeiramente, vejamos o que nos fala George Paul Landow, professor da *Brown University* e teórico da literatura eletrônica e da hipermídia, sobre as formas de hipertextos, que podem ser um sistema *standalone*, isto é, independente de conexão, ou um sistema conectado a uma rede, chamado de *networked*, o qual ainda pode ser um *read-only*, que permite somente a leitura ou, então, dando abertura para uma atuação mais direta através da criação de comentários, anotações, *links* e até mesmo total acesso ao texto, como um escritor (1994 apud FURTADO, 2006, p. 73).

Esses sistemas de hipertextos desenvolvidos dentro da tecnologia da *world wide web* são geralmente formados por conjuntos de vários outros textos que têm como componentes básicos a página, a âncora e o navegador em associação com os periféricos – mouse e teclado –, o servidor de páginas, dentre outros elementos. A página disposta pelo navegador em padrão HTML contém o texto, que seria a lexia ou nó. Dentro deste texto podem ser postas uma ou várias âncoras, geralmente identificadas por recursos gráficos – destaques, grifos, itálicos, modificação, etc. Estas são as estruturas que o leitor deve acionar para ser conduzido a uma nova página e, assim, acesse seu conteúdo. Mas o acionamento só será possível graças à interface do navegador que "faz a ponte" entre o computador pessoal do leitor e o servidor onde o conteúdo está hospedado. Por fim, o mouse transforma o movimento das mãos desse "leitor-navegador" em ações de deslocamento e seleção de âncoras – o "clique no *link*". Mantendo as referências com o que foi exposto nas conceituações, estes podem ser vistos como os três itens fundamentais sugeridos por Floridi.



Figura 1- Hipertexto com destaque aos elementos de conexão aparentes, as âncoras



FONTE: Adaptado de: <https://en.wikipedia.org/?title=Hypertext>, 2014

Para que todo o sistema dos hipertextos digitais funcionasse, foi necessário o desenvolvimento de uma tecnologia de estruturação dos conteúdos que seriam dispostos, no caso, o HTML ou *Hypertext Markup Language*, o primeiro padrão de elaboração de textos dentro da WWW. Foram as funcionalidades e as estruturas propostas nessa linguagem que possibilitaram a efetivação dos hipertextos como os conhecemos nos ambientes virtuais. O sistema consiste em comandos em forma de códigos que são escritos juntamente com o texto. Estes determinam alterações nas fontes, cores, tamanho, a inserção de *links*, imagens, vídeos, sons, dentre tantos outros elementos hipermediáticos.

Todos esses conteúdos digitais concentrados em um texto em HTML formam fundamentalmente um arquivo que, para ser acessado pelos usuários precisou de um sistema que convencionasse sua transmissão dentro do padrão. A resposta a isso foi o famoso HTTP ou *Hypertext Transfer Protocol* (SIMÕES, 2008, p. 154). Assim, os arquivos em forma de

páginas em linguagem HTML podem transitar pela rede, sendo carregadas nos navegadores (*browsers*).

O HTML mostrou-se um sistema versátil e perdurou o bastante para receber diversas atualizações e melhoramentos de desempenho, integrando de modo cada vez mais estável os materiais hipermediáticos. Foi também aplicado de maneiras diferentes, sendo uma das tecnologias usadas para elaborar os livros digitais, compondo muitos tipos de arquivos, como o EPUB (GALEY, 2012, p. 232) ou o MOBI, com os quais se produz essas publicações que se espelham nos seus "primos" de papel.

O livro eletrônico é um modelo de texto digital que tem ganho bastante expressão no momento. Os títulos eletrônicos comercializados pela loja virtual norte-americana Amazon, firmaram-se tanto que, o número de *e-books* vendidos já é maior do que todas as categorias de publicações impressas nos EUA. Para cada 100 livros impressos vendidos, 105 são baixados da loja virtual. Nos EUA, ao passo que os *e-books* triplicam o faturamento, os livros de papel continuam em queda nas vendas. Dados publicados pela *Association of American Publishers*<sup>30</sup> revelam que, os livros digitais cresceram 169,4% só entre os meses de janeiro e fevereiro de 2010 e os mesmos de 2011 e, conseguiram uma tomada de espaço na área de títulos infantis e adultos. A consequência disso foi a perda, por parte dos livros físicos, de 34% do mercado de títulos adultos e 16% dos infantis.

Apesar da firmeza que vem mostrando em certos mercados e, conseqüentemente, sua relevância, conceitualmente, o livro digital não é algo estabilizado dentre aqueles que estudam a textualidade nas novas tecnologias de comunicação. Alguns afirmam que não podem ser vistos como livros, pois são, no máximo, um uso metafórico do termo (SIMÕES, 2008, p. 163). Enquanto isso, outros tentam acomodá-lo, para que, pelo menos em algum nível, possa referir-se às publicações lançadas para computadores.

José Afonso Furtado (2008, cap. 1) nos descreve o estado de debates atuais, indicando as diversas posições que existem sobre o assunto. As teses que são contrárias a ideia do livro eletrônico afirmam só ser possível usar legitimamente a expressão "livro" quando referindo-se ao material impresso ou, em perspectiva histórica, no caso de corresponder aos suportes da escrita de uma dada época. Representando essa vertente, temos Gino Roncaglia, pesquisador da Universidade de Tuscia e professor de Ciência da Computação Aplicada às Humanidades, "[...] que rejeita a própria ideia do livro eletrônico, considerando-o uma espécie de oximoro e

---

<sup>30</sup> Fonte: Gizmodo Brasil. Disponível em: <http://gizmodo.uol.com.br/enquanto-e-book-triplicam-faturamento-livros-de-papel-continuam-em-queda-livre/>. Acesso em: 15 abril 2011.

defendendo a concepção de que só é possível utilizar com legitimidade a designação 'livro' quando nos referimos ao livro impresso" (2001 apud FURTADO, 2006, p. 39).

Dentro da linha de Roncaglia, há também Jean-Gabriel Ganascia, para quem a expressão "livro eletrônico" é restritiva e inoportuna. Primeiro, porque, como o livro faz referência a um suporte específico para a escrita em um período da história, cria-se uma noção restritiva ao aplicá-lo para algo que reúne os suportes da escrita, do som e da imagem. Segundo, porque é inoportuno por lado a lado "livro" e "eletrônico", já que o primeiro designa, acima de tudo, o suporte físico da leitura, justamente o elemento que transformou-se bruscamente (FURTADO, 2006, p. 41). Alguns estudiosos ainda destacam a ambiguidade fundamental contida na noção de livro eletrônico, "pois associa as noções de *objeto* (o dispositivo técnico que permite a leitura) e de *conteúdo* intelectual veiculado por esse objeto" (LE LOARER apud FURTADO, 2006, p. 42). Este que seria um problema causado pela introdução de um grupo vocabular em outro "ambiente", sem nem mesmo retrabalhar as suas definições, gerando coisas como: edição digital, documento eletrônico, livro eletrônico, etc. (JÉHANNO apud FURTADO, 2006, p. 42-43).

Uma reação a tais afirmações críticas à noção de livros eletrônicos foi a criação de definições híbridas, afirmando, por exemplo, que estes são "[...] livros impressos convertidos para formato digital, de um modo geral através de processos que permitam a sua apresentação em computadores" (SHIRATUDDIN et al. apud FURTADO, 2006, p. 43). Uma segunda definição estabelece o *e-book* como "[...] conteúdo eletrônico, com origem em livros tradicionais, material de referência ou revistas, cujo *download* é feito a partir da Internet e visualizado através de um conjunto de dispositivos *hardware* [...]" (TERRY apud FURTADO, 2006, p. 43). Neste trabalho, nos aproximamos mais desta segunda vertente, afinal associar a noção de livro a um formato físico único seria negar toda a história de modificações que sofreu tal mecanismo até hoje.

Observa-se, com o que foi visto, que as posições sobre o que seria um livro digital circulam entre duas tônicas, a do conteúdo escrito e a do suporte em que este é disposto. No entanto, um segundo grupo de debates que toca na mesma temática, nos indica com mais atenção fatores relacionados ao *software* ou ao *hardware*, sobrepondo-se principalmente às questões de conteúdo (SAWYER apud FURTADO, 2006, p. 45). Aqueles envolvidos nesse grupo preocupam-se com o que tem sido criado, entre programas e objetos eletrônicos – *gadgets* –, para a disposição e consumo dos *e-books*.

Os que se concentram sobre o *software* apresentam alternativas para a leitura baseadas em programas, os quais podem ser instalados e usados em computadores pessoais de mesa ou

portáteis, são os *Software Based Readers* (SHIRATUDDIM et al. apud FURTADO, 2006, p. 45). Em nível de utilização diária, estas plataformas trazem vantagens decorrentes da praticidade de se poder consumir em uma tela grande e com o auxílio do *mouse* e do teclado (LYNCH apud FURTADO, 2006, p. 49). O Adobe Acrobat Reader, o Saraiva Digital Reader, o Microsoft Reader são modelos desses *softwares*, que têm sido projetados com recursos de restrição no uso do arquivo. Estes são conhecidos normalmente como DRMs ou *Digital Rights Management*, os quais estão ligados a uma estratégia de mercado que prima pela "fidelização" do consumidor através de sua vinculação e restrição na portabilidade dos títulos que adquiriu para um modelo de programa.

O segundo grupo abriga os leitores digitais de base *hardware*, que são basicamente computadores desenvolvidos com o fim de serem plataformas de leitura. Claro, estes tomam formas distintas das máquinas tradicionais, são portáteis e conhecidos como *handheld devices*.

Ruth Wilson, pesquisadora do campo das ciências da informação e especialista em bibliotecas digitais e em design de livros eletrônicos, criou uma classificação dos modelos de dispositivos eletrônicos para leitura da década de 80 até o início dos anos 2000, agregando-os em três grupos (WILSON apud FURTADO, 2006, p. 45). Começamos pela última categoria, que reúne dispositivos híbridos, os quais misturam em sua construção certas características dos *hardwares* pensados para a leitura de livros e outras daqueles voltados para a execução de tarefas de organização pessoal, os PDAs. Estes são geralmente desenhados com telas maiores, mais eficientes na leitura de textos longos, além de recursos de marcação de textos e anotação. Os modelos que se enquadram aqui são o eBookMan, o Hiebook Reader, o GoReader, o MyFriend, etc.

A segunda categoria abriga os *computadores portáteis multifuncionais*, caso dos antigos PDAs (*Personal Digital Assistant* ou *Pocket PCs*), *Palm Pilots* ou *Handspring*. Estes são os menores e tem como função principal a organização pessoal de seus usuários, são agendas eletrônicas com funções avançadas, desde o acesso à internet até a audição de músicas e exibição dos mais variados formatos de arquivos.

A terceira e última categoria é a que nos mais interessa, pois é esta que tem ganho, bem recentemente, espaço dentre as milhares de tecnologias produzidas para a leitura de livros eletrônicos. Esta reúne os *e-books* dedicados ou *Dedicated Ebook Readers* que, como o próprio nome já deixa claro, são fabricados com foco no consumo de livros eletrônicos. Estes são mais recentes e passaram a surgir no final dos anos 90, extremamente portáteis,

apresentam *software* proprietário<sup>31</sup> e tendem a limitar as funcionalidades oferecidas ao leitor, como a abertura de arquivos que não foram adquiridos na loja, a qual tem acordo com a marca do aparelho ou pertence a mesma. Alguns produtos antigos incluem o SoftBook, o Rocket e o Cytale Cybook.

A maior parte dos modelos descritos acima foi cessando sua produção até o ano de 2006 e, justamente nesse período, houve a explosão dos modelos que caracterizam aquilo que talvez poderíamos reconhecer como a atual geração, aquela que se diferencia por eliminar o uso das telas com luz própria, como as antigas CRTs (*Cathod-Ray Tube*) e as LCDs (*Liquid-Crystal Display*), e adotar em seus componentes as telas de papel eletrônico ou *e-paper*, o qual "[...] consiste de um suporte plástico transparente, fino e flexível, ao qual é aplicado um tipo especial de tinta, chamada de 'tinta eletrônica' ou *electronic ink* - e-ink" (FURTADO, 2008, p. 165).

Esta tecnologia foi desenvolvida em dois laboratórios diferentes, cada um com um método diferente. Um deles pertencia à Xerox e apresentou, em 1999, o primeiro modelo de *e-ink* que funcionava com esferas de centésimos de milímetros mantidas em um filme plástico transparente e flexível. As esferas são preenchidas de substâncias com propriedades magnéticas de cor branca em um lado e preta no outro. Cada lado também contém cargas diferentes, assim, quando uma corrente altera a polaridade das superfícies plásticas da tela, as esferas movem-se expondo lados diferentes e formando imagens em preto e branco (SIMÕES, 2008, p. 166; BARBIER, 2008, p. 460).

O segundo laboratório, no famoso MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), criou um processo bem parecido que, no entanto, diferencia-se pela estrutura das cápsulas responsáveis pela formação das imagens. Estas, ao invés de terem dois lados definidos com polaridades e cores, contém em seu interior um líquido transparente contendo partículas brancas e pretas com cargas opostas. Mais uma vez, quando a polaridade das superfícies plásticas sofrem mudanças as partículas concentram-se na parte inferior ou superior das cápsulas (SIMÕES, 2008, p. 166; BARBIER, 2008, p. 460).

Tecnologias em fase de testes prometem ainda mais algumas modificações nos *e-readers*. Há várias que poderiam ser citadas, mas, para não nos estendermos muito falaremos

---

<sup>31</sup> Programa desenvolvido especialmente por uma marca, geralmente para um dispositivo específico, com o propósito de aperfeiçoar suas funções da melhor maneira possível. Contudo, são aproveitados para "fecharem" o aparelho a sistemas diferentes, que não sejam da mesma fabricante, tornando o eletrônico incompatível e limitando as capacidades do usuário.

da tela dobrável, que mostra atualmente alto grau de flexibilidade<sup>32</sup> e é capaz de mimetizar, em, certa medida, esta propriedade que o papel apresenta. Grandes empresas já anunciaram protótipos funcionais com essas capacidades, dentre essas companhias encontram-se Sony e Samsung.

A ausência de iluminação própria nos leitores digitais com tela de tinta eletrônica não cansa a vista em uma leitura longa, ademais, estes dispositivos têm peso inferior a grande parte dos livros; mantém uma excelente resolução em variados ângulos de visão; no gasto de energia são econômicos, já que só a consomem quando movem as micro partículas polarizadas, mas não para mantê-las na forma que assumiram; oferecem recursos de marcação, anotação, compartilhamento *online*, sem ser um ambiente ideal para navegar pela *web*. Todas essas características aproximam muito tal dispositivo dos livros em papel.

Conforme afirma Barbier,

Os usos do livro eletrônico prometem muito. torna-se possível carregar o texto que se deseja, então, a partir de micro-memórias, dispor, sob uma forma de fácil manuseio, de grande número de volumes, comportando evidentemente as ilustrações, etc. Os programas de registro e de tratamento abrem ainda mais a possibilidade de trabalhar o texto, de nele buscar uma passagem, de fazer a análise do conteúdo, de selecionar as citações susceptíveis de serem estocadas e postas à disposição no computador, etc. Mas as possibilidades mais ricas encontram-se nos usos personalizados. Pode-se imaginar a constituição de arquivos e livros de trechos de textos que cada um quer conservar (por exemplo, sobre tal e tal assunto particular), até mesmo de seus próprios textos. Enfim, no plano técnico, o livro eletrônico abre diretamente para a multimídia, não somente ele contém textos e ilustrações, e, se for o caso, o som [...]. Ao contrário, é evidente que a mudança de suporte é acompanhada por uma certa perda: todos os livros não têm a vocação de ser transcritos sob uma forma eletrônica, de modo que nós nos orientamos para uma estrutura complexa do campo documentário, com a combinação de diferentes suportes ou mídias (papel, disquete, CD, livro eletrônico...), mas também uma leveza e uma integração muito avançada (BARBIER, 2008, p. 460-461).

### 3.3 As Práticas de leitura em ambientes digitais

Para Robert Darnton

O futuro de Marshall McLuhan não aconteceu. A web, sim; a imersão global na televisão, certamente; mídias e mensagens onipresentes, sem dúvida. Mas a era eletrônica não levou à extinção da palavra escrita, como foi profetizado por McLuhan em 1962. Sua visão de um novo universo mental sustentado pela

---

<sup>32</sup> Fonte: Sony Corp. Disponível em: <<http://www.sony.net/SonyInfo/News/Press/201005/10-070E/>>. Acesso em: 16 dez. 2013. Olhar Digital. Disponível em: <[http://olhardigital.uol.com.br/noticia/samsung\\_apresenta\\_nova\\_tela\\_amoled\\_dobavel/17998](http://olhardigital.uol.com.br/noticia/samsung_apresenta_nova_tela_amoled_dobavel/17998)> Acesso em: 16 dez. 2013.

tecnologia pós-impressão agora parece datada. Pode ter inflamado a imaginação de muitos durante várias décadas do século XX, mas não fornece um mapa para o milênio em que estamos ingressando. A "galáxia de Gutenberg" ainda existe, e o "homem tipográfico" continua lendo para atravessá-la (2010, p. 85-86).

Ora, se não houve desaparecimento, resta saber, então, o que ocorreu com o campo dos textos – na publicação, nos formatos, na produção, etc.? E também, se ainda há leituras, quais são suas práticas? Estas mudaram, como?

Para muitos autores, as respostas a tais questionamentos estão distantes, principalmente, porque nos encontramos, hoje,

[...] num campo de turbulência, em que a geração de publicações que exploram as capacidades específicas do universo digital, o crescimento exponencial da Web e a vulgarização do trabalho em rede e em ambientes hipertextuais questionam algumas noções atribuíveis aos textos da cultura do impresso, como a sua fixidez, linearidade, seqüencialidade (sic), autoridade, ou finitude, provocando transformações nas clássicas definições de autor, leitor e suas relações mútuas, bem como dando lugar a novas formas de ler e de escrever (FURTADO, 2006, p. 30).

Chartier enxerga este estado de coisas pela noção da *tripla revolução* (1999), a qual organiza em três "linhas" os possíveis desdobramentos das novas tecnologias no universo dos textos e da leitura: a *produção*, os *formatos* e as *práticas*.

[...] o momento em que nos encontramos configura uma "revolução" mais radical do que todas as anteriores por abranger, pela primeira vez em simultâneo, um conjunto de mutações que até agora tinham ocorrido em separado. Na verdade, argumenta Chartier, muitas das categorias através das quais nos temos relacionado com a cultura escrita estão a alterar-se, pois a revolução do texto eletrônico é ao mesmo tempo uma revolução da técnica de produção e de reprodução dos textos, uma revolução do suporte da escrita e uma revolução das práticas de leitura [...] (FURTADO, 2006, p. 23, grifó nosso).

As *produção* compreende, por exemplo, desconfianças quanto à pulverização das noções de autor, editor, produtor e distribuidor. A revolução industrial, no século XIX, provocou, até um certo nível, a separação dessas tarefas e o texto eletrônico tem desfeito essas divisões. Hoje,

[...] no mundo do texto eletrônico, tudo isso é uma coisa só. Um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores: graças à rede eletrônica, essa difusão é imediata. [...] Com as redes eletrônicas todas estas operações podem ser acumuladas e tornadas quase contemporâneas umas das outras. Seqüências (sic) temporais que eram distintas, que supunham operações diferentes, que introduziam a duração, a distância, se aproximam. Atualmente, é na esfera da comunicação privada ou científica que a transformação vai mais longe: ela indica aquilo que poderia ser amanhã o conjunto da edição eletrônica (CHARTIER, 1999, p. 16 – 17).

Ademais, a tecnologia traz incontáveis desafios, a pirataria e a preservação dos direitos autorais são dois deles. Todavia, não são novidades na história dos livros. Poderíamos até encará-los na atualidade como "reedições" de disputas que já existiram antes, em épocas menos estáveis e reguladas do mercado dos textos. Por exemplo, nos séculos seguintes a invenção da prensa, as disputas entre companhias editoras, o controle da publicação pelo poder real e a obtenção dos direitos dos autores criou um sem número de situações de conflito entre as partes (JOHNS, 2009, *passim*; 1998, cap. 2). O que se vê na digitalização dos textos e na cópia sem direitos autorais, já acontecia antes com suas particularidades. Provavelmente, um dos grandes diferenciais é que hoje não se precisa ter uma prensa ou ser do ramo da produção de textos para praticar a pirataria, e mesmo fãs, consumidores comuns têm alcance às ferramentas para tal prática.

No mesmo movimento da "informalidade" do pirata, segue paralelo o mercado formal das editoras, onde, para Furtado, a eletrônica já se estabeleceu em todas as etapas da publicação. O processo já começa com os autores, que podem escrever em editores de texto, depois, entregar o "manuscrito" pela internet à editora. As artes gráficas são elaboradas em *softwares* de desenho e a editoração e diagramação também não escapam, são feitas em programas. O produto final pode, então, ser transmitido pela *web* para seu destino (BORGMAN apud FURTADO, 2006, p. 36-37), seja a gráfica ou o site, onde o *e-book* será vendido e obtido pelo consumidor em poucos cliques.

Este é um processo de

[...] progressiva digitalização da cultura do impresso, se entendida num sentido lato, nem sequer é particularmente recente se pensarmos, por exemplo, nos primeiros esforços de informatização e gestão de bases de dados de endereços por parte dos clubes de livros, procurando identificar segmentos de mercado cada vez mais específicos para potenciar o custo-benefício das suas atividades de *marketing*. Também significativa foi a introdução de técnicas informáticas na produção das obras, a que vulgarmente se associou o conceito de *Desktop Publishing*, a edição eletrônica e os novos métodos de distribuição de conteúdos em suportes digitais *off-line* ou *on-line* (SVEDJEDAL apud FURTADO, 2006, p. 29 – 30).

Mas a produção de textos no digital faz também vislumbrarmos sonhos antigos, da época das Luzes, como o da interatividade e da universalidade do conhecimento. É o poder de participar da construção do conhecimento através de um modelo "Wiki"<sup>33</sup>. Uma utopia que encontra paralelo nas enciclopédias. Ainda assim, essas iniciativas digitais sofrem com a

---

<sup>33</sup> O modelo "Wiki" faz referência a uma tecnologia que permite a criação de sites colaborativos de maneira rápida e prática. (Fonte: Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia>>. Acesso em: 10 jan. 2014).



questão da falta de autoridade, de confiabilidade e de crédito, elementos fortificados lentamente no impresso, por selos de editoras, regulamentos de impressão, grandes nomes do mercado de coletâneas – caso da famosa Britannica –, dentre outros.

E não se pode deixar de comentar o sonho da “biblioteca universal” que, desde Alexandria, inspira e motiva os homens das letras a criarem coleções e acervos de obras raras, reunindo o máximo de textos possíveis. “Com o texto eletrônico, a biblioteca universal torna-se imaginável (senão possível) sem que, para isso, todos os livros estejam reunidos em um único lugar” (CHARTIER, 1999, p. 117). É possível termos a biblioteca agora, pois podemos consultar as obras sem necessariamente estarem diante de nós, todavia, desvela-se aí uma polêmica, a da sociabilidade.

Alguma coisa pode nascer de uma relação, de um vínculo entre indivíduos a partir da leitura, mesmo silenciosa, pelo fato de ser ela praticada em um espaço público. Com o texto eletrônico poderia se produzir uma reversão definitiva. Na biblioteca, ler-se-á isoladamente. E poder-se-á ler sem sair de casa, porque os textos virão ao leitor enquanto, até então, o leitor devia ir ao livro quando não o possuísse. A relação privada com o texto corre risco de se separar de toda forma de espaço comunitário. Está levantada a suspeita que nasce com as sociedades contemporâneas: será que elas vão dissolver o espaço público, não somente aquele da cidade antiga, em que se proferiam e escutavam os discursos, mas também o espaço onde podiam articular-se as formas da intimidade e do privado com as formas do intercâmbio e da comunicação? (CHARTIER, 1999, p. 144).

E os *formatos*? Quando pensamos neles, tendemos a imaginar computadores de mesa e portáteis, *palmtops*, celulares, *tablets*, *e-readers* entre outros. Contudo, não é tão simples assim, esses são plataformas de uso. O texto, como já vimos, é “[...] uma composição de '0s' e '1s', interpretados por um sistema computacional [...]” (SIMÕES, 2008, p. 163). O que torna a situação complexa é a necessidade de “um dispositivo técnico que permita transformar os dados ilegíveis registrados na memória eletrônica num texto legível numa tela” (SOUCHIER apud FURTADO, 2006, p. 92). Os textos digitais não têm sua forma atrelada a um objeto definido. Temos a junção entre interface do *software* e materialidade do *hardware* – o que cria, também, uma infinidade de combinações técnicas, logo, de condições de leitura.

Chartier nos fala que, propriamente, o objeto existente diante do leitor é a tela. Nessa configuração, não ocorre mais o manuseio direto, o contato nos dedos ou o repouso sobre a palma da mão. A distribuição que se tem do texto na tela é bastante distinta daquelas que encaravam os leitores, de manuscritos ou impressos, tanto da Antiguidade ou dos períodos medieval, moderno e contemporâneo. Algo que salta aos olhos corresponde ao fluxo sequencial do escrito na tela, o qual se apresenta de forma que suas “fronteiras” não são mais

visíveis, diferentemente do livro, que finda em seu interior, entre os limites da encadernação, o texto (1999, p. 12-13).

Apesar da ruptura entre os formatos, existem algumas semelhanças, que vão se contrapondo às distinções mais evidentes. Chartier (1999) vê no leitor que se debruça sobre os aparelhos digitais certas proximidades com aqueles da Antiguidade e da Idade Média. Primeiramente, em razão do texto ser percorrido como um rolo sendo, contudo, mais prático para retornar a um trecho já lido. Depois, porque tem a possibilidade de empregar recursos encontrados no códice e nos impressos, de indexação, de paginação, de estruturação do escrito, etc. Portanto, ler os formatos digitais traz um pouco da experiência de leitura de vários períodos.

Ainda assim, o que se destaca são as diferenças, onde a tela marca um maior distanciamento do leitor com o escrito, reforçando a ideia de separação entre texto e corpo.

O leitor do livro em forma de códex coloca-o diante de si sobre uma mesa, vira suas páginas ou então o segura quando o formato é menor e cabe nas mãos. O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal. O mesmo processo ocorre com quem escreve. Aquele que escreve na era da pena, de pato ou não, produz uma grafia diretamente ligada a seus gestos corporais. Com o computador, a mediação do teclado, que já existia com a máquina de escrever, mais que se amplia, instaura um afastamento entre o autor e seu texto. A nova posição de leitura, entendida num sentido puramente físico e corporal ou num sentido intelectual, é radicalmente original: ela junta, e de um modo que ainda se deveria estudar, técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito permaneciam separadas (CHARTIER, 1999, p. 15 – 16).

"Todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler" (CHARTIER, 1999, p. 12 – 13), portanto, alterações no terceiro nível da chamada revolução do digital, nas *práticas de leitura*, que serão discutidas a seguir.

Muitas das transformações na leitura estão fortemente associadas ao consumo

[...] de textos eletrônicos pensados e concebidos para se moverem em suportes eletrônicos desde seu início, que exploram as capacidades específicas do universo digital, ligados à vulgarização de ambientes hipertextuais e que questionam algumas noções tradicionalmente atribuíveis aos textos da cultura do impresso (FURTADO, 2002).

Os hipertextos, encontrados por toda a *web*, representam bem este grupo de textos eletrônicos. Segundo Magda Soares, tal modelo de texto digital permite uma leitura multilinear; multi-sequencial; fornece ao leitor caminhos sem uma ordem definida; apresenta uma

extensão/dimensão moldável de acordo com o desejo e a exploração daqueles que o abordam (2002, p. 150). Conseqüentemente, reconfiguram certas condições de leitura antes constatadas no papel. Contudo, pensamos que estas são possibilidades presentes nos textos em papel, já que muitas vezes exploramos um jornal, um dicionário ou uma enciclopédia em seqüências variadas, e estendemos a leitura de um assunto através de vários textos, por referências, citações, etc. Assim, dependendo da vontade do leitor, é possível a leitura de um hipertexto possa ser mais linear, que a de um texto em papel.

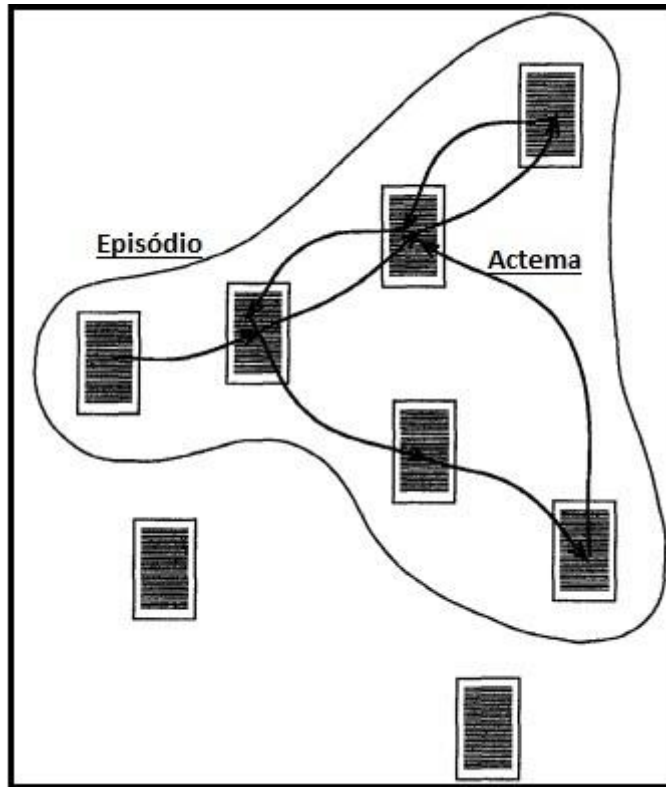
Sérgio Roberto Costa ressalta que, uma das grandes diferenças entre os textos e os hipertextos é o fato de o primeiro propor um percurso fixo, por outro lado, o segundo oferece a possibilidade de uma construção progressiva do percurso a ser completado na leitura (2005, p. 111).

Esse percurso não seria aparente ao leitor, mas composto por atividades, as quais, segundo Seongbin Park são dispostas em camadas, no caso, o *actema*, o episódio e a sessão (1998, p. 180).

O *actema* seria o nível mais básico de atividade em um hipertexto ou a ação mais elementar, caso do acesso a um *link* ao clicar em uma âncora, que conduzirá, quase imediatamente, a uma página podendo conter mais textos, imagens, vídeos, dentre outros materiais. O episódio, por sua vez, são *actemas* que, reunidos, elaboram um conjunto coerente na mente do leitor (PARK, 1998, p. 180). Esta é uma categoria mental, subjetiva e surge ao satisfazer alguma necessidade ou curiosidade momentânea do leitor (SIMÕES, 2008, p. 173). É no decorrer de uma exploração que se elabora um episódio, o qual pode não incluir todos os *actemas* realizados, já que, talvez somente alguns venham a preencher com "sucesso" os anseios do leitor. Diante disso, Simões declara que, "a leitura de um hipertexto pode ser descrita como a busca de um episódio, na qual vários *actemas* são experimentados até que um conjunto deles forme uma unidade coerente de informação" (2008, p.173).

O episódio também pode ser entendido como um documento virtual (PARK, 1998, p. 180; SIMÕES, 2008, p. 173-174), onde o ato de ler seria normalmente formado por vários desses documentos, os quais, agregados em uma totalidade, nos apresentariam a sessão gerada naquela leitura. O caráter exploratório dessa leitura contribui para que os términos de sessões possam ser resultantes de variadas ocorrências, como o leitor satisfazendo-se com o que já viu, a apreensão do quadro completo da busca, uma causa externa e alheia ao controle do leitor, dentre outros.

Figura 2- Esquema representando a navegação por um conjunto de hipertextos



FONTE: Adaptado de: "The Structure of Hypertext Activity", Jim Rosenberg, p.25, 1996

Para uma grande parte dos pesquisadores, como Furtado, essas novas condições trazidas pela tela e os hipertextos têm produzido leituras descritas como rápidas, superficiais, exploratórias, motivadas pela busca de referências. Muitos estudos que lidam com o tema frequentemente levantam questões a respeito da capacidade de concentração, da absorção de informações, dos "saltos" no texto, da releitura (FURTADO, 2006, p. 108), da reprodução de certas atitudes – anotações, marcações, interferências – e da criação de novas, do vínculo afetivo e material com o texto, da lida com conteúdos multimidiáticos, dentro outras. Abordemos, então, com mais detalhes essas caracterizações das práticas de leitura no digital.

O primeiro item que abordamos é a velocidade das leituras que, segundo estudos, são mais lentas na tela. Jakob Nielsen (apud FURTADO, 2008, p. 177) observou que a leitura de hipertextos *online* é 25% mais lenta que a de textos impressos. Mas, caso sejam usadas fontes especiais para os computadores, o decréscimo na velocidade cai para 20%. Ziming Liu, professor da School of Library and Information Science da San José State University, nos fala de estudos que indicam diminuições ainda maiores, em torno de 30% (HARTZELL apud LIU, 2005, p. 702). Este é o mesmo valor levantado por Rubens Queiroz de Almeida (apud

MAGNABOSCO, 2009, p. 55), quem relaciona os dados, assim como os outros estudos citados, ao cansaço causado pela tela.

Para este cansaço contribuem a forma como o texto é disposto na página, tipo de letra e tamanho, ergonomia do mobiliário e do hardware, iluminação do ambiente, mas, principalmente a luz emitida pelo monitor e sua definição (SIMÕES, 2008, p. 177-178). Este quadro de desgaste físico já recebeu até uma denominação, *Computer Vision Syndrome* (CVS) ou Síndrome da visão do computador, a qual atinge profissionais e estudantes que passam muito tempo diante de monitores. Outras reações à exposição prolongada à luminosidade da tela incluem sonolência, dor de cabeça, mal estar e inquietação (ARENA e MORAES, 2012, p. 10).

Esse desgaste do leitor pode acarretar em maiores dificuldades na assimilação do texto (ARENA e MORAES, 2012, p. 10). Segundo Nielsen, também leva os leitores a não seguirem o texto palavra por palavra, acabam por só passarem os olhos sobre a tela notando poucos termos e expressões, um fenômeno presente no impresso, no entanto, conforme afirmam, mais intenso nos hipertextos da internet. Mas, devemos notar que, em seu estudo, Nielsen destaca ainda outros três motivos para essa leitura "corrida". Primeiro, para sentir que se está tendo um uso eficiente daquele meio, o usuário da *web* é impulsionado a agir, clicar e selecionar *links* a toda hora. Segundo, por existirem muitas páginas e inúmeros conteúdos a serem explorados, o navegador aprende a manter-se em "deslocamento", buscando cada vez mais informações que valham o tempo gasto. Por último, temos que esse tempo disponível para a leitura é extremamente curto, acelerando ainda mais as atividades (SIMÕES, 2008, p. 177-179).

Ligado a esse comportamento apressado, Nielsen observou o chamado "padrão F de leitura" usando um aparelho de registro do movimento dos olhos. Diante de uma página da *web* com bastante texto por toda a extensão, o leitor "escaneia" o texto,

[...] focaliza os olhos numa linha horizontal próxima da parte superior da página, como que desenhando a barra superior do "F". Em seguida, baixa os olhos ligeiramente percorrendo o lado esquerdo, e realiza uma leitura horizontal mais curta do que a primeira, na analogia, fazendo o traço horizontal menor do "F". A partir daí, desliza os olhos para baixo seguindo a parte esquerda da tela (SIMÕES, 2008, p. 179).

Um aspecto da leitura dos hipertextos, muito relacionado a esse hábito de "escanear" trechos e termos, é a chamada não linearidade. Ler no digital é descrito como uma prática

mais fragmentada pelas várias opções disponíveis no texto, onde a exploração é a tônica<sup>34</sup> (LIU, 2005, p. 708).

Quanto ao tema, Chartier nos diz que,

[...] a leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se (um artigo em um periódico, um capítulo de um livro, uma informação em um *Web site*), sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência textual que contém esse elemento (2002, p. 23).

Os textos eletrônicos oferecem uma quantidade enorme de caminhos, o leitor pode optar por qual seguir e como, acessando vários *links* ao mesmo tempo (SCHONS e VALENTINI, 2012, p. 3), deixando todos para ler ao fim, consumindo-os logo de início, dentre outras incontáveis maneiras. Esta é uma potencialidade própria da tecnologia da hipermídia (LEÃO apud SCHONS e VALENTINI, 2012, p.3). Ademais, como declara Lévy, a tela é uma unidade temporal, e não uma fronteira física como a página, portanto seu "início" e seu "término" são ditados pelo leitor, que após um *período de tempo* cessará seu trajeto de *site* em *site*, de texto em texto (apud COELHO, 2013, p.8). O leitor, posto nesta situação, pode ir atrás de *links* e mais *links* e sofrer com a perda da continuidade temática de sua leitura, se desorientando no meio de uma grande quantidade de informação e atividades (FACHINETTO, 2005, p. 16), fragmentando tanto sua prática, quanto o conteúdo que é absorvido.

Algumas pesquisas sustentam estas afirmações. Liu, em um estudo promovido nos Estados Unidos com 113 profissionais de várias áreas, sobre a mudança no comportamento de leitura com a inserção dos textos em ambientes digitais, observou que 80% dos participantes gastam a maior parte do tempo navegando e "escaneando"<sup>35</sup>, buscando palavras-chave, lendo uma só vez e mais seletivamente (2005, p. 706). Outro estudo produzido por Léa Anny de Oliveira Moraes e Adriana Pastorello Buim Arena, com estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, em 2010, apontou que os recursos e ferramentas de fácil acesso oferecidos nos suportes eletrônicos dificultam a manutenção do foco somente no texto

---

<sup>34</sup> Este conjunto de características tem sido reconhecido como a *screen-based reading behavior* ou, "comportamento leitor baseado nas telas", em tradução livre (LIU, 2005, p. 1).

<sup>35</sup> Este termo faz referência a prática de leitura em que se busca absorver de modo geral o texto através da observação das partes mais importantes do mesmo, sem lê-lo linha por linha.

(2012, p. 9). Nos eletrônicos, dividirmos nossa atenção entre outras atividades, lidando com múltiplas janelas, elementos coloridos, anúncios *pop-up*<sup>36</sup>, etc.

Os desdobramentos dessa "fragmentação do ler" também têm sido discutidos, vejamos alguns deles.

Liu, em seu estudo, notou uma significativa decaída, entre 45% dos participantes, nas leituras de profundidade e naquelas em que se despence maior concentração (2005, p. 707). Apesar de não ser novidade, a atividade multitarefa, bem comum no meio eletrônico, é tida como mais um dos fatores que podem estar afetando a capacidade de sustentar um engajamento prolongado na leitura, principalmente entre os mais jovens (LIU, 2012, p. 90-91). Em vista disso, diz-se que, no hipertexto, articulamos mais nossas preferências e somos influenciados a não nos envolvermos muito com determinado texto, ocasionando em uma leitura superficial, menos "séria".

O estreitamento do raciocínio é outro desdobramento visto como possível (SILVA apud MAGNABOSCO, 2009, p. 50), por consequência da fatura de textos e da velocidade de uso de todos os mecanismos disponíveis.

A desorientação durante a leitura também é um tópico em evidência, já que *links* mal associados, ligando trechos e ideias sem coerência ou coesão entre si, podem induzir o leitor a uma interpretação "equivocada" (LIU, 2012, p. 87).

Em uma pesquisa a respeito de práticas de leitura na Universidade Nacional do México, promovida pela professora e pesquisadora das ciências da informação Elsa Margarita Ramírez Leyva, 68% dos indivíduos observados declaram entender e reter melhor o conteúdo<sup>37</sup> de um texto quando este é impresso (apud LIU, 2005, p.702). Nesse mesmo sentido, encontram-se os achados de P. K. Murphy, J. F. Long, T. A. Holleran, E. Esterly. Ao estudarem a capacidade persuasiva de textos impressos e digitais, notaram que os participantes da pesquisa que leram textos *online* achavam estes mais difíceis de entender, além de menos interessantes e seus autores menos críveis (apud LIU, 2005, p.702).

---

<sup>36</sup> "Um pop-up é um anúncio que aparece repentinamente em uma nova janela quando você entra numa página. Ele cobre a página que você está tentando ler, por isso é necessário fechar a janela ou movê-la para continuar lendo" (Fonte: How Stuff Works. Disponível em: < <http://computer.howstuffworks.com/web-advertising5.htm> > Acesso em: 15 Nov. 2013).

<sup>37</sup> Nas duas últimas décadas, tem-se promovido uma série de estudos interessados em explicar a retenção de conteúdos por leitores de textos digitais e impressos, dentre os quais alguns agrupam-se em uma linha baseada na observação do funcionamento da mente humana. Em um desses estudos, realizado por Kate Garland, da *University of Leicester*, na Inglaterra – citado no artigo de Ferris Jabr, *The Reading Brain in the Digital Age: The Science of Paper versus Screens*, na *Scientific American* –, levanta a hipótese de que a diferença está na memória de longo prazo, que é mais ativada durante a leitura de títulos em papel.

Mantendo o tema da absorção de informação, mas se distanciando das suas conexões com a não linearidade do digital, abordamos a pesquisa<sup>38</sup> de Anne Mangen, da *University of Stavanger*, na Noruega. Nela, 72 estudantes tiveram de ler os mesmos dois textos, mas metade obteve versões impressas e a outra metade versões digitais, em .pdf. Ao fim, todos responderam a um teste de compreensão de texto, podendo fazer consultas. Aqueles que leram no impresso mostraram maior conhecimento do conteúdo. Mangen acredita que o menor desempenho do grupo de estudantes com os arquivos .pdf se deve a dificuldade em achar dados específicos no texto. A explicação estaria na navegabilidade e no manuseio, pois aqueles que leram no computador só eram capazes de se movimentar pela barra de rolagem e por cliques, sempre observando uma só sessão de texto por vez. Já os portadores dos textos em papel, estes podiam segurar e sentir em sua totalidade aquilo que liam, deslocando-se pelas páginas rapidamente (MANGEN, WALGERMO e BRØNNICK, 2013). Temos, então, outro motivo além da não linearidade para a queda na retenção de informações.

Trabalhos como o de Mangen sugerem que as telas debilitariam a compreensão das leituras. Isto estaria associado ao modo como o cérebro retém as letras e os textos, que seria na forma de componentes do mundo físico, percebendo-os, em sua totalidade, como uma "paisagem". Ao lermos, construiríamos uma representação mental do texto e quando buscássemos uma informação, localizaríamos esta no "espaço" da paisagem textual. Somando-se esse entendimento à topografia mais óbvia e de fácil navegação dos livros em papel, teríamos condições melhores para a criação de um mapa mental coerente. Por sua vez, os suportes digitais de leitura interfeririam na navegação intuitiva de um texto, inibindo seu mapeamento, mesmo quando adotam unidades textuais do impresso. É o caso das páginas que, – apesar de manterem as estruturas vistas no papel: parágrafos, títulos, subtítulos, paginação margens, etc. –, no ambiente eletrônico, são dispostas uma por vez, tirando a "visão geral" do material.

O próximo conjunto de caracterizações da leitura digital tem fortes laços com a conclusão da pesquisa de Anne Mangen e a relação material dos leitores com os textos, pois trata dos aspectos ligados ao manuseio, às intervenções no texto, às anotações, às marcações, à interatividade, à autonomia do leitor e mais.

Liu observou, em sua pesquisa, que as pessoas gostam de fazer anotações e marcações, principalmente quando travam leituras com profundidade. Porém, pelo menos por enquanto,

---

<sup>38</sup> Fonte: Scientific American; The Reading Brain in the Digital Age: The Science of Paper versus Screens: Scientific American. Disponível em: <http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=reading-paper-screens>. Acesso em: 1 out. 2013.



estas práticas não se mostraram presentes no digital. Dos seus 113 entrevistados, 54% declararam anotar sempre ou frequentemente em publicações impressas, enquanto somente 11% responderam terem o mesmo hábito com textos eletrônicos. Além disso, mais de 51% dos participantes responderam nunca anotar em textos digitais. Este número sobe quando diz respeito às marcações, 59% nunca repetiram essa prática nos suportes eletrônicos, enquanto 61,9% destacam textos impressos. Ao comparar tais dados com aqueles sobre a impressão de textos digitais para sua leitura – 81,7% fazem isso sempre ou frequentemente –, Liu concluiu que, se for para ler em profundidade, geralmente seus entrevistados optam por imprimir e só então anotar e marcar (2005, p. 707-708). Essas práticas no papel estariam, portanto, suavemente integradas à leitura, mas em textos *online* não, seria um elemento de distração (O'HARA e SELLEN apud LIU, 2005, p.708).

Esses resultados alinham-se com as respostas obtidas por Moraes e Arena, em sua pesquisa. Ao indagar sobre a possibilidade de anotações e marcações durante a leitura de textos impressos, seus entrevistados declararam coisas como: "Prefiro o material impresso, pois assim faço as minhas anotações a lápis do lado do próprio parágrafo. (G); Prefiro o material impresso justamente pelo fato de poder riscar, fazer anotações. (I); Prefiro o impresso que eu posso alterar, rabiscar. (P)" (2012, p.7). Por outro lado, não houve menção de anotações ou marcações nos textos eletrônicos. Também, dentre as vantagens de leitura no impresso, foram citadas as possibilidades de fazer anotações e de poder manusear o suporte com facilidade. Entretanto, no que se refere às vantagens no digital, um respondente disse que, sendo um texto curto, não seria necessário imprimi-lo, pois "dá para ler só no computador que já entendo o conteúdo e guardo na memória. (L)" (2012, p. 8). Sobre o tamanho do texto, Ferris Jabr (2013), em artigo para a *Scientific American*, diz que as telas modernas e *e-readers* falham em recriar adequadamente a experiência de ler no papel, impedindo as pessoas de navegarem em textos longos de forma intuitiva e satisfatória.

Ainda que os antigas práticas do papel não estejam se mostrando muito presentes no digital, Chartier pensa que o novo suporte dá abertura a uma gama incalculável de usos, manuseios e intervenções do leitor, com um nível bem maior de liberdade.

No livro em rolo, como no códex, é certo, o leitor pode intervir. Sempre lhe é possível insinuar sua escrita nos espaços deixados em branco, mas permanece uma clara divisão, que se marca tanto no rolo antigo como no códex medieval e moderno, entre a autoridade do texto oferecido pela cópia manuscrita ou pela composição tipográfica, e as intervenções do leitor, necessariamente indicadas nas margens, como um lugar periférico com relação à autoridade. Sabe-se muito bem [...] que isto não é mais verdadeiro. O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. Que resta então da definição de sagrado, que supunha uma autoridade impondo uma

atitude feita de reverência, de obediência ou de meditação, quando o suporte material confunde a distinção entre o autor e o leitor, entre a autoridade e a apropriação? (1999, p.88-91).

O trecho acima permite entendermos que as modificações na materialidade dos textos afetam a autonomia do leitor, compreendendo as interações e as relações hierárquicas.

No âmbito das interações, diz-se que há um acúmulo das práticas desenvolvidas em toda a história, além do aumento e inovação das possibilidades, isto é, além da permanência das antigas práticas nascidas em outras épocas, surgem outras próprias dos novos suportes (SIMÕES, 2008, p. 183). As pessoas têm os recursos para compartilharem de novos jeitos aquilo que leem – redes sociais, *emails* –, em velocidades e amplitudes diferentes; com simples comandos – "Ctrl + c, Ctrl + v" – e um editor de textos, estão habilitadas para criar a partir de algo escrito por outros – "*fanfics*", etc. –, mexendo em toda a estrutura de um texto; em um fórum, encontram o espaço para promoção de debates; em sites de grandes empresas, são capazes de publicar suas obras e até se lançar no mercado – Kindle Direct Publishing (KDP)<sup>39</sup>; com *softwares* de leitura conseguem utilizar ferramentas tradicionais de marcação e anotação por toda uma obra sem alterá-la permanentemente.

Por sua vez, os impactos nas relações hierárquicas são vistos, por exemplo, na indefinição de certas "figuras". É o caso do "leitor-navegador" que, ao explorar páginas pela *web*, realizaria funções de um editor, a partir do momento que estabelece a ordem dos textos os quais acessa (LÉVY apud QUEIROZ in MARINHO, 2001, p. 181). Ou ainda, se confundiria com próprio autor.

No texto impresso, particularmente no livro, a característica de obra é marcante, tem limites e autoria bem definidos e implicitamente aceitos, e que estabelecem uma clara distinção entre autor e leitor.

[...] Nos ambientes hipermidiáticos, por outro lado, o formato final do texto é definido pelo leitor, que passa, portanto, a ser seu co-autor. Ao autor compete muito mais a arquitetura das possíveis relações entre várias peças de informação que irão compor o corpo de seu trabalho (SIMÕES, 2008, p. 182-183).

Diante do que foi dito sobre as relações hierárquicas, cabem algumas ressalvas. Primeiro, durante a leitura de textos impressos um leitor também tem a possibilidade de ordenar os textos e quais partes desses consome. Segundo, tal capacidade não o faz editor das publicações que lê. Terceiro, ao dizer que, no digital, o formato do texto é definido pelo leitor,

<sup>39</sup> Serviço da companhia de comércio *online Amazon*, que permite a publicação independente e em nível mundial de obras para os dispositivos e programas da linha *Kindle*. Atualmente, já está disponível no Brasil. É um serviço rentável e oferece 70% de retorno em royalties aos autores.

é importante levar em conta a existência de uma série de limitações e formatações nas publicações eletrônicas que também buscam conduzir o leitor a seguir um "caminho". Isto é, um site de notícias tem um "proposta de leitura" em sua interface, assim com um livro em *e-readers*. De qualquer maneira, mexer no texto direta ou indiretamente e percorrê-lo fugindo dos "padrões" sugeridos não é algo exclusivo do digital, já observado e até estudado em publicações de papel.

Na contramão do que foi visto nos parágrafos acima, alguns trabalhos indicam um quadro diferente, portanto, nos permitem ver que as caracterizações da leitura no digital não estão estabilizadas.

No que se refere a não linearidade da leitura. Maria Cláudia de Oliveira Pan e Lúcia Regina Goulart Vilarinho, fizeram um estudo com 46 alunos, entre 20 e 50 anos, de um curso de extensão em pedagogia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Nele constataram que, ao serem esses expostos à leitura de hipertextos, muitos sentiram-se inseguros ou desconfortáveis em ler de maneira fragmentada, como sugere o formato. Por conseguinte, mantiveram uma leitura fundamentalmente linear (2008, p. 7), apesar do que se afirma sugerir o suporte.

Dentro desse quadro, temos também a pesquisa<sup>40</sup> de Jessica E. Moyer, que acompanhou as diferenças no nível de compreensão na leitura de "audiolivros", de livros eletrônicos e de impressos entre 66 estudantes universitários nos EUA. Os resultados não apontaram diferenças estatisticamente significantes entre os três suportes (2011, p. 107-110).

Os resultados encontrados por Sigal Eden, da *Bar-Ilan University*, e Yoram Eshet-Alkalai, da *The Open University of Israel*, vão pelo mesmo rumo. Durante um experimento em que examinaram as habilidades ativas de leitura de estudantes, os quais deveriam ler pequenos artigos impressos e digitais, reconhecendo erros e editando-os para melhorar sua qualidade, não foram obtidas diferenças significativas entre as performances e compreensão dos textos nos dados formatos. Para os professores, tal resultado possivelmente é consequência da metodologia ativa que aplicaram, oposta aquelas passivas apresentadas pela maioria dos estudos que tratam das distinções entre as leituras de textos impressos e digitais. Depois, porque, como muitas publicações atuais já vêm indicando (LIU, 2012, p. 91; BURKE e ROWSELL, 2009, p. 107-108), como o passar do tempo e gerações, podemos ver

---

<sup>40</sup> Com o título: "Teens Today Don't Read Books Anymore:" A Study of Differences in Comprehension and Interest Across Formats, submetida à *University of Minnesota* para a aquisição do grau de Doutora em filosofia.

um processo de ampliação das proficiências de leitura nos suportes eletrônicos (2012, p. 18-19). Mas, o tempo talvez esteja deixando sua marca em outro nível.

Já faz mais ou menos 15 anos que as práticas de leitura nos novos suportes tem sido foco de várias pesquisas (LIU, 2012, p. 87) e muito do que se diz sobre estas corresponde, dentre outras coisas, às condições tecnológicas em dados períodos de tempo que, refletiam nos programas e aparelhos disponíveis no momento. Mas, um traço dessas tecnologias digitais bem conhecido é sua alta taxa de atualização e evolução (LARSON, 2010, p. 15).

Desde os primeiros estudos, que remontam à década de 80<sup>41</sup>, dispositivos novos foram surgindo, alguns preocupados com as atividades da leitura. Dentre estes, podemos dar destaque aos *tablets* e *e-readers – hardware –*, mas mais especificamente ao segundo, já que é aquele que mais mimetiza as condições de leitura no papel, diferenciando-se bastante das condições de leitura dos computadores tradicionais.

Para André Lemos,

Um jornal em um leitor eletrônico, como o “Kindle”, por exemplo, retoma a ideia de um produto fechado, como o jornal impresso, com uma temporalidade também delimitada (a edição do dia). Ao clicar para “baixar” o jornal (comprando um exemplar ou fazendo uma assinatura), o usuário tem a versão do dia, similar à versão impressa. Os caracteres digitais fixam-se por uma “tinta eletrônica” em uma tela sem luz que emula (bem) o papel. Assim, o e-reader procura trazer de volta a experiência de se ler um livro ou um jornal de papel. Embora o dispositivo de leitura seja portátil, como o jornal impresso, ele amplia as possibilidades de acesso, já que o usuário pode, em um clique, receber um exemplar em qualquer lugar do mundo, em segundos (por redes sem fio – Wi-Fi ou 3G). Pode-se ainda acumular os exemplares sem que com isso tenha que carregar os cadernos impressos (ou os livros). Com um conteúdo fechado (como um livro ou um jornal impresso), a leitura é mais “focada”, diferente do “surf” na web. A postura corporal também é diferente, seja daquela do jornal na web, seja da leitura do jornal impresso: os cadernos não são abertos em movimentos amplos dos braços e não se está sentado com o corpo curvado em direção a um computador. A leitura é próxima daquela de um livro (as duas mãos diante dos olhos) (2012, p. 121).

Inclusive, pesquisas recentes citadas no artigo de Jabr para a *Scientific American*, sugerem que, apesar da maioria ainda preferir o papel, principalmente para ler intensamente, as atitudes estão mudando e os *tablets* e *e-readers* têm tornado-se mais comuns para leituras de diversão e instrução.

Reforçando o que sugerem Eden e Eshet-Alkalai, alguns estudos indicam que parte da diferença detectada entre a leitura no digital e no papel pode ser em razão da atitude com a qual os indivíduos encaram os diferentes textos atualmente. Ao ler na tela, as pessoas estão

---

<sup>41</sup> Fonte: Scientific American, em *The Reading Brain in the Digital Age: The Science of Paper versus Screens*, por Ferris Jbar. Disponível em: <<http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=reading-paper-screens>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

menos inclinadas a seguir as "regulações metacognitivas de aprendizagem", isto é, estabelecer objetivos, reler seções difíceis, checar qual o entendimento geral do texto, etc. Entram, igualmente em jogo os apegos afetivos e sensoriais com o material impresso (LIU, 2012, p. 91), já que, telas modernas e *e-readers* ainda falham em recriar adequadamente certas experiências táteis do papel. O peso de um leitor eletrônico não varia conforme a obra lida, o que poderia criar uma "dissonância háptica", levando indivíduos a evitarem esses aparelhos. Certos leitores esperam que os livros pareçam, sintam e cheirem de uma maneira específica, do contrário, a leitura perde parte de seu encanto e prazer. Tudo isso conduz a uma resistência à leitura no digital que, frequentemente traduz-se em diferenças, as quais podem sofrer modificações nas novas gerações.

Essas mudanças entre gerações podem ser reforçadas pelo o que vem sendo chamado de letramento digital, o qual para muitos (SCHONS e VALENTINI, 2012; BURKE e ROWSELL, 2009; MAGNABOSCO, 2009) já é realidade.

Segundo Lévy, o letramento digital é

[...] um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores (apud SCHONS e VALENTINI, 2012, p.7).

Nessa linha, Jennifer Rowsell, professora do *Dept of Literacy Education da Rutgers University*, e Anne Burke, professora de Educação e Aprendizagem da *Memorial University*, nos falam da multimodalidade, que seria a reunião de modos de comunicação visual, acústica e espacial trabalhando em conjunto. As pesquisadoras produziram dois estudos de caso observando o quão as práticas de leitura dependem da multimodalidade para o entendimento do texto (2009, p.106). Foram consultados dois estudantes com hábitos frequentes de leitura *online*, um de 14 anos e outro de 13. As descobertas dessa pesquisa sugerem que as habilidades de leitura requeridas no digital e *online* são muito mais intrincadas e incluem frequentemente uma compreensão ampla do texto, levando em consideração o design e o engajamento pessoal com os conteúdos, além da interpretação de dicas visuais, o controle das nuances do subtexto, o seguimento de ideias de forma não linear até as decodificações de uma leitura comum (2009, p. 117). Portanto, para tratar os textos multimodais é necessário que o leitor tenha habilidades para entender o papel do som, das narrativas visuais, além do conteúdo escrito (2009, p. 107).

Os resultados da pesquisa de Moraes e Arena (2012), as levam concluir que, em um ambiente eletrônico, é exigido dos leitores conhecimentos específicos da linguagem utilizada naquele meio e dos aparatos tecnológicos, mas sobretudo, dinamismo para selecionar os textos e informações. Isto, portanto, entra em concordância com aquilo que declara Lévy, para quem a dinamicidade e a incompletude do texto requer, da parte do leitor, constante organização, seleção, associação, contextualização das informações (apud COELHO, 2011, p. 8). Isso não vem sem causar conflitos de hábito, pois "[...] o ato de ler na tela exige novas técnicas de leitura e causa uma certa tensão no leitor que está acostumado com o impresso" (ARENA e MORAES, 2012, p.12).

Educar para as novas condições passa a ser uma das tônicas e o letramento digital torna-se imprescindível, pois é necessário capacitar as pessoas na leitura e escrita no digital (MAGNABOSCO, 2009, p. 58). Moraes e Arena apontam que, muitos dos alunos observados em sua pesquisa mostraram-se frustrados ao quererem marcar, anotar e rabiscar e, por falta de conhecimento, não conseguirem. O que reforça a ideia das exigências cognitivas da leitura em meio eletrônico e a necessidade do seu ensino (2012, p. 11). Para Schons e Valentini, a escola é um lugar de preparação do indivíduo para a vida e devemos reconhecer a importância dessa instituição em "letrar" digitalmente o aluno, informar sobre o uso do computador, mas crítica e conscientemente, proporcionando-o a capacidade de ler e escrever com competência, seja em que meio for (2012, p. 7).

## 4 PRÁTICAS DE LEITURAS DE LIVROS POR LAZER, NO IMPRESSO E EM E-READERS: UMA ANÁLISE

### 4.1 Metodologia

#### 4.1.1 Levantamento bibliográfico

Como esta é uma dissertação dentro do campo da comunicação, mas com bases fortes na história cultural, temos aqui material bibliográfico retirado principalmente de fontes de ambas as áreas.

Grande parte do material foi obtido através de contato com o grupo de pesquisa Livros e Cultura Letrada (Cnpq), o qual é coordenado pelos professores Márcio Souza Gonçalves (UERJ) e Aníbal Francisco Alves Bragança (UFF).

Outra parte do levantamento foi feito nas bibliotecas do Centro de Educação e Humanidades (CEH) e do Centro de Ciências Sociais (CCS), ambas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A internet teve um papel central também na busca e obtenção de publicações acadêmicas, pesquisas estatísticas, notícias sobre o tema, etc. Dentre as principais fontes da *web* encontram-se a plataforma de buscas padrão do Google; sua versão para pesquisas científicas, o Google Acadêmico (<http://scholar.google.com.br/>); o Portal de Periódicos da Capes ([www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br)); a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ ([www.bdttd.uerj.br](http://www.bdttd.uerj.br)).

O conteúdo obtido em todos estes lugares provém o referencial teórico desta pesquisa, o qual permitiu que fosse pensada a metodologia a ser apresentada no tópico a seguir.

#### 4.1.2 Técnica de coleta de dados

A pesquisa empírica deste trabalho foi inspirada nas inúmeras pesquisas sobre a leitura apontadas no terceiro capítulo, principalmente sobre influência de abordagens microscópicas, que buscam apreender o conhecimento dentro de uma amostragem bem restrita sem visar generalizar os resultados obtidos. Exatamente, por isso, esta dissertação não quer discutir a existência de uma leitura no digital, mas parte do pressuposto que esta já exista

de maneira firme dentre alguns indivíduos, seja da forma que for. O que se quer estudar é a possibilidade de transformações no quadro das formas de leitura ao se estabelecerem nos ambientes digitais que, neste caso, são os *e-readers*.

Para por em prática tal estudo, foram entrevistados dois grupos de leitores. O primeiro agrega oito indivíduos jovens que têm por hábito a leitura de livros em *e-readers* por lazer. O segundo reúne o mesmo número de leitores com idade mais elevada e que têm por hábito ler livros impressos, também com a finalidade de lazer. Como o *e-reader* é o dispositivo planejado para a leitura das versões digitais de muitos livros impressos, os *e-books*, optou-se por manter esta "paridade" para uma comparação das leituras em "termos equivalentes". Ao mesmo tempo, a leitura por lazer é bastante difundida e independe de algum fator externo – como ser estudante de algo. Por isso, é frequente em todas as idades, o que dá abertura para trabalhar com públicos de variadas faixas etárias.

Apesar do enfoque serem as leituras de lazer livros impressos e em *e-readers*, as entrevistas abertas proporcionaram muitos dados interessantes, que não poderiam ser deixados de fora, portanto, estão reunidos em dois "quadros", em forma de itens do capítulo. Como os leitores de livros em *e-readers* mostraram-se consumidores em grande parte de textos impressos também, o seu quadro agrega a descrição de suas leituras nesse dispositivo. Por sua vez, o grupo mais velho, de leitores de livros impressos, reúne alguns sujeitos que consomem textos digitais, o que conduziu as entrevistas à obtenção de certas informações a respeito. Mas, como nesse caso não foi tão sistemático, criou-se um subitem para a descrição dessas informações.

O recorte limitou os entrevistados aos habitantes da região metropolitana do Rio de Janeiro. Almejou-se também manter a homogeneidade em nível socioeconômico e grau de instrução, para que as respostas não sejam alteradas por motivos que não compreendem à experiência de leitura. A diferença máxima de idade entre os membros de um mesmo grupo não poderia passar de dez anos, mas se objetivou uma grande diferença de idade entre os dois grupos. Este critério partiu do pressuposto de que, pondo lado a lado um grupo bastante habituado à leitura no impresso e outro com uma experiência "precoce" com as mídias e os textos digitais, teríamos realçadas as possíveis distinções entre as formas de ler desses sujeitos de gerações distantes, observando mudanças em "perspectiva".

Por esta ser um pesquisa qualitativa, a amostragem selecionada aqui não pretende ser probabilística e segue a recomendação de Gaskell, a qual nos diz que, pelo "[...] o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar sua imaginação social científica para montar a seleção dos respondentes" (in BAUER e GASKELL, 2011, p.70).



Foram escolhidas dezesseis pessoas para participar das entrevistas, o que proveria um número igual de pessoas em cada um dos dois grupos. Este número foi estabelecido porque, como nos informa George Gaskell, o limite para uma pesquisa qualitativa "[...] é algo entre 15 e 25 entrevistas individuais [...]" (in BAUER e GASKELL, 2011, p. 71). Isto ocorre por duas razões. Primeiro,

[...] permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada. Há duas razões para esta afirmação. Primeiro, há um número limitado de interpelações, ou versões, da realidade. Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais. Neste ponto, representações de um tema de interesse comum, ou de pessoas em um meio social específico são, em parte, compartilhadas. Isto pode ser visto em uma série de entrevistas. As primeiras são cheias de surpresas [...] Contudo, temas comuns começam a aparecer [...] A certa altura, o pesquisador se dá conta que não aparecerão novas surpresas ou percepções.

Segundo, "[...] há a questão do tamanho do *corpus* a ser analisado. A transcrição de uma entrevista pode ter até 15 páginas; com 20 entrevistas haverá 300 páginas no *corpus*" Assim, quanto mais entrevistas, maior fica a sobrecarga de análise e uma possível perda de controle dos dados e, conseqüentemente, das informações postas no resultado.

A metodologia teve como sua principal ferramenta prática as entrevistas semiestruturadas individuais (GASKELL in BAUER e GASKELL, 2011, p. 64) orientadas por tópicos-guia. Isto é, eram formuladas questões, as quais foram selecionadas com base nas temáticas mais discutidas nas pesquisas dispostas no terceiro capítulo. Outras perguntas poderiam ser feitas no momento da entrevista com a intenção de traçar o melhor panorama possível das práticas de leitura desses dezesseis indivíduos.

Os encontros com os entrevistados foram feitos, em sua maioria, em espaços públicos. Quando isto não era possível, recorria-se a programas de teleconferência *online*<sup>42</sup>. Fosse pessoalmente ou via internet, todas as entrevistas, com duração média de uma hora, foram gravadas para posterior decupagem.

A escolha por um conjunto de entrevistas individuais nasceu por características específicas desta técnica, que é tida como eficiente na exploração em profundidade do cotidiano das pessoas, principalmente as experiências particulares (GASKELL in BAUER e GASKELL, 2011, p.78).

---

<sup>42</sup> Neste caso, o programa usado foi o *Skype*, obtido gratuitamente por *download* na *web*.

Dentre as temáticas a serem rastreadas nas entrevistas destacamos a "ordem de leitura" – linear ou fragmentada –, a superficialidade, a materialidade do texto eletrônico – em nível de interação e manuseio, a relação de posse, etc. –, possíveis novas práticas e a permanência ou não das antigas – anotações, marcações, consultas, interferências –, o desgaste físico, a concentração e a absorção do texto, as posturas físicas e psicológicas, os horários e os locais de leitura, os atrativos de cada suporte e as preferências. Obtiveram-se ainda dados mais gerais, como a ocupação atual, o nível de formação, renda, rotina, local de moradia, etc. Algumas respostas foram usadas para o estudo da presença do impresso e do digital no dia-a-dia de cada um dos indivíduos consultados, outras para trabalhar tópicos específicos referentes às caracterizações das leituras de textos eletrônicos.

A intenção final das entrevistas foi a obtenção de informações o bastante para que fosse possível a organização de dois grandes quadros correspondentes a cada grupo, os quais, já contém uma análise comparativa entre os próprios membros do grupo. Depois, estes dois itens foram analisados lado a lado, em vista de comprar seus dados, buscando distinções e proximidades. Este material coletado foi reunido na conclusão, onde constam os pontos fundamentais que vislumbram responder ao questionamento desta dissertação.

## 4.2 Resultados

### 4.2.1 Leitores de livros em e-readers

Os dados básicos dos leitores seguem um padrão estabelecido pelo recorte em nível de instrução, de local de moradia, de classe social e idade, como esclarecido anteriormente. Para dispormos os dados desses oito leitores de *e-readers* começaremos com os dados pessoais básicos e, então, passamos para aqueles referentes às leituras de livros por lazer nos dispositivos eletrônicos.

Temos neste grupo, ao todo, quatro mulheres e quatro homens, que têm em média 24 anos, onde o mais velho apresenta 31 anos e o mais novo 21. A formação mínima dos entrevistados é o ensino superior incompleto, com três cursando. A formação máxima são mestrados, que também se encontravam em curso à data das entrevistas. Outros três tinham o ensino superior completo.

Em termos de ocupação temos um estudante de engenharia e um de artes, dois jornalistas – que não exercem –, um bancário, uma escritora de blog e uma tradutora. Apenas um entrevistado só estuda, dois só trabalham, um estuda e estagia e outros quatro estudam e trabalham.

Quanto ao nível de renda, seguindo a classificação do governo<sup>43</sup>, todos encontram-se na baixa classe alta. A totalidade era de solteiros, com seis morando ainda com os pais e dois com companheiros. Apenas uma entrevistada tinha uma dependente.

Por motivos de recorte, os locais de moradia restringiram-se à Região Metropolitana do Rio de Janeiro, popularmente conhecida como "Grande Rio". Dentro desse espaço, três são moradores da Zona Norte – Tijuca, Praça da Bandeira e Ilha do Governador –, um do Centro, um da Zona Oeste – Freguesia –, um da Zona Sul – Botafogo –, um de São João de Meriti e outro de Queimados.

Aos entrevistados foi pedido que definissem suas leituras de lazer, isto é, quais seriam os gêneros de livros consumidos em seus *e-readers* frequentemente por lazer. Notou-se uma predominância dos títulos de ficção, dentre romances – com alta frequência –, terror, ficção científica e épicos medievais e além dos livros religiosos. Somente em um caso, uma entrevistada, Roberta<sup>44</sup>, declarou buscar livros informativos, com conteúdo não ficcional, para suas horas de lazer, já que sempre gostou de se informar a respeito de assuntos variados e sua profissão, tradutora, também pede que tenha um bom conhecimento geral.

Deixando à parte as exigências profissionais mais objetivas, como no caso de Roberta, as leituras por lazer apresentadas pelos entrevistados significam o preenchimento de algum tempo ocioso no dia, entrando em brechas durante o trabalho ou nos deslocamentos; na maior parte das vezes das vezes – seis de oito – foi citado o acréscimo de cultura e conhecimentos gerais, sendo igualmente uma forma de interagir com conhecidos e pessoas próximas, caso de Fábio. Isso nos indica que, para estes indivíduos, a leitura de lazer vai para além do puro divertimento, é também uma prática desejada por trazer conteúdo e aprendizados para a vida.

A média de idade com que os entrevistados tiveram seus primeiros contatos com os computadores gira em torno dos 8 anos, isto é, bem jovens, sendo que o mais jovem a usar PCs foi Fábio, aos 5 anos, através da máquina que tinha em sua residência. Mas os que tiveram contato em idade mais avançada, Denner e Carla, não se distanciam muito, aos 12

---

<sup>43</sup> Fonte: Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE). Disponível em: <http://www.sae.gov.br/site/?cat=503>. Acesso em: 15 dez. 2014. Fonte: Portal de notícias G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2013/08/veja-diferencas-entre-conceitos-que-definem-classes-sociais-no-brasil.html>. Acesso em: 15 dez. 2014.

<sup>44</sup> Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.

anos. Essa média de idade baixa e o contato bem cedo na infância explica-se pelo fato de que seis dos entrevistados já possuíam máquinas em suas residências desde pequenos ou mesmo antes de nascerem. Outra explicação pode vir do contato na escola, onde sete dos entrevistados tiveram aulas de informática, além dos cursos realizados à parte por dois indivíduos que demonstraram desde bem jovens forte interesse pela tecnologia e ingressaram em aulas avançadas de informática, as quais ensinavam códigos de computação, Excel e *web design*.

Nessa fase das primeiras interações com os computadores, as principais atividades realizadas pelos entrevistados, as quais os levavam ao uso do suporte digital, incluíam principalmente o lazer através de jogos eletrônicos, atividade praticada por 6 pessoas. Mas outras práticas menos expressivas e não tão vinculadas ao lazer apresentaram-se, dentre estas temos a produção de textos para *blogs*; a criação de desenhos; o estudo de temas como o *web design*, a programação de computacional e a editoração eletrônica. Inclusive, a entrevistada Daniela afirmou que desde os 14 anos já trabalhava e, por força de sua ocupação teve de aprender a mexer em computadores, o que fortaleceu mais seu contato com o digital.

A tecnologia digital parece ter se difundido amplamente pelas vidas de cada um dos oito entrevistados deste grupo. Isto é indicado, por exemplo, pelas informações sobre o tipo de texto que se lê em cada um dos formatos e a frequência de leitura. Cinco declararam ainda ter como hábito ler livros no impresso, apesar de também lerem no *e-reader*, seis têm o costume de consumir reportagens, enquanto cinco pequenas notícias, três leem artigos e um citou o hábito de ler manuais e outro quadrinhos. O mais interessante foi o fato de apenas um receber textos das suas comunicações pessoais – cartas – em papel. O restante dos entrevistados comentou que as únicas comunicações pessoais em papel que recebem são cartas de bancos, contas e anúncios. Por outro lado, todos afirmaram trocarem mensagens pessoais pelos meios digitais<sup>45</sup>, este formato também mostrou-se mais presente nas leituras de periódicos informativos, o caso de reportagens, notícias e *blogs*, com sete indivíduos consumindo-os. A leitura de artigos também está presente no dia a dia de cinco participantes, além de quadrinhos e manuais.

Em nível de frequência de leitura de livros de lazer no impresso, três declararam "nunca" – referente ao momento presente – lerem, dois raramente, um às vezes e apenas um afirmou ter esse hábito diariamente. Os periódicos informativos impressos – jornais, revistas, etc. – são lidos diariamente apenas por dois, raramente por quatro e nunca por dois. Já as

---

<sup>45</sup> Aqui o digital não foi restrito ao *e-reader*, já que se buscava uma observação mais ampla da difusão do digital na vida de cada um dos entrevistados.

leituras de livros de lazer no *e-reader* são feitas diariamente por sete e frequentemente por um. Enquanto os periódicos informativos no digital<sup>46</sup> são lidos diariamente por seis e raramente por dois. O que nos leva a concluir que a leitura no digital está tanto difundido-se por este grupo, como sendo mais frequente, no que diz respeito aos livros de lazer e ao periódicos informativos.

Também vê-se esse movimento pela vinculação do digital às atividades diárias básicas, com destaque, primeiramente, para a comunicação pessoal – e-mails, redes sociais, *sms*, *messengers* – e o entretenimento – navegação na internet, vídeos, jogos, séries televisivas, filmes e leitura –, citados por todos os participantes como atividades normalmente realizadas nos meios eletrônicos. Em segundo lugar temos o trabalho, que aparece através da produção de textos, da criação de anúncios digitais, a edição de imagens e até a editoração de livros. Em terceiro aparecem o estudo para graduação no ensino superior à distância e a frequência em cursos digitais; a informação diária feita por meio de sites de notícias e a pesquisa sobre temas diversos com o uso de buscadores e enciclopédias *online*.

Por outro lado, a leitura de livros em *e-readers* só passou a ser um hábito na vida dos entrevistados mais recentemente. Apesar de uma minoria já ler livros por lazer nessa plataforma há quatro anos, outros só tem o dispositivo há poucos meses, mas a média é de um ano e meio. Portanto, em proporção é uma atividade mais recente em suas vidas, que surgiu, para muitos, como uma forma de ter acesso a um título mais rapidamente, quando este não tinha sido lançado ainda no país e/ou demorava muito para ser traduzido; para se economizar na compra de livros estrangeiros usados na faculdade; para montar uma biblioteca sem gastar muito dinheiro e espaço; para se ter acesso a livros que estão exclusivamente em inglês – quatro dizem ser leitores frequentes de livros em língua estrangeira –; para ler livros maiores durante os deslocamentos e no trabalho e, por fim, para poder manusear uma publicação de forma mais confortável na cama, sem ter de folheá-la.

São muitas as razões específicas apresentadas pelos oito indivíduos como motivadoras das suas leituras nesses dispositivos, mas pôde-se ver com expressividade seis fatores, dispostos a seguir.

Em primeiro lugar temos o custo dos livros digitais, que são mais baratos, principalmente fora do país, além de haver uma intensa pirataria e acervos gratuitos disponibilizados por governos, livrarias, bibliotecas e múltiplas instituições.

---

<sup>46</sup> Novamente não nos restringimos ao *e-reader* pela mesma razão exposta na nota 45.

Em segundo, a economia de espaço, pois o *e-reader* mantém o mesmo tamanho, seja com um livro de cinquenta páginas ou um de quinhentas.

Em terceiro, a acessibilidade, já que é possível adquirir um livro de forma mais prática e rápida via *web*.

Em quarto, a portabilidade, pois permite aos entrevistados carregar todos seus livros e decidir qual lerá, "[...] intercalando as leituras ao seu gosto", como declara Marcos.

Em quinto, a praticidade de manuseio, como nos explica Roberta, que costuma deitar-se de lado para ler, o que traz muita dificuldade para manter a página do livro aberta em função do peso e da forma em códice. O *e-reader* não apresenta esse inconveniente, pois não há a mesma estrutura e não exige o movimento de folhear das páginas. Esse mesmo fator afetam Vinícius e Marcos por lerem nos transportes públicos em posições desconfortáveis e com o espaço restrito.

Em sexto e último, a desobrigação de se preocupar com a preservação daquele material em nível físico, porque os *e-books* não mofam ou dão cupim.

Antes de adotarem os *e-readers* como dispositivos de leitura dos seus livros de lazer, a maioria dos entrevistados revelou ter esse hábito no papel, desenvolvendo o gosto pela leitura com os livros impressos na infância, entre os 10 e 12 anos. Os condutores iniciais dessa leitura em livros impressos foram variados, desde a atração pela capa de um livro que se tinha em casa, até a influência de pais e parentes, a presença de grande quantidade de livros na residência e o contato com *best sellers* – a série Harry Potter, em particular, foi mencionada quatro vezes.

Contudo, apesar da forte relação que a maioria tinha com o impresso, após a adoção dos *e-readers* alguns chegaram a parar de consumir textos neste formato, é o caso de Denner, Daniela e Marcos. Para Denner, um leitor assíduo de impressos por muito tempo, esse "hiato" na leitura de impressos já dura um longo tempo, em torno de três anos. Enquanto isso, outros, é o exemplo de Roberta, Marcos, Vinícius, Daniela e Denner, passaram a consumir mais livros após adquirir o *e-reader*, tanto porque há mais títulos disponíveis de forma acessível em preço, tempo de recebimento e alcance – livros estrangeiros.

Os que mantêm e mesmo os que já pararam de ler no impresso nos apresentam resumidamente sete motivações para a leitura nesse formato. A primeira e mais frequente, é o valor sentimental do livro, por ser especial em algum nível, quando pertence a uma boa série, foi escrito pelo autor favorito, etc. A segunda está ligada à materialidade e à praticidade de uso do texto, à possibilidade e necessidade de tocar no texto, de sentir o cheiro dele e como

esse contato direto torna simples os atos de marcar<sup>47</sup>, anotar, e interagir de maneira geral. A terceira compreende o tipo de livro, se for um de arte – fotografia, gravuras, etc. –, por exemplo, alguns relataram preferir o impresso, porque ficaria mais belo. A quarta, seria a inexistência do título em formato eletrônico. A quinta, a sexta e a sétima razões seriam exigências do trabalho, a má qualidade dos títulos digitais e o medo de ter o *e-reader* furtado ao ler em lugares públicos.

Dentre cinco dos entrevistados observou-se a prática da compra de livros em formato impresso, ainda que estes já tivessem sido lidos no *e-reader*. As explicações para tal hábito convergiam para o fato desses títulos os terem marcado positivamente e, portanto, gostariam de preservá-los, tê-los consigo em sua "forma física" e até poder passar adiante, seja para um filho ou conhecido. No entanto, não lhes interessava a impressão do texto que estava no *e-reader*. Por outro lado, Fábio e Vinícius faziam isso com textos que se encontravam no computador, especialmente aqueles mais longos, que não tinham função de lazer e não podiam ser visualizados no leitor eletrônico.

Notou-se que relação de posse com aqueles títulos no formato impresso tem um grande peso, mas é quase ou totalmente inexistente dentre as publicações eletrônicas. Para explicar tal condição, Roberta nos fala que, ao se referir a um título digital declara: "Eu li tal livro. Não, eu tenho tal livro". Isto não só se constata na necessidade de alguns em adquirir um livro que muito lhe agrada em sua versão de papel, mas igualmente no que muitos chamaram de "ciúmes" dos seus livros e na recusa em emprestá-los para quem quer que seja. Outros, que aceitam emprestar, preocupam-se com a devolução e escrevem seu contato na contracapa, Fábio até faz a catalogação de todos os títulos que adquire em busca de controlá-los.

Mantendo-se dentro dessa linha da "postura" para com o texto, o compromisso e a seriedade com os quais se aborda os livros em *e-readers* mostrou-se equivalente à atitude mantida com livros de papel, pois, segundo os entrevistados, os primeiros são tão livros quanto os outros e o que lhes mais interessa é a mensagem, o conteúdo no interior do texto. Há, contudo, menções sobre a importância da fonte, do título, do autor – como visto anteriormente – e do nível de relação afetiva, que novamente revela-se mais presente entre os textos impressos. Isso é notado, por exemplo, na resposta de Fábio, quem pensa que, no digital, dificilmente criaria uma relação sentimental com uma publicação, pois perde boa parte da experiência de sua aquisição, a qual agregaria à história estabelecida entre leitor e livro,

---

<sup>47</sup> Alguns dos que apontaram tal aspecto, afirmaram, em complemento, que sabem realizar marcações e anotações nos *e-readers* e creem ser uma atividade prática, mas no papel é mais "natural".

que inclui o local onde se comprou, como se chegou lá, o momento da vida em que se fez isso. Fábio diz que, ao olhar para o objeto livro e com ele lidar, tudo isso viria à tona e seria um diferencial.

Apesar do compromisso com a obra não mostrar ser afetado pelo suporte, a seletividade é, pois sete dizem ser mais seletivos com os textos impressos. Novamente o maior custo do impresso entra em questão, juntamente com sua menor acessibilidade<sup>48</sup> e a necessidade de um espaço disponível para armazená-lo. Por isso, os livros em papel tendem a ser aquisições de alto "valor pessoal", daí a tendência observada de se consumir inicialmente em formato eletrônico e, só depois na versão impressa, como relatado anteriormente. Este é, por exemplo, o caso de Carla e Fábio que, por geralmente terem de gastar quantias maiores para adquirir os livros impressos, tendem a ser mais criteriosos em suas escolhas. Além disso alguns leitores têm fontes por onde consumir livros gratuitos ou pirateados. Este também é o caso de Fábio, quem usa muito o recurso de "amostra grátis" do seu *e-reader* e acessa livros inteiros ou partes sem custos:

Se vou ter de comprar, eu não vou gastar com um autor que não conheço tanto, que não me foi recomendado. No *e-reader* você pode experimentar muito mais, ler um capítulo, ver se é bom [...], ler a resenha do livro, ver como o autor escreve. O *e-reader* te permite essas experimentações – ver a resenha do livro – no caso, gratuitas [...].

Mais uma característica estudada foram as interações. Os resultados indicam que os entrevistados interagem bastante com os livros lidos nos leitores eletrônicos. Observou-se isso primeiramente através das consultas, que são populares, sete têm tal hábito nas leituras em *e-readers*, principalmente pela disponibilidade de um dicionário embutido que, com breves comandos ou ao toque de um dedo na tela sobre a palavra desejada, exhibe a definição imediatamente. Já que muitos títulos eletrônicos são lidos em outras línguas, usa-se bastante tradutores, além de enciclopédias e buscadores da *web*. Depois, notou-se o hábito da produção de marcações nos textos, realizado por sete dos entrevistados, prática vista como mais simples e natural. Em condição oposta estão as anotações que, não eram um hábito muito difundido no impresso e não passaram a ser nas edições eletrônicas, apenas um as realiza, pois além de trabalhosas, levam à perda do "ritmo" de leitura. É o caso de Carla que, por seu dispositivo "[...] não ter teclado, [...] é muito pouco prático se quiser anotar alguma coisa [...]". Por outro lado, alguns entrevistados, como Fábio, não apresentam esse hábito especificamente com

<sup>48</sup> Alguns dispositivos oferecem amostras grátis para download, que "mimetizam" a experiência de ir à livraria e "namorar um livro" folheando-o, mas com maior comodidade, o que, para Fábio, conduz à uma menor seletividade.



títulos de lazer, somente na leitura de publicações voltadas para estudos que anotam. As interferências<sup>49</sup> são realizadas por metade dos indivíduos ao compartilharem trechos de textos, reproduzindo-os na internet e até editando-os para que fiquem com a aparência e a estrutura que mais lhes agrada. A outra metade dos entrevistados nunca teve o hábito, não acha prático ou é impedida por bloqueios nos *softwares*, os DRMs.

No impresso as interações não se mostraram tão evidentes e os leitores preocupam-se muito em preservar o objeto livro. As consultas feitas a outros textos – dicionários, enciclopédias, sites, etc. – no decorrer da leitura são pouco presentes, realizadas raramente por três que, ainda assim, tendem a recorrer a fontes digitais. As marcações são feitas por apenas três, que sentem ser mais práticas nesse formato, mas a maioria rejeita tal hábito e o vê como um dano ao livro, é o caso de Daniela, para quem alterar, marcar, anotar em um título "[...] seria como danificar um bem precioso [...]" Roberta apresenta a mesma opinião já que não quer riscar a publicação, primeiro porque vê como um prejuízo ao objeto, depois porque não irá retornar para fazer qualquer consulta, diferentemente do que faz com seus livros de estudo. Porém, leitores como Fábio, ressaltaram que, nos casos de leituras para estudo frequentemente anotam e, conduzidos por esse hábito, em raríssimos momentos, fazem alguma nota ao ler por lazer e explica: "[...] para lazer, se ficar fazendo muita anotação, muita interação, vai ficar achando que aquilo é acadêmico [...]" Nesse grupo, as intervenções são inexistentes ou quase, se considerarmos correções feitas diretamente sobre os textos com lápis e caneta sobre o texto impresso, temos então dois casos.

Nas entrevistas pôde-se perceber que a distribuição dos horários e locais de leitura dos livros eletrônicos é bastante diversa, podendo ser travada pela manhã, à tarde ou antes de dormir, durante o trabalho, em casa, dentro dos transportes públicos nos deslocamentos, em uma fila de banco, etc. As posturas são bastante variadas, de acordo com as condições múltiplas em que são travadas, geralmente sentada, deitada, recostada e até em pé. O que mais se destaca é a frequência com que se lê em cada uma das condições nos *e-readers*, o que indica uma certa flexibilidade<sup>50</sup>, capacidade de se encaixar nas rotinas dos entrevistados. Os exemplos que refletem bem o que foi descrito encontram-se, novamente, nas já referidas rotinas de Vinícius e Marcos, que morando na região metropolitana do Rio, cursam o ensino

---

<sup>49</sup> Chamamos de interferências todas aquelas práticas que intervêm no texto alterando-o em sua estrutura, condição física, aparência, conteúdo, etc. Como exemplos de interferências seriam recortes, rabiscos, colagens, tentativas de apagar o texto, a exposição de um trecho fora da sua estrutura – página na web, arquivo de texto – de origem, etc.

<sup>50</sup> Sete declararam ler à noite, antes de dormir, sete nos trajetos e tempos vagos na rua, três no trabalho, sete em casa, seis sentados, oito recostados ou deitados, três em pé.

superior e exercem atividades remuneradas no centro da cidade e proximidades, o que lhes força a passarem horas em deslocamentos, normalmente em situações desconfortáveis, nas quais, segundo dizem, seria mais desconfortável e menos prático o manuseio de um livro impresso, já que teriam de folheá-lo e segurar com as duas mãos, além de trazer peso às suas mochilas.

Já a leitura nos impressos apresenta um resultado bem próximo, mas com menos expressão nos variados contextos. Seis leem ou liam em casa, à noite, sentados, deitados ou recostados. Apenas um lê no trabalho e outro nos deslocamentos.

Com referência ao desgaste físico nas leituras, os dois grupos afirmaram ser bem semelhante, ainda que se leia por longos períodos. Inclusive, dependendo da situação, o impresso poderia ser mais cansativo, é o que pensam Daniel, Roberta, Fábio e Vinícius. Para estes o peso geralmente superior dos livros em papel, a fragilidade das folhas, a necessidade de folhear, de manter as páginas abertas e de frequentemente usar as duas mãos configuram os principais motivos para pensarem dessa forma. Porém quatro indivíduos manifestaram-se quanto ao cansaço causado nas leituras de textos digitais em computadores de mesa, *notebooks*, *tablets* e qualquer dispositivo que tivesse telas com brilho próprio, as reclamações giravam em torno das posturas restritas e no esforço da vista.

O consumo de livros em língua estrangeira nos *e-readers* é representativo – são quatro com este hábito –, exatamente pela questão do acesso mais rápido aos títulos lançados fora, a economia, a facilidade e velocidade de comprá-los via *web*. Por outro lado, não são quase consumidas no impresso, apenas Fábio lê raramente.

Para estudar a questão da linearidade ou fragmentação da leitura entre os nossos entrevistados foram considerados alguns dados que dialogam entre si, construindo um panorama e buscando não tirar conclusões somente através da observação de um ponto.

O primeiro aspecto observado foi a existência de alguma atividade realizada durante as leituras, que desviassem atenção do que se lia. Com os *e-readers*, somente um indivíduo comentou ter o hábito de acessar às redes sociais, enquanto os outros sete declararam manter o foco e só ler. O estudante Fábio nos conta que nesse nível, ler no digital é como se fosse ler no papel, já que não consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo. Já nas leituras dos livros de papel duas pessoas afirmaram realizar outras atividades ao ler. A primeira é Carla, que trabalha em casa e nos explica: "[...] entre um agendamento e outro eu leio um pouquinho, entre um e-mail e outro eu leio mais um pouquinho, entre um telefonema e outro, mais um pouquinho e por aí vai". Há também o caso de Denner, que quando lia no impresso, tinha o hábito de deixar a televisão ligada e no instante em que esta passava algo interessante, punha o dedo sobre a palavra na qual havia parado de ler e prestava atenção na TV, em seguida

retornava à leitura. No entanto, com o digital não reproduz tal hábito, pois não pode usar o dedo para marcar o trecho, já que a tela do seu dispositivo, por ser sensível ao toque, acionaria algum comando, o que o faria se perder.

Em um segundo tópico, verificou-se que, na leitura por lazer de livros impressos, todos os entrevistados normalmente consomem os livros por inteiro, do começo ao fim. O resultado foi o mesmo para as leituras nos *e-readers*. Mas, em algumas situações declarou-se que os títulos, sejam aqueles em papel ou digital, podem ser deixados de lado em função do conteúdo que é desinteressante, mas não porque o suporte levou a uma dispersão. Foram ainda citados inconvenientes correspondentes à correção e à edição mal feita em *e-books* pirateados, que acarretam em falhas de ortografia, diagramação e compatibilidade de arquivos e atrapalham na experiência de leitura, mas não chegaram a levar nenhum dos que citou tal problema a desistir da publicação, principalmente porque poderiam reeditar e ajustar o material através de programas, foi o caso de Fábio e Daniela. O primeiro nos diz:

[...] já peguei *e-books* com falhas bem bizarras de ortografia. Não sei por que, não sei se foi a edição da editora, não sei se foi alguém [...], mas, às vezes tem uns erros bem bizarros que você não vê no impresso. Mas, isso não me impediu de ir em frente.

Por sua vez, Daniela afirma:

Normalmente – diante de um *e-book* com problemas – eu modifico o tamanho da fonte e tipo da fonte, crio um novo arquivo para eu ler. [...] Tem a facilidade da interferência, só que o impresso não tem. [...] Mas é raro, realmente só com um livro que está bem crítico para ler. Eu peguei um livro outro dia e, assim, nem com lupa. Ai eu editei e li.

Como terceiro fator abordado questionou-se se os oito leitores tinham o costume de ler por lazer mais de um livro durante um mesmo período e no mesmo momento – intercalando a leitura de um livro com outro texto. Os resultados indicam que no formato impresso praticamente não se lê mais de um livro no mesmo período, apenas dois fazem isso e ninguém afirmou intercalar normalmente a leitura de seus livros de lazer com outros textos. No digital, os resultados diferenciam-se apenas no fato de que metade tem o costume de consumir livros durante um mesmo período e a outra não. Alguns argumentam que, como no *e-reader* é possível transportar vários textos, fica mais prático escolher entre o que se vai ler de acordo com a vontade e as oportunidades – os "espaços" livres – que a rotina oferece. É o que nos relata Vinícius: "– ler no *e-reader* – É mais prático para levar, carregar e a leitura se torna

melhor. Tipo, facilita bastante coisas como, por exemplo, no aspecto de volume de livros pra (sic) você carregar; a visibilidade, porque tem a luzinha<sup>51</sup>. [...] É bastante prático."

Um quarto item observado foi a existência do hábito de "escanear" ao ler livros por lazer, isto é, se passam os olhos sobre o texto buscando por palavras-chave e informações importantes sem seguir a sequência padrão dos textos, lendo palavra por palavra. As respostas indicaram que, durante a leitura dos *e-books* esta prática não é realizada e o acompanhamento do texto segue a sequência. A mesma coisa vale para os livros impressos. No entanto, há situações em que sete entrevistados declararam "escanear", independentemente de ser em formato impresso ou digital, estas são: quando lê-se artigos científicos, livros didáticos ou jornais e revistas. Carolina, por exemplo, se está selecionando uma leitura "escaneia" em vista de ter um panorama do que um dado texto pode lhe trazer e se corresponde as suas expectativas. Procura ver o tema da obra, os capítulos, etc. Caso a leitura esteja enfadonha, também "escaneia" o texto para ver se irá melhorar, mas, fora estas situações, costuma consumir o texto linearmente por completo. Para Daniela, tomar ou não esta atitude durante a leitura está muito ligado ao tipo de texto. Isto dialoga com o que declarou Fábio, para quem a leitura por lazer de um livro "[...] tem de ser fruída linha a linha".

O quinto fator tratado foi a presença de *links* e outros elementos nos livros eletrônicos que causem "interferência". Questionou-se se esses atrapalhariam a linearidade da leitura e o resultado foi negativo para sete dos entrevistados. Três deles afirmaram não notar muito tais elementos em *e-books*, enquanto outros três disseram que tal situação ocorre quando estão utilizando *notebooks*, *smartphones* ou *tablets*. Apenas Vinícius relatou ter problemas para se concentrar por conta de *links* nos livros eletrônicos, já que consome edições piratas que trazem, no meio do texto, propagandas com imagens e atalhos para páginas na internet.

Quando questionado sobre as distrações e a manutenção da concentração durante a leitura de livros por lazer no impresso e nos *e-books* o grupo mostrou um resultado bastante próximo. Na verdade, nenhum declarou perder sua concentração habitualmente por razão do suporte em que lia. Relatou-se que as causas da perda de atenção no texto eram mais externas ou por alguma divagação fundamentada nas ligações pessoais que o leitor fazia entre aquilo que lia e o que se passou na sua vida. É válido observar que, novamente, entrevistados comentaram ter condições diferentes se estiverem lendo em *tablets*, computadores ou outros dispositivos onde há sinais sonoros e luminosos, múltiplas funcionalidades, etc. Sobre o que foi descrito neste parágrafo, temos o relato de Fábio:

---

<sup>51</sup> Certas capas de *e-readers* apresentam minúsculas luminárias, enquanto que alguns desses dispositivos apresentam iluminação própria na tela que pode ser ativada quando desejada.

[...] o *e-reader* não oferece tantas distrações. No momento em que ele oferecer distrações igual ao *iPad*, eu acho que vai ser uma merda. Porque, você está lendo, de repente, você quer fechar para ler o e-mail. Tem um 'tremmm' – referindo-se aos alertas sonoros presentes nos *tablets* –, porque chegou uma mensagem. O *iPad* tem muito mais distração. Acho que o dia em que o *e-reader* virar um *tablet*... Espero que isso nunca aconteça... Quando oferecer muitas distrações, acho que a experiência similar ao impresso, ela vai embora. Porque, eu vejo uma experiência similar ao impresso, tanto por ser lento... a passagem de página não é em uma velocidade assim, absurda, ou seja, é uma experiência que se aproxima bastante do impresso em termos de não oferecer tantas distrações [...].

Seja no impresso ou no *e-reader*, todos os leitores apresentaram o hábito de ler e reler trechos de texto caso não os entendam ou achem muito interessantes, o que se pode compreender como uma evidência ligada à uma equivalente dedicação em absorver o que liam, sem que a mudança no suporte interfira nisto. Este entendimento é reforçado pelas declarações consensuais de que a absorção dos conteúdos lidos não diminui quando se consome um livro no *e-reader*, como a de Carolina, que nos responde:

Não, claro que não. Eu acredito que eu absorvo tudo o que tem ali, assim como absorveria no livro impresso. Isso – o *e-reader* – não interfere na minha capacidade cognitiva e, talvez até – absorveria – um pouco mais na medida do que aquilo me oferecer. Se me oferecer mais *links*, mais possibilidades, eu vou ainda absorver mais do que no impresso, que talvez tenha menos oferta. Mas absorver menos, por estar lendo no digital, com certeza não.

São relatadas algumas exceções, é o caso de Carla, que afirma ter perdas na absorção de informações quando lê livro por lazer em seu *tablet*, já que este tem várias outras funções, avisos sonoros e visuais, os quais tiram sua atenção frequentemente. Este foi o sétimo e último ponto abordado visando o estudo da linearidade da leitura. Entendemos assim, que a leitura dos livros nos *e-readers* por lazer entre esses indivíduos é predominantemente linear.

Os resultados indicam, em vários momentos, uma condição situacional ou contextual das respostas, tanto sobre as leituras no impresso quanto no digital. Por exemplo, Carla e Marcos dizem que suas atitudes mudariam caso estivessem lendo em outro suporte, que não o leitor eletrônico, como um *tablet*, *notebook* ou *smartphone*. Usando estes dispositivos abririam várias abas e janelas, alternando entre elas os textos e outras atividades, como escutar uma música, acessar o *e-mail*, as redes sociais, etc. Por sua vez, Carolina e Fábio dizem que podem realizar outras tarefas ao ler tipos de textos diferentes dos livros de lazer, como os informativos periódicos. Fábio acrescenta que, ao ler livros de ficção com temática medieval, lhe agrada escutar uma "trilha sonora" de época. Já, quando o texto que vai abordar é acadêmico, costuma fazer várias coisas ao mesmo tempo, principalmente produzir outros

textos, sem contar o fato de que, os livros acadêmicos prendem menos sua atenção e, para desanuviar um pouco, entra em sites de lazer buscando distração. Após essa breve pausa, retorna sua leitura, seja no impresso ou no digital.

Nesse mesmo sentido, observemos um caso onde questões contextuais levam a respostas completamente opostas. Carla declara que, quando compra um título, sente-se mais impulsionada a ler, mesmo sendo algo que não tenha lhe agradado. Mas, nesse caso, quando é um livro eletrônico torna-se menos desconfortável não ler aquele livro, já que não está "na sua frente", diferentemente do livro em papel, tem em sua presença física um lembrete constante de que não o leu. No entanto, é possível ter perspectivas completamente opostas. Roberta afirma que, com o *e-reader* passou a se sentir mais pressionada a não largar os livros dos quais não gostava muito e, até mesmo, a ler mais e mais rápido. Isso se deve ao recurso próprio do dispositivo, que contém em sua tela inicial uma indicação dos livros que estão sendo lidos e vários dados percentuais e visuais de quanto já se leu. O aparelho também a premia com medalhas virtuais e pela leitura de um certo número de páginas e publicações em períodos de tempo estabelecidos.

Esta "circunstancialidade" pode estar atrelada a outras tantas características analisadas, para além da linearidade, como o desgaste físico. Viu-se no capítulo anterior muitas pesquisas apontando para o rápido cansaço dos leitores, fundamentalmente na visão, devido às telas com luz própria. Porém, no que se refere às leituras por lazer de livros em *e-readers* desse grupo de oito, tal quadro mostrou-se inverso.

Talvez, pesquisas mais focadas em cada uma das características individualmente e com um escopo ampliado, agregando a leitura digital em outros suportes, que não somente os leitores eletrônicos, e por motivos diversos, que não somente o lazer, possam chegar à compreensão de que tais resultados são muito mais situacionais, correspondendo a um número maior de variáveis dentro de um contexto, do que somente à tecnologia que suporta o texto.

#### 4.2.2 Leitores de livros impressos

Este trecho apresenta um quadro dos dados coletados de oito indivíduos e suas leituras por lazer de livros impressos. Assim como no quadro anterior, para concluirmos a descrição das leituras deste grupo começamos com informações gerais e, então, passamos para os dados a respeito das leituras de livros. Posteriormente, será trazido um subitem para a apresentação

de informações correspondentes às práticas de leitura no digital, que alguns dos entrevistados apresentaram, mas que, fogem do enfoque principal.

Dentre esses oito leitores entrevistados, três são do gênero masculino e cinco do gênero feminino, uma idade média de 66 anos, onde o mais velho apresenta 73 e o mais novo 63.

As formações incluem um com nível médio completo, outro com o superior incompleto, mais um com o superior completo e os outros cinco com pós-graduações diversas, dentre mestrado, doutorado e cursos *lato sensu*.

As ocupações são variadas: psicanalista, musicoterapeuta, dentista, professor de física e matemática de nível médio e superior, professora primária, professor de biologia de nível superior e escritor de livros didáticos, comerciante e economista. Apenas três ainda exercem suas profissões, enquanto os outros cinco encontram-se aposentados.

Quanto ao nível de renda, seguindo a classificação do governo<sup>52</sup>, 7 encontram-se na baixa classe alta e apenas um na alta classe alta. O estado civil de seis era casado, enquanto um se encontrava solteiro e outro divorciado. Apenas dois não tinham filhos, dando uma média de 1,5 filhos por pessoa.

Dentro desse grupo de indivíduos tem-se quatro moradores da Zona Norte, três de Cachambi e um da Ilha do Governador; dois da Zona Oeste, um do Pechincha e um da Barra da Tijuca; e dois da Zona Sul, um de Laranjeiras e um de Ipanema.

Os livros de lazer para esse grupo incluem, com maior frequência, títulos de história do Brasil e do Mundo, biografias, textos de conteúdo profissional<sup>53</sup>, romances e textos de filosofia, estão inclusos ainda livros de contos, de poesias e até de arte. São, predominantemente, publicações que contêm material informativo mais "rígido", menos ligado à ficção, relacionado à área de atuação profissional ou não.

Independente do conteúdo do texto, talvez, o que defina bem as leituras desse grupo é o relato de Ricardo, para quem a leitura por lazer é uma atitude, uma posição perante o texto, geralmente desligada de qualquer obrigação e estresse, na qual não se precisa ficar "[...] maquinando o que pode retirar dali, pensando e elaborando coisas a partir do que foi lido. [...]"

---

<sup>52</sup> Fonte: Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE). Disponível em: <http://www.sae.gov.br/site/?cat=503>. Acesso em: 15 dez. 2014. Fonte: Portal de notícias G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2013/08/veja-diferencas-entre-conceitos-que-definem-classes-sociais-no-brasil.html>. Acesso em: 15 dez. 2014.

<sup>53</sup> Como justamente uma das propostas nesse tópico era permitir que os próprios leitores definissem eles mesmos o que são leituras de lazer, considerou-se os livros profissionais, já que foram citados com grande frequência como títulos que liam por prazer, mas que, por ventura, lhes informavam e atualizavam sobre assuntos profissionais.

É uma leitura relaxada, descontraída, bastante diferente em contexto". Para estes leitores, ler é um passatempo que traz relaxamento, emociona, envolve ao ponto de ser uma paixão, a qual também mata curiosidades, traz conhecimentos mais "factuais", enfim, enriquece culturalmente. No entanto, alguns relatos nos revelaram uma presença mais profunda da leitura. É o caso de André, que tem neste hábito um meio de resgatar conhecimentos com os quais não teve contato na juventude, escapar da depressão que o abateu após a aposentadoria e as limitações físicas impostas por um aneurisma. Além disso, é uma forma de interagir com suas netas mais novas, passar-lhes conhecimento, ser como um tutor para elas. Já Esther, nos explica que sempre leu para buscar respostas a questões da sua vida, inspiração e equilíbrio emocional. Em sua infância e adolescência conturbadas pela morte do pai, deixando sua mãe desempregada com sete filhos para serem criados, encontrou refúgio nos livros.

A partir desses relatos é possível vislumbrar motivações<sup>54</sup> para a leitura dos livros em formato impresso, os quais foram postos em dois grupos sem pretensão de categorização. Primeiramente, temos aqueles que circulam ao redor do hábito, do vínculo criado com estes objetos no decorrer das histórias pessoais. Em segundo, encontramos fatores de forte base material, caso do cheiro do livro; da beleza do objeto; da facilidade de fazer marcações e poder encontrá-las com praticidade; da liberdade de manuseio; e do ritual de leitura com seus gestos simples, como o folhear, a apreciação da capa, da contracapa, das orelhas, etc.

Para seis indivíduos, a origem do hábito de ler vem da infância, período da vida em que quatro indicaram ser incentivados pelos pais, que também eram leitores assíduos e os presenteavam com livros. Dois citam a importância dos títulos infantis do autor de *best sellers* nacionais, Monteiro Lobato. Apenas dois vieram a ler mais na vida adulta, um há 30 anos, através das vendas ambulantes do Círculo do Livro e outro, André, que como já foi dito, passou a ler com grande frequência faz cinco anos, para evitar a depressão.

Além dos livros impressos, que leem diariamente, as leituras atuais desse grupo incluem artigos de periódicos jornalísticos e científicos – cinco integrantes –, notícias e reportagens de jornais e revistas – sete integrantes –, lidos diariamente por cinco, uma vez por semana por dois e raramente por um. Novamente não se notam trocas de textos em papel como comunicação pessoal.

---

<sup>54</sup> O enfoque desse item é a descrição das práticas de leitura dos textos em formato impresso. No entanto, seis dos entrevistados apresentaram contato com computadores e textos digitais de outros tipos – não textos veiculados em *e-readers*. Por conseguinte, foram coletadas e analisadas informações a respeito disso e das leituras realizadas nos meios eletrônicos. Este material está em sua maior parte reunido no subitem "Os leitores de livros impressos e suas leituras no digital".



Todos disseram sentir facilidade de manuseio e orientação nos livros impressos por já estarem bastante familiarizados com suas estruturas – capa, contracapa, sinopse, índice, índice remissivo, notas, orelhas, ficha bibliográfica, etc.

A despeito de cinco sujeitos serem fluentes em inglês e um em francês, o consumo de livros de lazer impressos em outras línguas não é comum entre os oito.

Os horários de leitura por lazer dos livros impressos são variados, de manhã, à tarde ou à noite, mas tendem a se concentrar nos momentos antes de dormir. Dois têm por hábito ler no trabalho e um nos deslocamentos, mas para todos, o lugar ideal é a própria residência, onde geralmente têm um "canto de leitura", que descrevem como bem iluminado, tranquilo, silencioso e reservado. Este fica normalmente no quarto ou na sala, ali postam-se sentados ou recostados e abordam seus livros. Nesse processo, notou-se a importância do "isolamento" e, a respeito disso, Esther afirma: "É quase igual a uma transa (ler), não se pode fazer em público".

As consultas são uma prática comum entre sete dos entrevistados. Estas são feitas geralmente em dicionários impressos, atlas e outros livros. Entretanto, a fonte que ganhou maior destaque foram endereços na internet, principalmente buscadores, dicionários virtuais e enciclopédias *online*. Esther é uma das entrevistadas que, apesar de consultar bastante nos meios impressos, passou a adotar o computador. Observou-se isso quando a entrevistada foi questionada sobre as fontes de suas consultas:

Nos meus livros mesmo. [...] Só. Não, às vezes... minto! Minto! Minto! Nos meus livros e aí eu procuro a internet. Agora, eu procuro a internet. [...] Só a internet, às vezes que eu busco quando não tem – a informação nos dicionários e enciclopédias impressas que costuma consultar.

As marcas também são atos frequentes. Quando encontram trechos instigantes, que lhes trazem dúvidas, sete deles tendem a destacá-los para mais tarde poder retornar com facilidade, tirando dúvidas gerais ou relendo com carinho os trechos que mais lhes agradam. Esther merece, novamente, destaque aqui, já que demonstrou um sistema de marcações elaborado, onde pode usar lápis e canetas de cores diferentes, sendo que cada cor tem um valor e o vermelho, por exemplo, significa que é um trecho de maior importância. Ao ser questionada a respeito de como são as marcas que faz, descreve:

Faço! Faço! Com lápis, com caneta, com papeizinhos que gruda e cola. Então, é (sic) marcas com lápis, com caneta, às vezes com caneta vermelha. [...] É um sistema até de valor, de importância, de impacto que aquela leitura me provocou naquele momento. Se aquilo que eu li me provocou... encontrou com o que eu precisava reforçar em mim ou me abriu um grande leque de percepções, aí eu grifo

em vermelho para depois facilmente procurar ali. Significa o nível de importância – do trecho marcado – naquele momento, para mim.

As anotações não se mostraram tão populares, mas ainda sim expressivas, já que cinco têm este hábito. A maioria das notas são feitas em cadernos que agregam os trechos retirados dos textos que mais marcaram os entrevistados, mas havia casos de anotações no próprio livro, nas margens e na contracapa – servindo de índice para o que tinha sido marcado no interior. Na seguinte declaração de Iara, exemplificamos as atitudes para com as notas, além de observar a já comentada tendência de preservar os livros. A entrevistada, questionada se teria o costume de anotar nos livros, responde:

Não, às vezes, quando encontro alguma coisa de que gosto, tomo nota no papel. Nem gosto que risque! Ahhh, eu acho um absurdo! [...] Se tiver alguma coisa que interesse, eu pego, escrevo num papel, guardo. Eu tenho um caderno ali – aponta para o objeto na sala – cheio de pensamentos e coisas que eu gosto de escrever de um livro, que acho bonito. Eu escrevo ali.

Apenas as interferências no texto não são expressivas, já que somente duas pessoas as realizam colando papéis nos textos com anotações, corrigindo a grafia e riscando trechos gramaticalmente incorretos. Ana só interfere nos livros quando vai doá-los, pois gosta de recortar as dedicatórias para que fiquem consigo. A maioria respondeu que este tipo de alteração seria um dano ao livro.

Nossos entrevistados manifestaram em suas respostas forte sentimento de posse sobre os livros impressos que adquiriram. Podemos perceber isso em declarações como de Iara: "Eu tenho ciúmes dos meus livros. Eu não gosto que baguncem meus livros. Eu empresto, mas quero que me devolvam! Eu guardo meus livros!". Enquanto apenas um disse não ser apegado a esses objetos, mas às histórias, os restantes afirmaram terem ciúmes e forte apego. Uns não emprestam seus textos de forma alguma, outros o fazem com restrições, escrevem seus nomes e endereço para garantir a devolução, dois até mantêm cadernetas com os títulos daqueles emprestados. Para esse grupo, o objeto material tem um elemento de sedução e tê-los consigo, tocá-los com suas mãos é importante. Para Esther, essa posse representa também liberdade de uso e apropriação e, por isso, afirma que ler não é confortável se o livro é de outra pessoa, já que se sente restringida.

Neste grupo levou-se igualmente em consideração mais de um conjunto de dados para estudarmos se nossos entrevistados apresentam uma leitura por lazer de seus livros impressos linear ou fragmentada.

Primeiro, todos os sujeitos consultados afirmam não realizar outras atividades durante a leitura. Inclusive, reforçam a ideia de que buscam silêncio e isolamento ao desligarem todos os aparelhos eletrônicos próximos, como Carmem, que ao ser questionada sobre fazer outras atividades enquanto lê, responde: "Não, isso eu não gosto. Não me dou bem com isso. Eu gosto assim: se eu vou ler, eu quero tentar ler, só ler. Desligo tudo, rádio, televisão, música." Apenas um indivíduo come e outro escuta música ocasionalmente ao ler.

Segundo, todos costumam completar a leitura dos livros que abordam. Há alguns casos em que desistem de terminar um título, mas novamente em razão do conteúdo não lhes agradar, ser desinteressante ou não estar de acordo com o que busca no momento. É o caso de Esther, quem afirma que não perde o interesse em um livro por motivos do suporte:

Não, o interesse eu posso perder quando eu tinha uma ideia e aquilo não coaduna com a minha ideia pré-estabelecida. [...] Um livro superinteressante pode cair na minha mão, mas o meu foco pessoal não me deixa ir adiante. Ai, passa um tempo, de repente, aquilo – o livro – cai na minha mão de novo e eu devoro o livro.

Por outro lado, foram relatados fatores que podem desestimular e atrasar o término de um texto, como folhas grudadas, letras pequenas, espaçamento ruim e erros ortográficos. É o que nos conta André: "O que me irrita é folha grudada com folha. Eu vou fazer assim – mostrando os movimentos para desgrudar as folhas. Deus que me livre. Quando pego um livro que está todo assim, sabe o que eu faço?! Eu paro de ler e começo a soltar as folhas todinhas."

Terceiro, seis dos entrevistados não "escaneiam" seus livros ao lerem. Estes gostam de percorrer os textos de "ponta a ponta", "saboreando-o". Para Esther, tal atitude seria desvalorizar o texto. Ricardo e Felipe são os únicos que têm esse hábito e até pulam capítulos inteiros, geralmente porque já os conhecem em parte e são muito extensos. No entanto, em algumas ocasiões tal ação serve para produzir uma ideia geral do que será lido.

Quarto, nenhum entrevistado lê mais de um livro por lazer no mesmo momento. Alguns o fazem apenas quando estão estudando. Porém, cinco entrevistados costumam ler mais de um livro no mesmo período. Esther é um desses: "Eu costumo ler vários livros impressos ao mesmo tempo. Na minha cabeceira tem meia dúzia de livros. No consultório também tem uma pilha lá com quatro." E completa dizendo que não os lê no mesmo momento, isto é, intercalando entre um trecho e outro de diferentes títulos. Isso só ocorre quando deve estudar, pois durante as leituras de lazer "[...] não dá prazer interromper para buscar outra coisa."

Quinto, não foram relatadas questões de concentração ou distração em razão do suporte. Foram reportados desvios de atenção causados por motivos externos ou devido divagações geradas por ideias e lembranças pessoais despertadas. É o que nos descreve Carmem, quando perguntada se perde o foco no texto:

Às vezes, sim, com certeza! Depende, às vezes eu estou cansada e me distraio mesmo. Às vezes, a gente divaga um pouquinho. Às vezes, tem algum outro acontecimento que a gente distrai (sic). [...] Mas, às vezes, eu gosto do silêncio, de ficar isolada um pouquinho para poder, sabe?! Às vezes, para ler, eu boto uma réguinha (sic) referencial ou uma coisa branca, para diferenciar das letras e ir lendo linha por linha. [...] Isso me ajuda. Meu olho vai seguindo e tirando – o resto do texto – e vai aparecendo só o que me interessa.

Sexto e último ponto, todos dizem reler e até retornar posteriormente a trechos de entendimento mais complicado em busca de os esclarecer. Por exemplo, Felipe nos explica que o porquê de fazer isto está mais ligado ao conteúdo que é lido:

Eu releio. O meu lazer é ler esse tipo de livro técnico, que não é a mesma coisa que ler um romance, não é? Ele tem muita informação, entendeu? Um livro de divulgação científica não é exatamente um romance. Eu gosto. Eu gosto. Para mim é um lazer, mas é diferente, porque ali tem muita informação que, às vezes, você tem dificuldade de captar.

Por sua vez, Iara nos diz que tem prazer em rever as coisas belas que lê e a marcaram, retornando a elas, seja para entender melhor ou apreciá-las. O que se aproxima muito do que diz Esther sobre pular trechos de um livro de lazer e lê-lo "escaneando": "Me traz (sic) a sensação de que faltou alguma coisa. Mesmo aquilo que não agrada e não serve, faz parte. Se eu tivesse que fazer isso – pular trechos –, seria como se eu estivesse falhando em apreender o livro. É uma desvalorização do livro."

Diante dos seis pontos dispostos, conclui-se que, as leituras por lazer de livros impressos nesse grupo são em sua maior parte lineares. Contudo, foi notada a existência de situações, principalmente fora das leituras propostas a serem analisadas – de livros impresso por lazer – que se mostram não lineares, o que nos inclina a consideração da "circunstancialidade" mais uma vez.

#### 4.2.2.1 Os leitores de livros impressos e suas leituras no digital

Apesar de nenhum dos entrevistados consumir livros em leitores eletrônicos<sup>55</sup>, como no primeiro grupo, seis têm contato com o digital, lendo textos mais curtos geralmente na internet. Estes textos são principalmente mensagens pessoais (*emails*, *sms* e mensagens em redes sociais), notícias e reportagens de jornais e revistas, consumidos diariamente. Dois aventuram-se por *blogs*, mas somente Felipe declarou ler livros digitais, o que faz em seu *tablet* através de um aplicativo específico para os títulos vendidos pela loja virtual da atacadista estadunidense Amazon. O caso dele é particular e ligado a sua principal ocupação antes da aposentadoria, que era escritor de livros didáticos. Por isso, deveria manter-se atualizado com as últimas descobertas geralmente lançadas em livros estrangeiros, vendidos em inglês, os quais são extremamente caros, difíceis de se obter e demoram muito para chegar ao país. Portanto, sentiu-se induzido a adotar o *tablet* como meio de adquirir bem mais facilmente os títulos de que necessitava.

Apesar de não termos respostas sistemáticas e objetivas sobre a quase ausência da leitura de livros digitais – não exclusivamente para *e-readers* – neste grupo, temos possíveis indicações que incluem desde a ausência de hábito, o desconforto no uso de computadores para leituras prolongadas, falta de conhecimento para a utilização, necessidade do contato com o objeto de papel, temor da dependência de uma máquina, etc. Vemos isso nas falas de Carmem:

O livro impresso, ele é mais direto. Você não tem que ter uma máquina [...] Porque na máquina você tem um texto, mas aquele texto é etéreo, assim como se fosse uma coisa que você não toca. [...] Eu tenho um livro – digital – que me mandaram – por e-mail –, mas aquele livro cansa ler na tela – referindo-se ao monitor de seu *desktop*. Ai, me enche o saco! É porque eu estou acostumada... eu pelo menos sou desse tempo... a pegar o livro aqui – mostra suas mãos. [...] Na tela não está lá, uma coisa que não posso pegar, botar perto de mim. Existe uma questão de relação mesmo de contato.

Esta não é uma visão isolada e tem eco em outras entrevistas, como na de Esther:

[...] eu tenho uma ojeriza de textos que me mandam por e-mail. Não, não é ojeriza. Eu não tenho atração. Não tenho vontade de buscar – por textos digitais. Não gosto de apostilas – em papel – [...] não gosto de livros xerocados. [...] Eu leio, mas não é uma coisa que me dá prazer. Por isso, que não gosto de buscar textos em computador. O livro, quando eu carrego de baixo do braço, dentro da bolsa, parece que eu estou acompanhada. Agora, se ele está na máquina, eu estou submetida a alguma coisa. E na minha – com o livro impresso – bolsa não, estou submetida a mim mesma.

<sup>55</sup> Ao usarmos a expressão "leitores eletrônicos" fazemos referência aos dispositivos *hardware* com tela de *e-paper* desenvolvidos especialmente para a apreciação de *e-books*, como o *Kindle*, o *Nook* ou o *Kobo*.

A forma com que a maioria teve contato com os computadores, direta ou indiretamente, foi pelo trabalho – caso de Felipe – ou por estudo, seja com a atualização do escritório ou para poder produzir trabalhos de um curso de pós-graduação. A média de idade desse primeiro contato gira em torno dos 51 anos, bem tardio. Atualmente a maioria das atividades realizadas no digital pelos seis sujeitos que são usuários incluem normalmente a troca de mensagens pessoais, pequenas pesquisas em buscadores, leituras diversas e trabalho.

Com base em tais experiências e em impressões criadas sobre a tecnologia, todos os respondentes nos dizem ver diferenças entre as leituras que travam – ou poderiam travar, no caso dos dois respondentes que não utilizam computadores – no digital e aquelas que mantêm no impresso. Ainda nos relatam preferirem ler por lazer nos livros impressos do que em outro meio digital. Como justificativa, são apresentadas novamente questões associadas à materialidade dos livros impressos:

[...] eu nunca tentei – ler livros no digital –, eu não sei mexer – em computadores – e não faço muita questão de aprender. [...] Eu gosto de pegar o livro – impresso! Primeiro eu vou na contracapa ver o que falam, ver se falam sobre o autor. Eu gosto, eu gosto de ter o livro. Eu tenho ciúmes dos meus livros [...] Eu gosto de segurar, manusear os livros. Às vezes eu leio, aí to lá na frente e lembro de alguma coisa que já li e volto para ler de novo. Eu acho que assim – no digital –, não tem como fazer não. Eu não sei (Iara, 73 anos).

Eu não gosto muito de ficar olhando na tela não, sabe? [...] Porque a leitura que eu curto mesmo, sei lá, acho que tem alguma coisa de pegar o papel. (Ricardo, 65).

Os entrevistados nos dizem que o livro impresso é mais pessoal e confortável do que computadores para se ler; têm também a seu favor a beleza das capas e das artes gráficas, dos tipos de papel, que refletem no prazer em manuseá-los, principalmente se são "bem feitos" ou trazem uma capa de luxo. Além da estética, ouvimos de cinco pessoas declarações que indicam um papel sensorial e comunicativo da estrutura gráfica. É o exemplo de Esther, para quem "o livro é um corpo [...] (sic)", onde tamanho, cor, peso, cheiro e tato passam uma impressão, criam uma expectativa do que há escrito. Paralelamente, outros cinco indivíduos declararam que, com um livro impresso é mais fácil elaborar uma ideia geral do texto que se tem em mãos. Observa-se isto no relato de Felipe: "o livro em papel me dá rapidamente uma ideia geral do livro, se ele é bom, se ele é difícil, se ele é fácil, se ele é agradável, folheando, do que olhando no *tablet*". Semelhante a essa declaração, temos a de Ricardo: "A tela, é chato, porque você tem que ficar passando uma página, um pedacinho da página, entendeu? Então, você não tem aquela visão da página toda para dar uma olhada rápida e ver direto o que você quer ler e o que não interessa, entendeu?"

A preferência pelo impresso conta igualmente com fatores ligados ao hábito, à confiança no meio e no conteúdo. Para André, o papel tem uma história, uma relação antiga que remete a momentos de sua vida, como quando era professor e panfletava na região da Leopoldina, no Rio de Janeiro, durante épocas de debates políticos relativos a sua categoria. André, que não usa o digital de nenhuma forma, diz confiar mais no impresso, já que não sabe a procedência dos textos digitais. Sua opinião entra em consonância com a de Carmem, para quem o digital é volátil, pois não permite preservar os textos e depende de mais variáveis, como a eletricidade e o bom funcionamento de seu complexo sistema de componentes elétricos.

Apesar de preferir o impresso, Ana, leitora de pequenos textos periódicos em seu *notebook*, nos revela uma visão receptiva ao novo suporte. Ela argumenta estar disposta a adotá-lo como meio de consumo de livros, já que lá pode-se encontrar livros gratuitos com facilidade de forma prática, sem sair de casa, "[...] basta somente abrir o *notebook* e você terá um universo na sua frente". Felipe, o consumidor mais intenso de textos digitais faz coro com essa visão mais aberta ao digital e acha que, em um futuro, tende a ler mais textos eletrônicos de todas as categorias, pela facilidade de aquisição, preço, espaço disponível e por não ter de preservar as cópias em papel. Por fim, relata que, recentemente, vendeu cerca de três mil livros para sebos, pois encontrava suas versões mais atualizadas e à venda nas livrarias virtuais de *e-books*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as informações sobre as leituras dos entrevistados trazidas nos últimos itens do capítulo anterior e estudá-las lado a lado, podemos tirar daí algumas conclusões que nos auxiliarão a produzir uma resposta ao questionamento central deste trabalho. Estas conclusões serão articuladas a seguir.

Em termos de conteúdo e/ou assunto dos textos de lazer consumidos por estes dois grupos de leitores, as diferenças estabelecem-se na forte presença, entre os leitores do impresso<sup>56</sup>, de títulos mais "informativos" – biografias, textos de história, de arte, de filosofia, de assuntos profissionais – e menos ligados à ficção, estes predominam entre os leitores de *e-readers*. Não se notou nenhuma relação dessa diferença ligada ao suporte em que cada grupo lê seus livros de lazer, conjectura-se que essa distinção pode estar relacionada a preferências das faixas etárias dos leitores.

Ainda dentro do mesmo tema, foi observado o consumo significativo de livros em língua estrangeira entre os leitores de títulos eletrônicos. Neste caso pensa-se que pode haver interferência do suporte pelo qual se consomem os textos, principalmente pela questão da acessibilidade maior a publicações nacionais ou internacionais nos meios digitais, já que no ambiente *online* tem-se títulos<sup>57</sup> de todas as partes do globo a um preço menor, alguns oferecidos gratuitamente e muitos pirateados. Isso talvez aproxime-se do que vem ocorrendo com outros produtos midiáticos, como séries televisivas, filmes<sup>58</sup>, jogos eletrônicos e músicas que, de maneira ilegal ou não, vêm sendo muito consumidos no digital através da internet, que

---

<sup>56</sup> O segundo grupo de leitores entrevistados sobre suas leituras por lazer em livros impressos serão, por questão de organização, chamados de leitores do impresso, por mais que o primeiro grupo apresente igualmente alguns leitores de livros impressos e o segundo alguns leitores de textos digitais.

<sup>57</sup> A questão da entrada dos livros digitais e suas vantagens práticas e comerciais para no mercado são um assunto importante para a indústria editorial atualmente. Observa-se isso através das reações regulatórias ou protecionistas que buscou tomar a Associação Nacional de Livrarias (ANL) diante da entrada massiva de dois grandes nomes da indústria de *e-books* no Brasil. Faz-se interessante destacar uma das medidas que a ANL buscou estabelecer para o comércio de livros eletrônicos, a qual propõe que a venda de um título em formato digital seja realizada somente após 120 dias do lançamento da mesma publicação em sua versão impressa. Pensamos que este caso mostra o quão sensível é para o universo dos livros o fator da maior acessibilidade das publicações digitais. Disponível em: <<http://tecnoblog.net/119904/anl-protacao-e-books/>> ; <<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/livrarias-pedem-protacao-contra-e-books/31156>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

<sup>58</sup> A transferência de alguns serviços de mídia para a internet tem mostrado-se quase que uma tendência em certos mercados, como foi no de aluguel de filmes, no caso da empresa Blockbuster. Fonte: Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/rede-blockbuster-interrompera-servico-de-entrega-de-filmes-no-brasil>. Acesso em: 15 jan. 2014.



oferece esses conteúdos mais rapidamente, com maior variedade<sup>59</sup>, frequentemente de maneira "gratuita" e sem deslocamento. A seguinte declaração ilustra esta situação do ponto de vista do público leitor:

Eu percebo muito isso com o grupo<sup>60</sup>. Muito livro que a gente tem ali, eu não tenho na livraria. Tem muito livro ali que são disponibilizados e traduzidos na internet e que ainda não chegaram no Brasil. E, assim, tem muito livro que não vai chegar nunca. Então, assim, depois do custo, a acessibilidade é muito importante (Daniela, 26).

A visão sobre o que é e qual o papel das leituras de lazer na vida desses indivíduos não parece ser conflitante, independentemente do meio de acesso aos livros. São práticas que preenchem o tempo vago, relaxam, divertem, agregam cultura e conhecimentos aplicados à vida e até envolvem emocionalmente ao ponto de auxiliar em momentos difíceis. Ambos mostram-se capazes de criarem em seus leitores envolvimento com os personagens, fazendo com que vivenciem e sintam a história em um nível semelhante, se não, igual. Pensamos que esta noção é reforçada pelo fato de em inúmeros momentos os leitores de ambos os grupos declararem a importância do conteúdo do livro como fator fundamental para seu término ou para a perda de interesse na publicação. É a história, o texto bem conduzido e escrito que está prendendo-os ali. No entanto, devemos ser cuidadosos quando falamos sobre o tema do envolvimento emocional de modo mais amplo, já que isso mostrou-se fortemente ligado à temática da materialidade, que será tratada a seguir.

Uma diferença notada entre esses dois grupos está nas motivações para a leitura em cada suporte. O que leva nossos leitores de *e-readers* a adotar o hábito de ler nestes são, fundamentalmente, questões práticas<sup>61</sup>, como o custo; a acessibilidade; a portabilidade; as condições de manuseio em situações adversas; a economia de espaço; as necessidades particulares, como a leitura de livros estrangeiros ou a desobrigação de preservação física. Por outro lado, as motivações que se destacaram no segundo grupo para a leitura de livros impressos apresentam fortes estímulos ligados ao hábito de uso desse formato – até em nível de desconhecimento e receio para com o uso –, às relações emocionais e sensoriais com o

---

<sup>59</sup> Muitas vezes são produtos que não chegaram em solo nacional, foram traduzidos por equipes independentes e disponibilizados para *download*.

<sup>60</sup> A entrevistada é administradora de um grupo de compartilhamento de livros digitais na rede social Facebook.

<sup>61</sup> Ana, um membro do segundo grupo, que nunca teve experiência de leitura com livros eletrônicos, mas pretende ter, ressalta atrativos de cunho bastante prático para a adoção do novo suporte, como o acesso fácil e rápido a uma ampla gama de textos e a gratuidade de muitos.

objeto físico, caso do cheiro, da beleza, o toque sobre o papel, as lembranças despertadas pelo formato, a gestualidade quase instintiva e sua "simplicidade". É interessante notar que muitos desses mesmos fatores são levantados pelos jovens do primeiro grupo como motivadores das leituras por lazer que optam realizar em livros impressos. Isto reforça o entendimento de que, em termos de envolvimento emocional e sensorial, as leituras no impresso criam uma forte influência sobre estes dezesseis indivíduos observados, talvez, nesses termos, superiores aquelas que são travadas nos *e-readers*.

Outras constatações alicerçam essa conclusão. Primeiro, as declarações de que ler no impresso é mais pessoal, mais íntimo e de que os textos digitais são coisas etéreas e distantes, já que dependem de uma máquina para acessá-lo.

Segundo, o hábito dos indivíduos do primeiro grupo de adquirirem livros impressos, os quais já consumiram no leitor eletrônico, por lhes agrada relê-los assim, para embelezar suas prateleiras e preservá-los.

Soma-se a estes o fato de inúmeros indivíduos de ambos os grupos verem os livros impressos, favorecidos pela beleza das artes gráficas e dos atributos únicos do papel, como plataformas para o consumo de publicações de arte superiores aos *e-readers*. Tal afirmação harmoniza-se com aquelas que descrevem o objeto material – texto – como um elemento de "sedução" na prática da leitura.

Quarto, pelo menos para cinco leitores do segundo grupo, a estrutura física das publicações em papel provém mais facilmente uma visão geral do conteúdo veiculado, seja através da textura do material, da qualidade, da cor, do ato de folhear, da visão dos limites físicos do livro, coisas que, nas dadas condições, são tecnicamente impraticáveis nos leitores eletrônicos.

A partir das experiências relatadas, pensou-se em três vias complementares de possíveis explicações para a forte influência emocional e sensorial do impresso. Primeiro, a leitura no impresso é realizada em um objeto ao qual se pode associar tanto as emoções geradas pela história dentro do livro, quanto aquelas que o leitor "vive com ele" – caso do "momento de vida", da história de encontro e aquisição, etc.

Segundo, o objeto que se toca, vê, cheira e transporta é, nas leituras em *e-reader*, um aparelho que media o contato com o texto, e não o texto em si com seus atributos particulares, o que, dentro do contexto analisado dos livros impressos, parece fortalecer os laços entre leitor e objeto de leitura. Enxergamos essa questão em declarações como estas:

O *e-reader*, por ser um formato digital, parece que se esvai pelos seus dedos. Ele é efêmero, ao meu ver. O livro é algo que vai estar com você por toda a vida. Você pode passar pros seus filhos. Por exemplo, eu gosto muito de Harry Potter, daqui a 15 anos eu não sei como vai estar a venda do Harry Potter. E eu não quero que os meus filhos leiam no digital somente. eu quero que ela – fazendo referência a sua filha pequena – tenha o prazer de pegar um livro legal – impresso – e ler do mesmo jeito que eu [...] (Daniela, 26).

Um livro que você gosta muito, você pode dar de presente para uma outra pessoa mostrando que você... mesmo aquele livro que você gostava muito, você é capaz de dar para ela – referia-se a sua namorada (Fábio, 23).

Terceiro, objetos fazem parte da identidade de um sujeito, estão ligadas a como este "deseja" ser visto e como as pessoas o veem. Um *e-reader* não deixa isso transparecer no nível do conteúdo do que se lê. Sabe-se que se lê algo, mas não o que. Portanto, apesar de os *e-readers* até poderem associar uma "imagem" a alguém, esta ausenta fontes de informações já consagradas sobre o que se lê presentes nas publicações de papel: o tamanho do texto; se se lê um livro, um conto, uma revista, um artigo ou um gibi; a autoria; o título; o material dedicado para a produção da obra, etc. A princípio, o *e-reader* passa informações sobre o *e-reader* e pouca coisa sobre o que se lê. É valioso notar que isto não significa em todos os casos um atrativo do impresso, para aqueles que prezam pela privacidade, o "anonimato" da sua leitura é bem-vindo, caso de Roberta, quem afirmou ler, agora, muito mais fora de casa, em razão de ninguém poder ver qual exatamente o título que a acompanha nas filas do banco, no ônibus, no consultório médico, etc.

É certo que, a princípio, nada impede que as pessoas tenham afeição por seus leitores eletrônicos, achem sua leitura mais pessoal, uma experiência sensorial agradável e/ou marcante – em nível de beleza, de sensações hápticas, olfativas, visuais, etc. – mas isto não foi manifestado pelos participantes desta pesquisa. Consequentemente, esse resultado pode indicar que, no caso desses leitores estudados, a tecnologia vem marcando distinções por suas próprias características. Por outro lado, talvez aponte para uma diferenciação na forma da percepção que os leitores tem sobre seu "contato" com o escrito em cada uma das duas plataformas. Isto é, podemos pensar que suas reações ao novo meio não provém de algum atributo da tecnologia exclusivamente, mas da conjunção de fatores contextuais que influem no momento atual desse contato entre os indivíduos entrevistados e os livros eletrônicos. Até porque, é possível que muito do que foi dito pelos entrevistados esteja carregado por choques de hábitos e experiências. É curioso pensar que justamente essas impressões, de um campo

tão subjetivo como os sentimentos, gostos, hábitos, são uma das que marcaram aqui uma das diferenças entre as práticas de leitura do impresso e dos leitores eletrônicos.

Vemos no debate levantado nos parágrafos anteriores uma intensa associação ao tema da materialidade, que parece traçar o contorno das maiores distinções entre os dois grupos de leituras observadas. A próxima dessas distinções notadas diz respeito a relação de posse que, no segundo grupo é fortíssima, exposta pelos ciúmes do "objeto livro", pela recusa ao empréstimo das obras, a criação de marcas de posse e circulação em vista de garantir o retorno ao dono, etc. Porém, no primeiro grupo não se observou este sentimento de posse sobre os *e-books*, pelo contrário, muitos sentiam ciúmes e forte vínculo com os títulos em papel que adquiriam.

Não se notaram grandes diferenças nas consultas, o que deve ser destacado é o fato de a maior parte das fontes de informação, mesmo nos leitores do segundo grupo, ser digital – dicionários, tradutores, enciclopédias todos virtuais. Interpretamos isso como um indicador das facilidades e praticidades na realização de buscas no meio virtual – seja através dos recursos do próprio *e-reader* ou dos computadores de forma geral –, que agrega um banco de dados dinâmico, mundial, em constante atualização, "gratuito", pré-catalogado pelos sistemas de buscas *online* e de fácil alcance.

As marcações também tiveram frequência igual nos dois conjuntos de leituras. Em ambos os formatos são feitos destaques de palavras, frases e parágrafos bonitos, importantes, ou que deixaram alguma dúvida.

Já as anotações não se mostram um hábito tão comum nas leituras de livros digitais por lazer, mas são expressivas no impresso, geralmente feitas em cadernos ou nas margens e na contracapa. A presença inexpressiva durante as leituras em *e-readers* é explicada por leitores que dizem ser um ato trabalhoso, que leva à perda de ritmo e, em alguns casos, porque não se consegue recuperar o que foi anotado no próprio texto. No entanto, antes de associar este dado ao suporte puramente, devemos observar o fato de que, dentro do grupo de leitores de livros eletrônicos, mesmo no impresso, as anotações só eram prática corrente em textos de estudo, não nos de lazer. Por fim, esses resultados parecem ligar-se, primeiramente, à materialidade do texto eletrônico, que traz uma interação indireta – mediada por um *software* e um *hardware* –, onde a máquina é o meio de acessar e anotar. Isto já configura uma condição de uso/relação com o texto diferente daquela do impresso: mais direta e "estabilizada" na cultura pelos séculos de presença. Para lidar bem com os textos eletrônicos, o leitor talvez tenha de estar a par do funcionamento dos programas e da máquina, além das

constantes atualizações<sup>62</sup>. O que nos leva a mais um fator, o costume de uso daquele meio para ler. Por fim, temos o motivo de leitura – lazer, estudo, informação diária, pesquisa, etc. –, pois algumas práticas podem ser reservadas a certas leituras. É o caso de anotações e leituras para estudo.

As interferências também mostram distinções entre as leituras no impresso e no *e-reader*. Neste último são mais expressivas essas "modificações" dos livros, mesmo que não muito. A análise das informações coletadas indica que isto ocorre, novamente, devido à materialidade mediada dos textos digitais, pois assim é possível alterar o escrito em vários níveis, e sem nenhum "prejuízo" ao original, já que estas modificações normalmente são reversíveis e não afetariam a preservação de um título, questão sempre levantada quando o assunto eram os livros de papel. Sem contar, é claro, a simplicidade com que se faz essas alterações.

Com respeito à ordem que se segue para percorrer os livros, se for levado em conta o modo habitual com que os dois grupos leem, temos resultados diferentes dos anunciados pelos pesquisadores vistos no terceiro capítulo. Nossos leitores mostram leituras lineares, que seguem sequencialmente as histórias, não dividem seu momento de leitura com outras tarefas, consomem os títulos por inteiro, não só passam os olhos sobre o texto, não lhes falta dedicação para reler trechos complicados, debruçar-se sobre e buscar o esclarecimento do mesmo. Dentre as distrações habituais, os *links* não foram significativos, mas sim elementos do ambiente ou reações no próprio leitor ao texto, como algum barulho ou uma digressão causada por uma lembrança ou qualquer outro pensamento. Apesar da leitura de mais de um livro no mesmo período ser facilitada pela capacidade do *e-reader* de carregar várias publicações ao mesmo tempo, isto não representou uma dificuldade de manter a linearidade, pois não significa que se largou completamente um título para se ler outro, mas que se mantém leituras paralelas, as quais são da mesma forma frequentes no grupo de leitores do impresso.

Muitas das pesquisas vistas no terceiro capítulo (SOARES, 2002; FURTADO, 2006; SCHONS e VALENTINI, 2012; FACHINETTO, 2005) focavam-se nas características de multilinearidade, multimídia e multitarefa dos *hipertextos* para descrever a maior parte das leituras de textos eletrônicos como fragmentadas, consistindo em trechos curtos e pequenos textos, de difícil manutenção da concentração, etc. Com os resultados aqui obtidos,

---

<sup>62</sup> É verdade que os livros em papel e aqueles impressos mudaram de muitas maneiras ao longo da história, mas, pelo menos no presente momento, as tecnologias digitais mostram um ritmo de atualização bastante acelerado, sofrendo transformações significativas e periódicas em questão de meses.

especulamos se estas características podem ter seu papel sem serem determinantes nas práticas de leitura. Até porque, podemos ter dispositivos digitais, caso dos *e-readers*, que focam em trazer experiências de leitura próximas às do impresso.

É claro que, em quase todos os tópicos trabalhados houve informações que revelaram, sob alguma condição, a perda de interesse em um texto e sua leitura parcial, a realização de atividades paralelas e o hábito de "escanear", mas estes frequentemente estavam mais vinculados à intenção/objetivo de leitura em uma dada situação, a falhas na produção do texto, a hábitos pessoais, ao conteúdo escrito e tantos outros fatores, os quais não são regidos por alguma espécie de determinação do suporte, mas por uma "circunstancialidade".

Tais conjuntos de dados trazidos nos dois últimos parágrafos alicerçam o entendimento de que, em ambos os grupos, as leituras não se configuraram como superficiais, isto é, não são feitas com a atenção dividida, por meio de "saltos" constantes no texto e o consumo somente de fragmentos, diferentemente do que observou, por exemplo, Liu (2005) com sua pesquisa que apontou uma leitura marcada pelo ato de "escanear"; ou Arena e Moraes (2012), que concluíram que os recursos e ferramentas dos suportes eletrônicos dificultam a manutenção do foco.

Em termos de locais, posturas e horários de leitura, não se observou grandes alterações de um grupo para o outro. Houve somente uma maior difusão dos quadros possíveis de leitura com os *e-readers*, isto é, um maior número de leitores dispunha-se a ler em mais diversas formas: em pé, sentado, deitado, recostado, em transportes públicos lotados, etc. Enquanto, que, apesar dessas condições serem notadas no impresso, não eram tão frequentes. No entanto, há de se considerar que, no segundo grupo, muitos são aposentados e não só possuem rotinas diferentes, como têm limitações físicas pela idade avançada, o que se constatou dificultar a leitura em lugares pouco confortáveis, com uma iluminação não ideal, barulhentos, etc. Ainda assim, é interessante balizar este resultado com as respostas sobre o desgaste físico na leitura de *e-readers* que, conforme indicam os entrevistados do primeiro grupo, é igual ou menor se comparado aquele gerado na leitura de publicações em papel, tanto pelo peso, como pela tela sem iluminação própria e as condições de manuseio mais "práticas". Questionado se a leitura em *e-readers* seria mais cansativa do que a dos livros impressos, Fábio nos trouxe uma declaração que ilustra bem o que notamos com os outros entrevistados: Não, é a mesma coisa. Mas se o livro for muito pesado, talvez no impresso seja mais cansativo. Por exemplo, o livro do Senhor dos Anéis marca a barriga pelo peso."

A frequência de leitura de livros por lazer também não apresentou diferenças, na verdade, a mesma quantidade de membros de cada grupo indicaram ter o hábito de ler

diariamente. Contudo, deve-se observar que entre os leitores do primeiro grupo apresentaram-se casos de aumento na quantidade de livros lidos pela acessibilidade. Foi o que notamos com Roberta, quem passou a ler mais pela maior simplicidade em obter livros pela loja virtual, principalmente os títulos estrangeiros.

Diante das considerações arroladas, são notáveis as diferenças entre as práticas de leituras dos livros em *e-readers* e aquelas dos livros impressos. Contudo, há muitas semelhanças que distanciam, parcialmente, nossos resultados das descrições e caracterizações propostas pelas pesquisas trazidas no capítulo três, o que, por fim, nos faz indagar se seria adequado caracterizar as leituras digitais como um todo, sem observar o suporte, as intenções e motivos de leitura – se para entretenimento, uma pesquisa breve, estudo, etc. –, o tipo de texto – *online*, *offline*, *e-books*, periódicos e outros – e o leitor – sua história, intimidade com o suporte. Entretanto, uma resposta adequada a tal questão só pode ser respondida por meio de empreitadas futuras.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Roberta; SILVA, Erotilde. “Quem lê tanto romance? As práticas de leitura dos livros do coração”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. UNICAP. **Anais XXXIV INTERCOM**, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0685-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- ARENA, Adriana P. B. ; MORAES, Léa A. O. A Leitura em Suporte Impresso e Digital: Modificações nos Modos de Ler. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 16., 2012, Campinas. UNICAMP. **Anais XVI ENDIPE**, 2012. Araraquara: Junqueira&Marin Editores. Disponível em: <<http://www2.unimep.br/endipec/1908p.pdf>> Acesso em: 15 out. 2013.
- BARBIER, Frédéric. **História do Livro**. São Paulo: Paulistana, 2008.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BURKE, Anne e ROWSELL, Jennifer. Reading by Design: Two Case Studies of Digital Reading Practices. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v.53, n.2, out. 2009, p. 106–118. International Reading Association Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1598/JAAL.53.2.2/abstract>>. Acesso em: 2 Nov. 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Ática, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Robger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.
- \_\_\_\_\_. “The order of the books: Revisited”. Artigo publicado em *Modern Intellectual History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- \_\_\_\_\_. (dir.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- \_\_\_\_\_. “Os livros resistirão às tecnologias digitais”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 204, ago. 2007. p. 9 – 10. Entrevista.
- \_\_\_\_\_. Língua e leitura no mundo digital. In: \_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: EdUNESP, 2002.



CHRISTOPHER, Roy. **Jay David Bolter**: FutureText. Disponível em:  
<<http://roychristopher.com/jay-david-bolter-futuretext>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

COELHO, Lenir J. B. A Leitura e a escrita no hipertexto digital como práticas sociais: reflexões a partir da perspectiva do letramento. **Revista Ícone: Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, v.11, jan. 2013.

COSTA, Sérgio Roberto. (Hiper)Textos Ciberespaciais: Mutações do/no Ler-Escrever. In: **Cadernos Cedex**, v. 25, n. 65, jan./abr. 2005, p. 102-116. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a08v2565.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

COUTINHO, Eduardo G.; GONÇALVES, Márcio S. (Orgs.). **Letra Impressa: Comunicação, Cultura e Sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue, 2006.

DARNTON, Robert. **“O que é a história da leitura?”**. Artigo presente na revista *Daedalus*, 1982.

\_\_\_\_\_. **A Questão dos Livros**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **“What’s the history of the books?: Revisited”**. Artigo publicado em *Modern Intellectual History*, Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DE LAS HERAS. **Navegar por la información**. Madri: Los Libros de Fundesco, 1991.

EDEN, Sigal e ESHET-ALKALAI, Yoram. Print Versus Digital: The Effect of Format on performance in Editing Text. In: CHAIS CONFERENCE ON INSTRUCTIONAL TECHNOLOGIES RESEARCH, Raanana 2012. In: **Learning in the Technological Era**. Raanana, 2012, p. 13-21. Disponível em:  
<[http://www.openu.ac.il/innovation/chais2012/downloads/c-Eden-Eshet-Alkalai-63\\_eng.pdf](http://www.openu.ac.il/innovation/chais2012/downloads/c-Eden-Eshet-Alkalai-63_eng.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2013.

EISENSTEIN, Elizabeth L. **A Revolução da Cultura Impressa**: os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.

FACHINETTO, Eliane A. O Hipertexto e as Práticas de Leitura. **Revista Letra Magna: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, n. 3, 2005. Disponível em: <  
[http://www.letramagna.com/Eliane\\_Arbusti\\_Fachinetto.pdf](http://www.letramagna.com/Eliane_Arbusti_Fachinetto.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2013.

FARBIARZ, Alexandre e NOJIMA, Vera Lúcia M. S. Um Breve Olhar sobre a Ruptura Eletrônica do Livro. In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte, PUC-MG. **Anais XXVI INTERCOM**, 2003. Disponível em:  
<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/18445948069902495385113744168014848875.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

FURTADO, Jose A. **O Papel e o Pixel: Do Impresso ao Digital**. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

\_\_\_\_\_. Hipertexto *revisited*. **Letras Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, , p.31-55, abr./jun. 2010. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/7525/5395>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

GALEY, Alan. The Enkindling Reciter: E-Books in the Bibliographical Imagination. In: *Book History*, 2012. **Book History**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998-. Anual.

GONÇALVES, Márcio Souza. **Ler, escrever, imprimir**: as tecnologias de comunicação e seus usos. Projeto Prociência 2011-2014.

HAVELOCK, Eric A. **The Literate Revolution in Greece and its Cultural Consequences**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1981.

HAVELOCK, Eric. A. **Preface to Plato**. Cambridge: Belknap Press, 1982.

JABR, Ferris. The Reading Brain in the Digital Age: The Science of Paper versus Screens. In: **Scientific American**. Disponível em: <<http://www.scientificamerican.com/article/reading-paper-screens/>>. Acesso em: 1 out. 2013.

JOHNS, Adrian. **The Nature of the Book**: Print and Knowledge in the Making. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

\_\_\_\_\_. **Piracy**: The Intellectual Property Wars from Gutenberg to Gates. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

LARSON, Lotta C. Digital Readers: The Nest Chapter in E-Book Reading and Response. In: **The Reading Teacher**, v. 64, n.1, p. 15-22, 2010. Disponível em: <<http://designing-curriculum.wikispaces.com/file/view/Digital+Readers+Research.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

LEMOS, André. Dispositivos de Leitura Eletrônicos. **Comunicação, Mídia e Consumo**. v. 9, n. 24, , p. 115-131, maio, 2012. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/239/234>>. Acesso: 10 jan. de 2013.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIU, Ziming. Reading behavior in the digital environment Changes in reading behavior over the past ten years. In: **Journal of Documentation**, v.61, n.6, p. 700-712, 2005. San Jose: Emerald Group Publishing Limited.

LIU, Ziming. Digital reading: An overview. **The Chinese Journal of Library and Information Science**, v.5, n.1, p. 85–94 2012. Beijing: Chinese Academy of Sciences.

MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. Hipertexto e gêneros digitais: modificações no ler e escrever? **Conjectura: filosofia e educação**. v. 14, n. 2, p. 49-63, maio/ago. 2009. Disponível em: < <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/14/13>>. Acesso em: 20 out. de 2013.

MANGEN, Anne et al. Reading linear texts on paper versus computer screen: Effects on reading comprehension. **International Journal of Educational Research**, v. 58, p. 61-68, 2013. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0883035512001127>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

MCKENZIE, D. F. **Bibliography and the sociology of texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **Making Meaning: Printers of the Mind and Other Essays: Studies in Print Culture and the History of the Book**. Boston: University of Massachusetts Press, 2002.

MEGGS, P.B.; PURVIS, A. W. **História do design gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MELÃO, Dulce H. M. R. Ler na era digital: os desafios da comunicação em rede e a (re)construção da(s) literacia(s). **Exedra Journal**, n. 3, p. 75-89, 2010. Disponível em: <[http://www.exedrajournal.com/docs/N3/06A-Dulce-melao\\_pp\\_75-90.pdf](http://www.exedrajournal.com/docs/N3/06A-Dulce-melao_pp_75-90.pdf)>. Acesso em: 1 Out. de 2013.

MOYER, Jessica E. **"Teens Today Don't Read Books Anymore": A Study of Differences in Comprehension and Interest Across Formats**. 2011. 168 f. (Doutorado em Filosofia) - University of Minnesota, Minnesota, 2011.

PAN, Maria C. de O. e VILARINHO, Lúcia R. G. Leitura em suportes virtuais: novo desafio na formação de professores. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.45, v.6, p. 1-11, 2008. Disponível em: < <http://www.rioei.org/deloslectores/2363Pan.pdf>>. Acesso em: 5 Out. de 2013.

PARK, Seongbin. Structural properties of hypertext. In: ACM CONFERENCE ON HYPERTEXT AND HYPERMEDIA: LINKS, OBJECTS, TIME AND SPACE, 9., 1998, Pittsburgh. **Hypertext '98**, New York, 1998, p. 180-187. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?id=276647>>. Acesso em: 15 out. 2013.

QUEIROZ, Sônia. Poesia em Imagens, Sons & Páginas Virtuais. p. 161-190. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras. Belo Horizonte: Ceale, 2001.

ROSENBERG, Jim. The Structure of Hypertext Activity. In: ACM CONFERENCE ON HYPERTEXT AND HYPERMEDIA, 7., 1996, Washington, DC. **Hypertext '96**, New York, p. 22-30, 1996. Disponível em: < <http://dl.acm.org/citation.cfm?id=234831>>. Acesso em: 15 out. 2013.

SCHONS, Mariane M. ; VALENTINI, Carla B. Movimentos de letramento digital nas práticas de leitura e escrita: um estudo de caso de uma criança do ensino fundamental. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul. **Anais IX ANPED Sul**, Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3289/943>>. Acesso em: 15 out. 2013.

SIMÕES, Marco A. **História da Leitura**: do papiro ao papel digital. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

SOARES, Magda. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura. In: **Educação e Sociedade**, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>>. Acesso em: 11 Nov. 2013.

## APÊNDICE A – Tópicos guia

### 1. Informações pessoais

- Nome.
- Idade.
- Gênero.
- Formação escolar.
- Profissão.
- Classe social.
- Residência.
- Estado civil e filhos.

1- Quais são seus livros de lazer?
2- Além do entretenimento, o que lhe estimula a ler por lazer?

### 2. Consumo e relação com os suportes de texto

3- Quando e como você começou a usar computadores (casa de amigos, escola, por parentes, na rua, trabalho, etc)?
4- O que motiva você a ler livros de lazer impressos/no <i>e-reader</i> /?
5- Quando começou a usar computadores, quais atividades costumava realizar no ambiente digital (computadores e etc.)? E hoje?
6- Quando, como e por que iniciou o consumo de livros de lazer impressos/no <i>e-reader</i> ?

7- Que tipo de texto você lê no digital?
a) Livros
b) Artigos e outros tipos de textos em arquivos ( <i>pdf, word</i> etc.)
c) Notícias
d) Reportagens
e) <i>Blogs</i>
f) Mensagens (e-mail, <i>sms</i> , etc.)
g) Outros - Quais?

8- Que tipo de texto você lê no impresso?

a) Livros
b) Artigos
c) Notícias (jornais e revistas)
d) Reportagens (jornais e revistas)
e) Mensagens (cartas e etc.)
f) Outros. Quais?

### 3. Frequência de leitura

9- Com que frequência lê?
a) livros de lazer no <i>e-reader</i> ;
b) livros de lazer no impresso;
c) jornais impressos;
d) jornais em computador.

#### 4. Preferências por formatos e/ou suportes

10- Você acha que há diferença entre ler livros de lazer no impresso e no *e-reader*? Prefere qual? Por que?

### 5. Condições e contextos de leitura

11- Ao ler algum livro de lazer impresso/no *e-reader*, você realiza outras atividades?

12- Você poderia, resumidamente, descrever sua rotina e, dentro dela, onde se encaixa seu horário usual de leitura, especificando quando lê livros de lazer no *e-reader*/impresso?

13- Onde costuma ler livros de lazer impressos/no *e-reader*?

14- Quais são as posturas corporais que costuma ter para suas leituras de livros por lazer impresso/no *e-readers*?

### 6. Ação com/a partir dos textos

15- Você costuma ler livros de lazer impressos/no *e-reader* do começo ao fim ou, recorre só a trechos? Ou ainda perde o interesse rápido e parte para outros (tamanho de letra, espaçamento, falhas)?

16- Você costuma ler mais de um livro de lazer impresso/no *e-reader* ao mesmo tempo, relacionando-os?

- 17- Durante a leitura de livros de lazer no *e-reader*/impresso você costuma fazer consultas (buscadores, dicionários, enciclopédias e qualquer outro tipo de texto impresso ou digital)?
- 18- Durante a leitura de livros de lazer impressos/no *e-reader*, você faz anotações? Como?
- 19- Durante a leitura de livros de lazer impressos/no *e-reader*, você faz marcas? Como?
- 20- Durante a leitura de livros de lazer impressos/no *e-reader*, você faz interferências (tipo: copiar e colar)? Como?

## 7. Idiomas

- 21- Você costuma ler livros de lazer em outras línguas no e-reader/no impresso?

\*\*\*

## 8. Questões Extras<sup>1</sup>

- 22- Você imprime um livro de lazer do *e-reader* para ler?
- 23- Você tem o hábito de ler livros de lazer do *e-reader*/no impresso "escaneando-os", buscando por palavras-chave, sem realmente consumi-lo linearmente? Por que?
- 24- Você se vê interagindo mais com os livros de lazer do *e-reader* ou com os livros de lazer do impresso? Por que?
- 25- Você acredita que links e outros elementos dos livros de lazer nos *e-readers* atrapalham a linearidade da sua leitura?
- 26- Você crê ser mais lento lendo um livro de lazer no *e-reader* ou no impresso? Por que?
- 27- Você crê ser mais seletivo com os livros de lazer que lê no *e-reader* ou aqueles que lê no impresso?
- 28- Você crê absorver menos informação lendo um livro de lazer no *e-reader* do que no impresso? Por que?
- 29- Você se distrai lendo livros de lazer no *e-reader*/no impresso? Por que?
- 30- Você acha a leitura em de livros de lazer no *e-reader* mais cansativa do que a leitura de livros de lazer no impresso?
- 31- Você acredita encarar os livros de lazer no *e-reader* com menos seriedade/compromisso?

<sup>1</sup> Questões adicionadas posteriormente.

32- Você relê trechos de um livro de lazer no *e-reader*/no impresso por não entendê-lo ou passa direto? Se não, por que?

33- Quando você obtém um livro de lazer impresso/para o *e-reader* você acredita estabelecer alguma relação de posse? Como e por que?

34- Você se orienta bem em um livro impresso/no *e-reader*?

35- Você se sente com liberdade para mexer e ler da forma que desejar no livro de lazer impresso/no *e-reader*?

36- Você sente dificuldades e desconfortos ao tentar transferir suas práticas de leitura do impresso para o *e-reader*?